

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
MESTRADO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

**A FÉ COMO FORÇA DESAFIADORA DO SENTIDO NA VIDA: ESTRATÉGIAS
DE ENFRENTAMENTO PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA**

EMILDSON CAVALCANTI JUNIOR

JOÃO PESSOA
2024

EMILDSON CAVALCANTI JUNIOR

**A FÉ COMO FORÇA DESAFIADORA DO SENTIDO NA VIDA: ESTRATÉGIAS
DE ENFRENTAMENTO PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba, programa de pós-graduação em Ciências das Religiões na linha de pesquisa Espiritualidade e Saúde, como requisito parcial, para obtenção do título de mestre em Ciências das Religiões.

ORIENTADOR:
Prof. Dr. Thiago Antonio Avellar de Aquino.

João Pessoa
2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

J95f Cavalcanti Junior, Emildson.

A fé como força desafiadora do sentido na vida:
estratégias de enfrentamento para a população em
situação de rua / Emildson Cavalcanti Junior. - João
Pessoa, 2024.

163 f. : il.

Orientação: Thiago Antonio Avellar de Aquino.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CE.

1. População em situação de rua. 2. Logoterapia. 3.
Fé. 4. Sentido na vida. 5. Espiritualidade. I. Aquino,
Thiago Antonio Avellar de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 159.9(043)

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

A FÉ COMO FORÇA DESAFIADORA DO SENTIDO NA VIDA: ESTRATÉGIAS DE
ENFRENTAMENTO PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Documento assinado digitalmente
 **EMILDSO CAVALCANTI JUNIOR**
Data: 05/06/2024 09:22:06-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

EMILDSO CAVALCANTI JUNIOR

Dissertação apresentada à banca examinadora formada pelos seguintes especialistas.

Documento assinado digitalmente
 **THIAGO ANTONIO AVELLAR DE AQUINO**
Data: 04/06/2024 12:27:12-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Thiago Antonio Avellar de Aquino
(orientador/PPGCR/UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **KAREN GUEDES OLIVEIRA**
Data: 04/06/2024 16:28:36-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Karen Guedes Oliveira
(membro-externo/UFPB)

Documento assinado digitalmente
 **ALISSON DE MENESES PONTES**
Data: 04/06/2024 20:23:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Alisson de Meneses Pontes
(membro-externo/UNILIFE)

Aprovada em 03 de junho de 2024.

Dedico esta dissertação àquele que é o princípio e o fim. O nome sobre todo nome. A Deus toda honra, louvor e glória. A Heloisa, minha esposa e companheira de todas as horas. Aos nossos filhos Emmanuel, Israel e Gabriel, continuidade de nossa história. Aos meus pais Emildson (em memória) e Ivonete. Vocês são testemunhas e motivação da vitória.

AGRADECIMENTOS

Ao meu Senhor e redentor, o companheiro de todos os momentos. Agradeço a ti Deus, por nutrir minhas forças e firmar meus pés no caminho, sempre iluminado por tua palavra, que é boa, perfeita e agradável.

A minha esposa, que anda de mãos dadas comigo há 34 anos, compartilhando de todas as dores e alegrias. Personagem muito importante neste momento, incentivando e propiciando tempo para que eu produzisse, em meio a tantas lutas. Essa vitória é também sua, meu amor.

Aos meus filhos. Olhar para vocês me motiva a continuar, possibilitando servir de exemplo para que vocês não desistam. Lembrar o que passou e perceber o quanto crescemos juntos, construindo uma história que ficará para a posteridade é motivo de sentindo na vida.

A minha mãe, a guerreira que em meio a tantos sofrimentos nos criou. A mim e ao meu irmão, motivo de alegria para mim também. A você mãe, para te dizer que valeu todo o esforço, cada lágrima vertida. Obrigado!

Ao meu sogro (em memória), minha sogra e minha cunhada, por terem me adotado como filho e irmão. Agradeço por todos os momentos construídos entre lágrimas e sorrisos. Sou eternamente grato por tudo que Deus me concedeu, através de vocês.

A minha comunidade de serviço, a Igreja Batista Betânia, cujo trabalho, o Esperança na Rua, motivou esta dissertação. Teremos um longo caminho pela frente. Mas, já agradeço a Deus pela instrumentalidade de vocês e pelas vitórias que contemplaremos, a partir dos resultados desta pesquisa.

Ao meu orientador, o Professor, Dr. Thiago Aquino, que me acompanha desde a formação em Psicologia. Mais que um orientador, alguém que acreditou que eu poderia chegar aqui. Obrigado por todo seu apoio!

A banca examinadora desta dissertação, comissão composta pelos professores Doutores Thiago Antonio Avellar de Aquino (orientador e presidente/PPGCR/UFPB), Karen Guedes Oliveira (membro-externo/UFPB) e Alisson de Meneses Pontes (membro-externo/UNILIFE). Pessoas que me ajudaram a trilhar o caminho almejado, auxiliando na facilitação da descoberta, tanto na Logoterapia, quanto nas Ciências das Religiões. Na certeza da continuidade da companhia de vocês, sou grato por tudo.

Aos meus professores, construtores ajudantes desta caminhada. Desde a Escola Municipal Ruy Barbosa até o Departamento de Ciências das Religiões da UFPB. Vocês caminham comigo, em todas as vitórias.

Aos colaboradores do Centro Pop I, na pessoa de sua coordenadora, que abriram as portas para mim, possibilitando a realização da pesquisa. Agradeço pela receptividade e auxílio.

Aos participantes da pesquisa, que com a sua colaboração enriqueceram a investigação e contribuíram para possibilidade de melhoria de vida, para eles e demais pessoas em situação de rua.

A realidade é dura para alguns, em algum momento da vida, como no caso daquela senhora, em situação de rua numa cidade grande e com 2 filhos menores. Conta um dos filhos que sua mãe, nos finais de semana procurava uma igreja com movimentação de pessoas, geralmente casamento, para esperando acabar a festa, fora da igreja, tentar conseguir algo para comer, talvez um pedaço de bolo ou algo parecido. Relata que ficava muito triste ao perceber a preocupação e a angústia da mãe por não poder providenciar uma melhor situação para seus filhos.

(Emildson Junior, 2024)

RESUMO

Invisível aos olhares do público nos grandes e médios centros urbanos, a população em situação de rua tem sua dignidade desrespeitada diariamente, ferindo seus direitos constitucionais. Esta dissertação é pautada na esperança de dias melhores para essa população. Para isso, baseia-se no lastro teórico da Logoterapia, a terceira escola vienense de psicoterapia, que entende o ser humano como alguém livre e responsável, em busca de sentido na vida. Este ser é dotado de uma força interna, capaz de proporcioná-lo distanciamento e enfrentamento aos problemas propostos e possíveis sofrimentos. Para a Logoterapia a fé emana dessa força do interior do ser humano. A crença firme em sua vivência religiosa pode ser base terapêutica para as experiências diárias do ser humano. O sujeito da pesquisa é a população em situação de rua, na cidade de João Pessoa, usuários do Centro POP. Fizeram parte da amostra 10 participantes, sendo 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. A média de idade é de 38,4 anos (DP=9,9). 50% possui ensino médio completo, 20% ensino fundamental completo e 30% ensino fundamental incompleto. Busca-se responder ao questionamento que ressoa perante a realidade diária que as equipes de atendimento social enfrentam durante o serviço a esse público: “É possível a crença na percepção do sentido na vida para a pessoa em situação de rua?” Por isso, o objetivo geral é a verificação da crença na percepção do sentido na vida, como força desafiadora para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das dificuldades vividas em seu ambiente. Objetiva-se especificamente 1) verificar essa percepção. 2) Pesquisar probabilidades de ação da fé, frente aos problemas, como facilitadora de enfrentamento dos mesmos. 3) Enfim, como possibilidade de dar continuidade as ações junto a população em situação de rua, apresentar às instituições públicas e/ou privadas, diante dos resultados, a viabilidade de facilitação da continuidade deste trabalho, através de assessoria ou parceria, no auxílio a ajuda humanitária a essa população. Esta dissertação apresenta o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, com fins descritivos, tencionando identificar prováveis relações entre as variáveis fé e sentido na vida. Optou-se pelo modelo de abordagem qualitativo de pesquisa. Coletou-se os dados de 10 participantes, utilizando gravação de voz, com o auxílio de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas, ouvindo os relatos de vida dos participantes. A análise dos dados coletados foi realizada através do método fenomenológico, procurando na suspensão e redução fenomenológica, a melhor aproximação possível da realidade objetivada, para elaboração e divulgação dos resultados. Diante da análise dos dados, percebeu-se a presença de 3 aspectos da fé, usados para auxiliar a população em situação de rua, no enfrentamento as suas dificuldades diárias: Confiança, Conhecimento e Esperança. Estas três características propiciam possibilidades de um olhar positivo para o futuro, visualizando sentido e consequente melhora de vida. Os resultados facilitarão na continuidade do trabalho sociorreligioso, incluindo a criação de um núcleo de estudo e apoio para a população em situação de rua.

Palavras-chave: População em situação de rua. Logoterapia. Fé. Sentido na vida. Espiritualidade

ABSTRACT

Invisible to the public eye in large and medium-sized urban centers, the homeless population has its dignity disrespected daily, violating its constitutional rights. This dissertation is grounded in the hope for better days for this population. It is based on the theoretical framework of Logotherapy, the third Viennese school of psychotherapy, which understands the human being as free and responsible, in the search of meaning in life. This being is endowed with an inner strength capable of providing detachment and coping with proposed problems and possible suffering. For Logotherapy, faith emanates from this inner strength of the human being. Firm belief in their religious experience can serve as a therapeutic basis for the daily experiences of the human being. The subjects of this research are the homeless population in the city of João Pessoa, users of the Centro POP. The sample consisted of 10 participants, 5 males and 5 females. The average age is 38.4 years ($SD = 9.9$). 50% have completed high school, 20% have completed elementary school, and 30% have incomplete elementary education. The study seeks to answer the question that resonates with the daily reality faced by social service teams serving this population: "Is it possible to believe in the perception of meaning in life for the homeless?" Therefore, the general objective is to verify the belief in the perception of meaning in life as a challenging force for the homeless in facing the difficulties experienced in their environment. Specifically, it aims to 1) verify this perception; 2) investigate the potential of faith as a facilitator for coping with problems; and 3) finally, as a possibility to continue actions with the homeless population, present the feasibility of facilitating the continuation of this work to public and/or private institutions through consultancy or partnership in providing humanitarian aid to this population. This dissertation presents the development of a field study with descriptive purposes, aiming to identify probable relationships between the variables of faith and meaning in life. A qualitative research approach was chosen. Data were collected from 10 participants using voice recordings with the aid of semi-structured interviews with open-ended questions, listening to the life stories of the participants. The analysis of the collected data was conducted using the phenomenological method, seeking through phenomenological suspension and reduction the closest possible approximation to the objective reality for the elaboration and dissemination of results. From the data analysis, three aspects of faith were identified, used to assist the homeless population in coping with their daily difficulties: Trust, Knowledge, and Hope. These three characteristics provide possibilities for a positive outlook on the future, visualizing meaning and consequent improvement in life. The results will facilitate the continuation of socio-religious work, including the creation of a study and support center for the homeless population.

Keywords: Homeless Population. Logotherapy. Faith. Meaning in Life. Spirituality.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Participantes e Dados Sociodemográficos.....	90
Quadro 2: Exemplo das reduções efetuadas.....	93
Quadro 3: Unidades de Significado, com seus correlatos referenciais mais importantes..	93

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A LOGOTERAPIA.....	18
2.1 Viktor Frankl, um sobrevivente do sofrimento rigoroso.....	18
2.2 A Logoterapia e sua base conceitual.....	20
2.2.1 Os pilares da Logoterapia.....	20
2.3 A visão de ser humano segundo a Logoterapia.....	24
2.3.1 As características fundamentais do ser humano.....	26
2.3.2 O ser humano autêntico é irrefletido.....	35
2.4 A consciência e suas nuances.....	37
2.5 O sofrimento faz parte da transitoriedade humana.....	38
3. FÉ E RELIGIÃO.....	42
3.1 Estratégias de enfrentamento.....	46
3.2 Logoterapia e religião.....	49
3.3 Uma religiosidade inconsciente.....	53
4. A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA.....	59
4.1 Um pano de fundo histórico.....	60
4.2 Em busca das raízes no Brasil.....	62
4.3 Conceito e dados censitários.....	67
5. O ESTADO DA ARTE.....	74
6. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	83
6.1. Participantes.....	84
6.2. Autorização para a realização.....	85
6.3. Objetivos da pesquisa.....	85
6.4. Categorização da pesquisa.....	85
6.5. O cenário da pesquisa.....	87
6.6. Aplicação da pesquisa e coleta de dados.....	88
6.7. Análise de dados.....	90
6.8. Discutindo os dados.....	94
6.8.1 Os motivos de se encontrarem em situação de rua, com suas consequências frente a sobrevivência.....	94
6.8.2 As possibilidades de percepção de futuro.....	103

6.8.3 A vivência religiosa, incluindo a relação com o supra-Ser.....	110
6.8.4 Como acontece a percepção sobre a família.....	119
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	125
7.1 Objetivos.....	125
7.2 Estratégias de enfrentamento.....	131
7.3 Limitações e dificuldades.....	132
7.4 Resposta à questão norteadora e ao Objetivo geral.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	136
APÊNDICES.....	149
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).....	150
Apêndice B – Termo para Autorizar a Gravação (TAG).....	153
Apêndice C – Instrumento de Coleta de Dados.....	155
ANEXOS.....	156
Anexo A – Certificação de Projeto.....	157
Anexo B – Parecer do Comitê de Ética.....	158
Anexo C – Termo de Anuência.....	162

1. INTRODUÇÃO

Esses mendigos querem ficar nas ruas porque tem toda liberdade para roubar, se drogar, fazer sexo, sujar a cidade, fazer suas necessidades fisiológicas nos passeios e as autoridades são permissivas e o povo ainda leva o sopão, roupas e dá esmola para a cachaça. Viva a esbórnia!!! (Kiefer, 2013).

O fragmento acima relatado faz parte da reportagem de Sandra Kiefer (2013), intitulada “Abrigos para moradores de rua de BH estão lotados”, matéria online do Jornal Estado de Minas Gerais. Leite (2020, p. 72) registra comentários dos leitores da época, já desativados, expondo a falta de pudor dos mesmos sobre sua visão preconceituosa de um problema social grave, que cresce assustadoramente nas ruas das grandes e médias cidades do Brasil.

A rua é lugar de sofrimento para os que “fazem uso dela” por não terem onde reclinar o corpo cansado. Sofre-se preconceitos diversos, além dos “resultados naturais” para quem vive sem estrutura social mínima: fome, abandono, distúrbios, dependência de várias formas, violência e outros decorrentes destes.

A complexidade do problema transita entre a cosmovisão daqueles que por motivos diversos vivem o problema em locus, os que se sentem prejudicados por, segundo eles, terem as vias de trânsito depredadas e sujas, e entre um e outro está o poder público, respaldado por leis assistenciais, tentando amenizar tal situação, que por diversos fatores parecem não bastar.

A linha entre a assistência social, oferecida pelos órgãos públicos e o assistencialismo é muito tênue. Enquanto a primeira, respaldada pela Lei 8742 (Brasil, 1993), sancionando a Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), registrando em seu primeiro artigo, que a assistência social é direito do cidadão e dever do Estado, acrescenta que essa assistência deve fazer parte de uma “Política de Seguridade Social não contributiva, que provê os mínimos sociais, realizada através de um conjunto integrado de ações de iniciativa pública e da sociedade, para garantir o atendimento às necessidades básicas.”

A proteção familiar em suas diversas fases e a integração ao mercado de trabalho fazem parte dos objetivos da citada lei. Para isso, delegou-se a gestão das ações na assistência social ao Sistema Único de Assistência Social (SUAS), possibilitando inclusive a integração entre rede pública e privada, objetivando beneficiar a população.

O assistencialismo, de maneira simples e informal, “é um tipo de auxílio paliativo que busca atender demandas sociais urgentes, consistindo em uma ajuda imediata e que busca suprir necessidades momentâneas” (SPInvisível, 2022). Na prática, enquanto a primeira prima

pela liberdade do ser humano, o segundo cria um vínculo assistencial gerando o ciclo de dependência. Conforme denuncia Martins (2019, p. 67), ONGs e igrejas, ofertam assistencialismo para cobrir as lacunas deixadas pelo poder público. O autor assevera que “entre esperar pela incerta caridade governamental e receber a abundante caridade privada, muitos preferem escolher a boa parte”, oferecida por esses órgãos privados.

Em contrapartida, matéria do portal de notícias G1 (2022), exemplifica essa diferença, apresentando uma pessoa em situação de rua, com 60 anos, nas ruas desde 2017, que auxiliado pela equipe do Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua - Centro POP, Serviço Especializado em Abordagem Social (SEAS) e pelo Abrigo Municipal, recebeu estadia e aulas de reforço, visando o concurso público para a Prefeitura de Taubaté (SP). Além do idoso, mais 2 pessoas na mesma situação foram selecionadas.

O debate interminável sobre população em situação de rua é alvo de um farto acervo. Informação já referenciada em 2011, pela Coordenação Intersectorial das Ações do Plano Brasil sem Miséria, do Governo Federal brasileiro, quando destaca os mecanismos sociais de exclusão, resultantes da pobreza. Contudo, apesar de todos os esforços e de algum progresso, para quem tem acesso à real situação das ruas, percebe-se que a vivência está cada vez mais precária, sendo destacada por Leite (2020, p. 13), citando que “a pobreza é o projeto político mais duradouro da história do Brasil, e a crise socioeconômica não é o momento passageiro, mas característica perene [...]”

O envolvimento do autor desta pesquisa, com a população em situação de rua em João Pessoa, já consta de alguns anos. Para ele, trabalhar com seres humanos é algo fascinante. Após a formação em psicologia (2005) assumiu o trabalho na clínica, onde está até hoje. No ano de 2009 foi convidado para trabalhar numa Comunidade Terapêutica, onde teve oportunidade de interagir com pessoas acometidas pela dependência química. Pessoas oriundas de todos os municípios da Paraíba e até de Estados vizinhos, incluindo pessoas que procediam das ruas.

Aquelas experiências enriqueceram sua vida profissional, e incentivaram a iniciar um trabalho voluntariado de ação social nas ruas de João Pessoa, denominado Esperança na Rua, como parte da missão de uma instituição religiosa. Numa das incursões conheceu um adolescente de 16 anos, marcado pelas dores e cicatrizes da vivência violenta em sua infância. Fora de casa há algum tempo por causa das drogas, mantinha contato com sua avó, que morava numa comunidade em João Pessoa.

No entanto, o adolescente fez das ruas o seu habitat. Quando lhe foi perguntado aonde morava, prontamente respondeu que vivia nos bancos das praças. O que lhe foi retrucado: “você mora na rua?” Ele esclareceu como quem sabia o que estava dizendo: “que que tem, cachorros também não vivem nas ruas?” Aquela resposta chocou este autor. Foi quando decidiu-se ajudar aquele adolescente, que infelizmente, cerca de dois anos depois, teve sua vida ceifada na rua, por causa do tráfico de drogas. O adolescente foi o primeiro, dentre algumas pessoas que foram ajudadas, pelo projeto citado, ao longo desses anos.

Em 2015, ao deixar a Comunidade Terapêutica, a frase dita por ele continuou alimentando o “Esperança” na vontade de acesso e ajuda aos menos favorecidos nas ruas de João Pessoa. As ruas passaram a ser o campo de pesquisa e objeto de aprendizagem no interesse do cumprimento da missão, de contemplar a melhoria de vida daqueles que interagem com a missão, no dia a dia e sobrevivem tomando conta de carros, catando recicláveis, ou simplesmente pedindo. À noite se “acumulam” esperando os serviços assistenciais passarem distribuindo roupas, brinquedos para suas crianças e alimentos.

Esta pesquisa descende da vontade de realmente fazer diferença na vida daqueles que terão acesso aos seus resultados. Mesmo que seja uma pequena parcela da população em situação de rua, contribui-se para melhoria de pessoas que vivem a deriva, a espera de uma transformação em sua rota de vida.

Estruturamos nosso estudo em sete momentos, a partir desta introdução, que num primeiro momento indica a diferença entre assistência social e assistencialismo e em seguida, uma rápida indicação sobre o comprometimento do autor da pesquisa com a população em situação de rua.

O segundo momento apresenta a fundamentação teórica que norteia todo o trabalho de pesquisa. Para isso, indica-se a Logoterapia como base de sustentação do trabalho, iniciando com um resumo histórico sobre o seu fundador, o Dr. Viktor Emil Frankl.

Expõe-se os pilares da Logoterapia e a visão de ser humano apresentada por Viktor Frankl, com suas características fundamentais: liberdade, responsabilidade, autotranscendência e autodistanciamento. Fala-se sobre a espiritualidade inconsciente, a consciência e o sofrimento como parte da transitoriedade humana. Por fim, diante do sofrimento humano, acrescenta-se a ação do poder desafiador do espírito, cunhado por Viktor Frankl, para explicar a possibilidade de superação das dificuldades humanas, afim de encontrar o sentido na vida.

No terceiro momento abordamos sobre a fé e religião, com seus devidos conceitos, além dos conceitos de crença e de coragem e a diferença entre religião e espiritualidade, estratégias de enfrentamento, assim como, a questão do sofrimento diante desse cenário.

Aprofunda-se o assunto discorrendo sobre Logoterapia e religião apresentando a percepção da interação entre as duas e abordando a neutralidade da Logoterapia frente a religião, destacando que psicoterapia e religião não se confundem. A Logoterapia não adentra no campo da teologia, que enquanto esta trata da salvação da alma, a Logoterapia se preocupa com o cuidado da psiquê humana. Por fim, comenta-se sobre uma religiosidade inconsciente e sua relação com o Deus oculto.

O quarto momento aborda a população em situação de rua. Iniciando com um plano de fundo histórico, desde o Egito antigo e início da civilização hebraica, passando pela Europa, com introdução no século XVI e traçando alguns detalhes do século XIX, nas cidades de Paris e Londres. Em seguida visita-se um pouco da história da população em situação de rua no Brasil, apoiado na pesquisa histórica do jornalista João do Rio, originária do ano de 1908. Inclui-se aqui alguns dados sobre as leis atingindo a pobreza no Brasil, incluindo mendicância e vadiagem. Por fim, aborda-se conceito e dados censitários, trazendo algumas informações sobre números da população em situação de rua.

No quinto momento apresenta-se o estado da arte, trazendo alguns registros pesquisados entre os anos de 2010 e 2024, em bancos de dados. Cerca de 350 trabalhos foram encontrados e selecionados diretamente 12 trabalhos, para uma leitura mais apurada sobre o tema de importância para esta pesquisa.

Nos sexto momento temos a prática da pesquisa, a partir dos aspectos metodológicos, como forma de desbravamento desse caminho, abordando a linha de pesquisa, o sujeito, a pergunta norteadora e os objetivos. Adianta-se como objetivo geral, a verificação da crença na percepção do sentido na vida, como força desafiadora para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das dificuldades vividas em seu ambiente.

Para atingir este feito, selecionou-se como objetivos específicos, verificar essa percepção, assim como pesquisar probabilidades de ação da fé, frente aos problemas, como facilitadora de enfrentamento dos mesmos, assim como, apresentar às instituições públicas e/ou privadas, diante dos resultados, a viabilidade de facilitação da continuidade deste trabalho, através de assessoria ou parceria, no auxílio a ajuda humanitária a essa população.

Evidencia-se as informações sobre a forma de apreciação dos dados. Em seguida apresenta-se o cenário da pesquisa e a descrição de sua aplicação, juntamente com a análise de dados. O capítulo é finalizado com a apresentação das discussões dos dados.

O último capítulo apresenta as considerações finais, objetivando a resposta da questão norteadora, com a justificação da mesma. Espera-se diante da conclusão, abertura para ajuda humanitária da população em situação de rua, assim como motivação de novas possibilidades de pesquisa para a população referenciada.

2. A LOGOTERAPIA

Interagir com pessoas em situação de rua, em trabalho voluntariado, excluindo casos de natureza específica, geralmente é uma experiência dramática. Apesar da escassez dos números oficiais, pesquisadores da área, nos grandes centros do País, denunciam que a impressão é que esta população aumentou, com a chegada da pandemia do novo coronavírus. A rua nivela todos por baixo. Famílias inteiras, mestres e doutores, professores, desempregados, analfabetos, dependentes químicos. Independente de seus títulos ou profissões, todos são excluídos, vivendo à margem da sociedade.

2.1 Viktor Frankl, um sobrevivente do sofrimento rigoroso

[...] agora nada mais temos senão este nosso corpo nu (sem os cabelos). Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua. Que restou em comum com nossa vida de antes? Para mim, por exemplo, ficaram os óculos e o cinto; este, entretanto, teria que ser dado em troca de um pedaço de pão, mais tarde (Frankl, 2018, p. 29).

O relato acima poderia ser de autoria de um dos inúmeros invisíveis, que transitam como moradores nas vias, que cruzam os centros urbanos de grande e médio porte do Brasil. No entanto, trata-se do relato do ex prisioneiro Nº 119.104, ao ser recepcionado no campo de concentração nazista de Auxchwitz. Viktor Emil Frankl esteve em quatro campos de concentração, entre os anos de 1942 e 1945.

“O ser humano não é uma coisa entre outras; as coisas se determinam mutuamente, mas o ser humano, em última análise, se determina a si mesmo” (Frankl, 2018, p. 155). O **poder desafiador do espírito** capacitou Frankl a suportar as experiências dos campos de concentração.

Talvez por isso, Xausa (2012, p. 17), narrando sua trajetória descreva-o como “o grande cientista, filósofo e herói.” Nascido em 1905 numa família austríaca, na cidade de Viena, teve sua primeira conferência sobre o sentido aos 16 anos. A autora destaca que Viktor Frankl conseguiu seu certificado em psicologia aos 21 anos, participando no mesmo ano de uma conferência, onde falou pela primeira vez em Logoterapia. A formação em medicina veio aos 25 anos, quando passou a trabalhar na psiquiatria e na neurologia. Viktor Frankl foi o pioneiro no estudo da “aplicação de psicofármacos, combinados com técnicas psicoterapêuticas.” Em 1948 ele recebeu o grau de Doutor em Filosofia.

Frankl (2018) relata que o único bem sob sua posse, quando foi preso era o manuscrito contendo suas anotações científicas, pronto para publicação. Quanto a isso, confessou a um soldado da SS: “Quero ficar com este manuscrito, preservá-lo de alguma forma - ele contém a obra da minha vida” (Frankl, 2018, p. 28). Esse manuscrito foi confiscado logo após, e reescrito em pequenos pedaços de papéis que Frankl conseguiu juntar, durante sua estadia nos campos. Esse material foi compilado após a sua libertação. Quanto a isso ele descreve: “Não há dúvida de que meu profundo desejo de reescrevê-lo me ajudou a sobreviver os rigores dos campos de concentração em que estive” (Frankl, 2018, p. 129).

Esse livro foi publicado em 1955 sob o título “*The Doctor and the Soul; an Introduction to Logotherapy.*” Viktor Emil Frankl faleceu em sua cidade natal, em 2 de setembro de 1997, aos 92 anos, deixando um legado imensurável, baseado em sua vivência congruente e desafiadora, marcada por suas últimas palavras no livro “Em busca de sentido” (2018). “Essa experiência do libertado, porém é coroada pelo maravilhoso sentimento de que nada mais precisa temer neste mundo depois de tudo o que sofreu – a não ser seu Deus” (Frankl, 2018, p. 119).

Quanto as suas experiências nos campos de concentração, Frankl preferiu falar pouco sobre isso, não escrevendo um relato específico sobre os horrores vividos por ele nesses anos. Seu escrito específico sobre essa trama é o registro do best-seller autobiográfico “Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração”, onde Frankl descreve sua experiência como psicólogo, visando apenas possibilitar as pessoas com inclinação para o desespero, que se é possível encontrar sentido na vida em condições tão miseráveis, como num campo de concentração, pode ser possível em qualquer momento, ou experiência vivida pelo ser humano.

Ele revela no prefácio desse livro, acrescentado em 1984, que o mesmo foi escrito em 9 dias e que “se centenas de milhares de pessoas procuram um livro cujo título promete abordar o problema do sentido da vida, deve ser uma questão que as está incomodando muito” (Frankl, 2018, p. 9).

Seu relato, no entanto, revela fatos característicos que aproximam sua teoria à população em situação de rua, como por exemplo, a apatia que acomete a pessoa, depois do choque das primeiras experiências no campo, denominada por Frankl como a segunda fase vivida, descrita por ele como a morte interior. A saudade extremada dos familiares, a revolta e nojo por seu atual estado e a violência vivida já não fazem tanto efeito.

Ele chega a descrever que o que dói não é a dor física, causada por socos ou pontapés dos soldados da SS nazista, mas “a dor psicológica” (Frankl, 2018, p. 39). O que revolta é a injustiça diante da falta de razão, a insensibilidade crescente e o escárnio, diante de pessoas que são tratadas, na maioria das vezes, piores que animais. Da mesma forma, descrevendo suas experiências, Levi (1988, p. 171) afirma que depois de um tempo, as vivências negativas não magoam mais, pois afirma que um dos lemas do campo é: “ao mudar, muda-se para pior.”

As incursões nas ruas, sobretudo no período da madrugada, revelam em diálogos com os que estão nessa situação, principalmente em decorrência de desavenças familiares e da dependência química, a aproximação com os relatos vivenciais acima citados.

2.2 A Logoterapia e sua base conceitual

Levando em consideração o objeto de estudo, as personagens principais, a vivência de Viktor Frankl e sua base conceitual e teórica, optou-se pela Logoterapia para realização deste trabalho. Frankl explica porque Logoterapia, esclarecendo que “o termo logos é uma palavra grega e significa sentido! A Logoterapia, ou, como tem sido chamada por alguns autores, a ‘Terceira Escola Vienense de Psicoterapia’, concentra-se no sentido da existência humana, bem como na busca da pessoa por esse Sentido” (Frankl, 2018, p. 124).

2.2.1 Os Pilares da Logoterapia

A Logoterapia, ou “terapia através do sentido” (Frankl, 2005, p. 17) tem seu olhar voltado mais para o futuro e está baseada em três pilares:

A liberdade da vontade, indica que mesmo frente ao determinismo, o ser humano tem liberdade para decidir. No entanto, esta liberdade é finita. Para a Logoterapia, destino é tudo que não está sob o poder ou responsabilidade do ser humano (Frankl, 2016a). Este ser finito não está livre dos condicionamentos da vida, sendo eles psíquicos, biológicos ou sociais, mas é livre para transitar entre eles, em liberdade diante do meio ambiente. “Ele é capaz de escolher uma atitude com respeito a si mesmo e, assim fazendo, consegue tomar posição, colocar-se diante de suas condicionantes. [...] É livre para dar forma ao seu próprio caráter” (Frankl, 2011a, p. 27).

Frankl (2005) referencia Nicolai Hartman, quando descreve o homem com autonomia apesar da dependência e conclui que as condições se dobram as decisões do ser humano. “De maneira consciente ou sem aperceber-se, ele decide se enfrentará a situação ou se cederá a ela, se vai deixar-se ou não se condicionar inteiramente por ela” (Frankl, 2005, p. 51).

A vontade de Sentido, que faz frente ao totalitarismo e ao hedonismo. Frankl (1990a, p. 12) afirma que “o homem é permeado, em profundidade e em instância culminante, não pela vontade do poder, nem tampouco pela vontade de prazer, mas sim pela vontade de sentido.” Segundo ele (Frankl, 2018) a vontade de sentido é a “motivação primária” do ser humano, não resultando de impulsos instintivos, buscando prazer, como afirma a primeira escola, a Psicanálise de Sigmund Freud, ou como afirma a segunda escola, a Psicologia Individual de Alfred Adler, que indica o ser humano em busca de poder, no uso do termo “busca de superioridade”.

“Designamos vontade de sentido simplesmente aquilo que está sendo frustrado no ser humano sempre que ele é acometido pela falta de sentido e pelo sentimento de vazio” (Frankl, 2019, p. 30). O autor usa o exemplo do bumerangue, instrumento de caça que “somente volta ao caçador que o arremessou, quando não acerta o alvo, ou seja, a caça” (1990a, p. 13).

Para Pereira (2013), Frankl ergue-se contra uma psicologia mecanicista que conceitua o homem com uma necessidade de equilíbrio homeostático ou de quebra de tensão e autogratificação. Para ele, “Se o homem é concebido como um sistema fechado, o mundo, por sua vez, passa a ser desconstruído sob uma ótica de ‘desrealização’ e de ‘desvalorização’, perdendo, completamente, seu relevo axiológico de exigências concretas” (Pereira, 2013, p. 91-92). Ou seja, a vontade de sentido estimula o ser humano a autotranscendência, pois “busca, acima de si próprio, algo que não é ele mesmo, um sentido a cumprir ou um outro ser para além de si mesmo” (Xausa, 2013, p. 160).

Para a Logoterapia o ser humano pode descobrir sentido na vida de três formas diferentes: “1. criando um trabalho ou praticando um ato; 2. experimentando algo ou encontrando alguém; 3. pela atitude que tomamos em relação ao sofrimento inevitável” (Frankl, 2018). Quanto a segunda maneira, experimentando algo, “como a bondade, a verdade e a beleza, experimentando a natureza e a cultura ou, ainda, experimentando outro ser humano em sua originalidade própria – amando-o” (Frankl, 2018, p. 135).

A falta de sentido causa vazio existencial, que “manifesta-se principalmente num estado de tédio” (Frankl, 2018, p. 131). Grande parte dos suicídios, segundo o autor, podem

ser causados por esse vazio existencial. Soma-se a tríade cada vez mais atual, depressão, violência e dependência. Para Frankl, a tentativa frustrada da vontade de sentido pode ser compensada pela vontade de poder, simbolizada pela “vontade de dinheiro”. Em outros casos, essa tentativa é tomada pela vontade de prazer. No entanto, tais atitudes não passam de experiências fracassadas. “É por isso que, muitas vezes, a frustração existencial acaba em compensação sexual. Podemos observar nesses casos que a libido sexual assume proporções descabidas no vazio existencial” (Frankl, 2018, p. 132).

O terceiro pilar, o **Sentido da vida**, “afirma que há um sentido potencial para a vida em quaisquer circunstâncias, e que a pessoa humana tem a liberdade de realizá-lo ou não” (Freitas, 2013, p. 58).

“O sentido da vida difere de pessoa para pessoa, de um dia para o outro, de uma hora para outra. O que importa, por conseguinte, não é o sentido da vida de um modo geral, mas antes o sentido específico da vida de uma pessoa em dado momento” (Frankl, 2018, p. 133). Esse sentido específico da vida é o sentido do momento, ou sentido na vida, como se adota nesta dissertação. Cada pessoa tem sua vocação ou missão na vida.

“O sentido de uma pessoa, coisa ou situação, não pode ser dado. Tem que ser encontrado pela própria pessoa – mas não dentro dela porque isso iria contra a lei da autotranscendência do existir humano” (Frankl, 2016b, p. 33-34). Cada pessoa é insubstituível nesta tarefa, que é executada concretamente e externamente. O sentido é constantemente renovado. Cabe a pessoa identificar tempo e local a viver seu sentido específico do momento.

Para Frankl (2016b), questionar o sentido da vida não é expressão patológica, mas o anseio natural humano pela vontade de sentido. O sentido é encontrado através dos valores, que “são possibilidades gerais de sentido, que valem para uma gama de situações repetíveis, que fazem parte da vida humana” (Freitas, 2013, p. 61). Frankl conceitua-os como “sentidos universais abstratos” (2007, p. 86). Para Mondin (2005, p. 18), “tudo o que é considerado precioso e que de qualquer modo, pode aperfeiçoar o homem, como indivíduo ou como ser social, merece estima e é por isso um valor.”

Percebe-se então, a importância dos valores. As decisões diárias do ser humano, são baseadas em seus valores de vida, pois “ele vive por seus ideais e valores [...]” (Frankl, 2011, p. 69). O sentido da vida é composto da tríade valorativa. A Logoterapia descreve três categorias de valores: Os criativos, os vivenciais e os atitudinais.

Com os **valores criativos**, o ser humano tem a oportunidade de presentear ao mundo com suas construções criativas, únicas e pessoais. Sejam elas parte de algum trabalho, uma obra artística, composição musical, a produção de um poema, a escrita de um livro, etc. “Os valores criadores ou a sua realização ocupam o primeiro plano da missão da vida, a esfera da sua consumação concreta costuma coincidir com o trabalho profissional” (Frankl, 2016a, p. 205).

Os **valores vivenciais** permitem ao ser humano acolher vivências, experiências com as pessoas e a natureza. Um relacionamento amoroso ou de amizade. Contemplação da natureza, o sorriso inocente de uma criança. Freitas (2013, p. 62) destaca a urgência do resgate contemplativo do “por do sol, de escutar o silêncio, de apreciar uma obra de arte, de ouvir uma boa música, de perceber o crescimento de nossos filhos e/ou de nossos alunos, de escutar nossos amigos, de acolher o momento presente.”

Com os **valores atitudinais**, o ser humano enfrenta momentos que dificultam ou impedem a realização criativa ou experiencial, lhe fornecendo “apenas uma possibilidade de configurar o sentido da existência, que consiste precisamente na atitude com que a pessoa se coloca face à restrição forçada de fora sobre seu ser” (Frankl, 2018, p. 89-90). Foi assim com os judeus nos campos de concentração, pode ser assim com qualquer ser humano que entenda que imprevistos, doenças, desastres ou tragédias podem acometer a vida. Frankl (2018, p. 90) continua: “Se é que a vida tem sentido, também o sofrimento necessariamente o terá. Afinal de contas, o sofrimento faz parte da vida, de alguma forma, do mesmo modo que o destino e a morte. Aflição e morte fazem parte da existência como um todo.” Portanto, os valores de atitude “fazem parte das possibilidades de valor mais elevadas que em geral são dadas ao ser humano” (Frankl, 2019, p. 196).

Segundo Frankl (2018, p. 133), “cada pessoa é questionada pela vida; e ela somente pode responder à vida respondendo por sua própria vida; à vida ela somente pode responder sendo responsável.”

Ainda sobre o sentido, a Logoterapia procura indagar a pessoa sobre sua responsabilidade diante do ser constante e diário. Frankl (2018, p. 134) reflete sobre essa responsabilidade com o imperativo categórico da Logoterapia: “Viva como se já estivesse vivendo pela segunda vez, e como se na primeira vez tivesse agido tão errado como está prestes a agir agora.” Tal colocação convida a pessoa refletir sobre a realidade vivenciada, permitindo-a “imaginar primeiro que o presente é passado e, em segundo lugar, que o passado

ainda pode ser alterado e corrigido. Semelhante preceito confronta-a com a finitude da vida e com o caráter irrevogável (*finality*) daquilo que ela faz de sua vida e de si mesma” (Frankl, 2018, 134).

2.3 A visão de ser humano segundo a Logoterapia

Em seu “*experimentum crucis*”, nos campos de concentração nazistas, Viktor Frankl (2018, p. 112-113) questiona: “O que é, então, um ser humano? É o ser que sempre decide o que ele é. É o ser que inventou as câmaras de gás; mas é também aquele ser que entrou nas câmaras de gás, ereto, com uma oração nos lábios.” O homem é livre e responsável em busca do sentido de vida, mesmo que seja no sofrimento, pois a descoberta do sofrimento reservado pela vida para si, é uma experiência missional, pessoal e intransferível. “A pessoa precisa conquistar a consciência de que ela é única e exclusiva em todo o cosmo dentro deste destino sofrido” (Frankl, 2018, p. 102).

Mesmo diante do sofrimento, o ser humano, além de transcender, possui a capacidade de se autodistanciar, enfrentando a si mesmo e observando “uma certa distância entre o real e o ideal estado das coisas” (Frankl, 2005, p. 98).

Todas essas possibilidades decorrem da visão de homem da Logoterapia. Pereira (2013), explicita a concepção do ser humano livre e responsável. O homem é um ser dimensional composto de três categorias: corpo, psiquismo e espírito. O autor destaca que as três não podem ser refletidas separadamente. “A constituição de uma presume, logicamente, a da outra [...] As dimensões não são compartimentalizadas, mas sim compreensivamente elevadas, em termos de complexidade, no sentido de identidade na diferença” (Pereira, 2013, p. 71). Portanto, a pessoa é um indivíduo, ou seja, indivisível, não pode ser seccionada. Ela não é apenas “unidade, mas também totalidade” (Frankl, 2012, p. 70) corpóreo-psíquica-espiritual.

Pereira (2013, p. 72-73) explica que “o corpo constitui a dimensão biológica do homem e diz respeito aos fenômenos propriamente somáticos do organismo humano [...] A dimensão psíquica constitui a esfera das sensações, dos impulsos, do desejo.” Esta, segundo o mesmo autor, é o núcleo de mediação entre o corpo e o espírito.

Segue Pereira (2013, p. 74), declarando que a dimensão espiritual é o que Frankl chama de “homem incondicionado”. Em seu livro “Logoterapia e análise existencial”, Frankl

(2012, p. 62) discorre sobre este ser indivisível afirmando que “o espiritual, contudo, não é apenas uma dimensão própria, mas também a dimensão propriamente dita do ser do homem.” Entende-se que a pessoa é espiritual. Frankl (2011b, p. 107), em sua quarta tese sobre a pessoa, identifica que o ser humano precisa de seu organismo psicofísico para agir e se expressar. Ou seja, o organismo tem valor utilitário e sua finalidade é funcional.

Aquino (2013, p. 43), considera que a movimentação espiritual fundamenta-se na busca aos valores. Ele afirma que, “para fugir do reducionismo, Frankl vai recorrer ao conceito grego de *nous*, e integrar o ser humano numa unidade biopsiconoética.” Chaui (2010, p. 350), enriquece esta posição, quando traz o significado de “*nous*”, como “colocar no espírito, refletir, compreender, meditar; ter bom senso ou razão; ter um sentido ou uma significação.”

Aquino aprofunda sua afirmação, citando García Pintos, quando destaca em seu livro, “*Un hombre llamado Viktor*”, diferenciando “os termos *Geistlich*, sagrado, *Geist*, mente/espírito, *Seele*, alma e *Geisting*, espiritual; considerando que, nos três últimos conceitos, não existe conotação religiosa” (2013, p. 44).

Assim, a Logoterapia compreende a dimensão espiritual, ou noológica, na expressão de Frankl (2020, p. 49), declarando que sua “investigação se move no interior do quadro de referência psicológica, ou melhor, da antropologia, isto é, no nível humano.” Ou seja, a Logoterapia baseia-se exclusivamente no lastro científico, esclarecendo que, o que é do âmbito espiritual/noético em suas pesquisas, não está concentrado ou ligado no âmbito do religioso.

Lukas (2002, p. 141) denomina a dimensão espiritual de “núcleo sadio, mais íntimo” do ser humano, destacando sua manifestação espontânea na busca do sentido. No que se refere a vivência noética, a decisão final sempre é realizada pela pessoa espiritual, indicando sua liberdade.

Corroborando com tudo que foi visto até aqui, esse ser livre em sua vivência, foi evidenciado em consulta sobre a formação do Instrumento de Avaliação de Qualidade de Vida (WHOQOL), realizada pela Organização Mundial da Saúde, em Genebra (1998). No relatório final do módulo sobre espiritualidade, religiosidade e crenças pessoais, relatou-se que, a antropologia e a fenomenologia veem a “espiritualidade como elemento básico da natureza e da experiência humana.” Essa espiritualidade é capacitada a exercer autotranscendência, e a buscar conexão com o “fundamento ou propósito da existência.”

2.3.1 As características fundamentais do ser humano

Relatos de uma equipe de atendimento assistencial, registram que membros daquela equipe conheceram um senhor de 72 anos, que já estava em situação de rua há muitos anos. A cena de um idoso dormindo em cima de um pedaço de papelão, naquela madrugada fria em João Pessoa, comoveu a equipe, que prontamente se mobilizou para retirá-lo daquela situação. Alguns contatos foram realizados com o idoso e em pouco tempo, conseguiu-se um lugar para ele morar, um sustento inicial e a possibilidade de um trabalho, como sobrevivência futura. Cerca de três meses depois, o idoso procurou a liderança da equipe de trabalho, para comunicar que não estava conseguindo atender a nova realidade. Gostaria de voltar para as ruas. Explicou que estava nessa situação desde criança e não tinha sentido para ele viver de outra forma.

Atônita, a equipe não entendeu quais os motivos que o “impulsionaram” a tomar aquela decisão. A equipe ainda encontrou aquele idoso por alguns meses, nos atendimentos regulares, mas depois de um tempo ele desapareceu. Sem aceitar, muitos se questionavam: O que leva alguém a tomar uma decisão como essa, depois de “tirar uma sorte grande?”

O que geralmente não se entende é que o ser humano, em sua essência, é realmente livre e se responsabiliza por essa liberdade. Ele é livre até para escolher a não escolha. O que a equipe de atendimento não compreendeu, guarda uma profunda realidade: A pretensão de encontrar sentido para aquele idoso não logrou êxito, porque não se pode dar sentido a vida de outra pessoa. O sentido de vida de uma pessoa não pode ser dado por algo ou alguém. “Tem que ser encontrado pela própria pessoa [...]” (Frankl, 2016b, p. 33).

2.3.1.1 Um ser livre e responsável

Em sua quinta tese sobre a pessoa espiritual, Viktor Frankl aborda sua existencialidade. O ser humano “não é um ser factual, mas um ser facultativo; ele existe de acordo com sua própria possibilidade pela qual ou contra a qual se pode decidir” (2011, p. 111).

Conforme Mounier (2004, p. 75), a liberdade não pode ser objetificada, como se fosse uma “coisa”. O ser humano é uma pessoa vivencial. “Se não existe liberdade que somos nós? Joguetes em pleno universo [...] A liberdade é afirmação de pessoa, vive-se, não se vê.” Essa

indicação confere com o pensamento de Guberman e Soto (2006, p. 52), quando conceituam liberdade como a “faculdade humana de determinar os próprios atos. Juntamente com a espiritualidade e a responsabilidade, é um elemento constitutivo da existência humana.”

A pessoa em situação de rua pode ser livre? Pareja Herrera (2021) chama a atenção para o início do pensamento de Frankl sobre a **liberdade** noética, originada aos 14 anos, diante de seu professor do nível médio, que afirmou que o ser humano não passava de um processo de “combustão e oxidação”. Esse autor relata que o adolescente discordou de seu professor questionando sobre a falta de liberdade: que sentido teria a vida, se assim fosse?

O envolvimento de Frankl com a psicanálise e mais tarde com a psicologia individual, assim como, com seus respectivos criadores, aguçou suas pesquisas. “O ser humano é realmente livre? Se o for, que tipo de liberdade tem? Existe liberdade real diante das pulsões do Id, dos condicionamentos biológicos e sociais?” (Pareja Herrera, 2021, p. 170). Afirma ele, que nos campos de concentração, Frankl pôs a prova “as suas descobertas científicas e suas conclusões filosóficas, a partir da sua própria experiência e da de seus companheiros de desgraça” (2021, p. 171).

“Sim, a liberdade é um dos fenômenos humanos. Ela é, no entanto, também um fenômeno demasiadamente humano” (Frankl, 2019, p. 233). Essa afirmação vem dos lábios do sobrevivente referenciado por Pareja Herrera. Como já vimos, a liberdade humana é finita. No entanto, apesar dos condicionantes, pode agir livremente independente das situações. Frankl (2019, p. 233) confirma que “em última análise, o comportamento do homem não é ditado pelas condições, mas pela posição que toma diante delas.” Esta é uma capacidade noética, estando sempre apto para agir além das circunstâncias.

Pareja Herrera (2021, p. 172) apresenta uma listagem de condicionantes presentes no campo de concentração, bem parecida com o que se pode encontrar nas ruas. Dentre eles estão: fome, falta de medicamentos, falta de higiene, competição, ausência de direitos pessoais, desumanização, humilhação, etc.

Falando sobre as necessidades dos que estão nas ruas, Lancellotti (2021), relata que os que estão em situação de rua não têm opção de escolher o que é dado. Vivem do que dão a eles. Lancellotti (2021, p. 51) conta que sempre que pode, proporciona a possibilidade de eles escolherem, “para que aprendam essa prática da liberdade.” A experiência relatada por ele possibilita ao que está em situação de rua, escolher dentro das possibilidades que a vida lhe

põe. Da mesma forma, Frankl encena exemplos que diante do caos, insistiam em aproveitar oportunidades para exercer o dom de viver, apesar de:

Quem dos que passaram pelo campo de concentração não saberia falar daquelas figuras humanas que caminhavam pela área de formatura dos prisioneiros, ou de barracão em barracão, dando aqui uma palavra de carinho, entregando ali a última lasca de pão [...] A cada dia, a cada hora no campo de concentração havia milhares de oportunidades de concretizar esta decisão interior, uma decisão da pessoa contra ou a favor da sujeição aos poderes do ambiente que ameaçavam privá-la daquilo que é a sua característica mais intrínseca - sua liberdade - e que a induzem, com a renúncia à liberdade e à dignidade, a virar mero brinquedo e objeto das condições externas, deixando-se por elas cunhar um prisioneiro "típico" do campo de concentração (Frankl, 2018, p. 88).

Frankl (2012, p. 89) cita que a liberdade é realizada perante três referenciais: No primeiro referencial, o homem está sempre diante de suas **pulsões**. Possui pulsões, mas as pulsões não o possui. O autor esclarece que “liberdade é essencialmente liberdade perante algo: ‘liberdade de algo’ – e ‘liberdade para algo’.” A Logoterapia não nega as pulsões. No entanto, percebe o homem livre, mesmo diante delas. São os valores que o determinam, não suas pulsões. O homem não tem liberdade. “[...] Liberdade é o que o homem ‘é’. - e isso na medida justamente em que ela lhe é própria a priori e de maneira indissolúvel: algo que eu meramente ‘tenho’, eu também poderia naturalmente perder” (Frankl, 2012, p. 90).

O segundo referencial apresenta o ser humano como alguém que está sempre perante sua **herança**. Frankl (2012, p. 91), cita que as pesquisas genuínas sobre hereditariedade indicaram que a liberdade está além do determinismo hereditário. “Lembro-me meramente daqueles gêmeos univitelinos de *Lange*, dos quais um era um refinado criminoso, enquanto seu irmão gêmeo tinha se tornado um – igualmente refinado – criminalista.” Cita ainda o caso de uma psicóloga, com sua irmã gêmea, que segundo ele, apresentavam os mesmos traços, inclusive com as mesmas preferências em várias referências. No entanto, uma das irmãs conseguia lidar bem com as dificuldades da vida, enquanto a outra adquiriu uma neurose.

Finalmente, o terceiro referencial indica que o homem está perante o **mundo circundante**. Assevera Frankl, que nem mesmo este, determina o homem. A experiência vital no campo de concentração, como tentativa de redução do ser humano, a um mero objeto de pesquisa e descarte, diante de um ambiente insalubre de extermínio, expõe o que de mais cruel se pode conceder ao ser diante do mundo. Nem assim, o ser humano deixou de ser o “ser-aí”, presença que “sempre se compreende a si mesma a partir de sua existência, de uma possibilidade de ser ou não ser ela mesma” (Heidegger, 2015, p. 48).

Por isso, Frankl questiona:

Não haveria ali um mínimo de liberdade espiritual no comportamento, na atitude frente às condições ambientais ali encontradas? Será que a pessoa nada mais é que um resultado de múltiplos determinantes e condicionamentos, sejam eles de ordem biológica, psicológica ou social? Seria a pessoa apenas o produto aleatório de sua constituição física, da sua disposição caracterológica e da sua situação social? E, mais particularmente, será que as reações psíquicas da pessoa a esse ambiente socialmente condicionado do campo de concentração estariam de fato evidenciando que ela não pode fugir às influências dessa forma de existência às quais foi submetida à força? Precisa ela necessariamente sucumbir a essas influências? Será que ela não pode reagir de outro modo às condições de vida reinantes no campo de concentração? (Frankl, 2018, p. 87-88).

As respostas para essas perguntas, o próprio autor nos concede por sua experiência *in loco*: a “pessoa pode muito bem agir fora do esquema” (Frankl, 2018, p. 88). Ou seja, nem mesmo o mundo circundante consegue constituir o ser humano, que independente do biologismo, do psicologismo ou do sociologismo, se posiciona noeticamente diante de qualquer situação, exercendo sua liberdade, independente do espaço e do tempo, apesar de qualquer situação que a vida lhe imponha.

A liberdade tão citada até aqui, requer **responsabilidade**. O ex prisioneiro 119.104, Viktor Frankl cita como exemplo desta cumplicidade, a visita que fez a Penitenciária de San Quentin, objetivando ministrar conferências.

Frankl relata que não tratou os apenados como autômatos precisando de conserto, ou meras vítimas dos condicionantes biológicos, psicológicos ou sociais. Ele os compreendeu “da mesma maneira como eles sempre entenderam a si próprios: como seres humanos sujeitos à liberdade e à responsabilidade” (Frankl, 2011a, p. 16), com todas as decorrências resultantes disso. Humanizá-los possibilitou enfrentamento da culpa e confronto com o ser que não é vítima, mas participante de suas decisões e possíveis consequências.

Voltando ao campo, Pareja Herrera (2021, p. 174), relatando a libertação de Frankl e seus companheiros, em 27 de abril de 1945, afirma que “a liberdade não é uma posse nem uma aquisição pelo resto da vida. A liberdade deve ser conquistada a cada dia” e praticada como aprendizagem diária.

Percebe-se que pessoas que são contidas diante de suas privações, depois de um certo tempo, ao serem liberadas, podem se deparar ou com a liberdade de serem administradoras de seus sentimentos, assumindo o senhorio sobre as coisas, ou se perdem, se submetendo diante delas, numa nova alienação.

Quanto a essa experiência, Frankl conta que após serem libertados, ele e um companheiro passaram por uma lavoura. Logo, Frankl quis desviar. Seu amigo, no entanto, o toma pelo braço e puxa-o para dentro da lavoura, que já estava brotando. Ao ser chamado

atenção, aquele companheiro se exalta e ameaça: “O que? E o que fizeram conosco? Liquidaram o meu filho na câmara de gás – isto, para não falar do resto – e tu queres proibir que eu esmague uns talos de aveia? [...]” (Frankl, 2018, p. 117). Percebe-se nessa ação uma atitude de quem quer viver sua liberdade exacerbada, sem perceber a responsabilidade de tais atos. Esse comportamento indica que “liberdade sem responsabilidade é arbitrariedade, e pode conduzir ao tédio, ao vazio, à angústia e à neurose” (Fabri, 1984, p. 153).

Responsabilidade é “nota distintiva do homem na sua humanidade, que consiste na capacidade para responder perante si próprio, perante os outros e perante Deus” (Guberman e Soto, 2006, p. 78). Deus aqui, é da ordem do sagrado, ou supra-Ser. O Ser superior.

Frankl amplia esse campo, citando que a Logoterapia percebe a responsabilidade como a verdadeira existência humana. É o homem responsável pelo sentido em sua vida. Isso o coloca como responsável, diante de algo, ou para algo, respondendo a sociedade ou a sua própria consciência. “Contudo, há um número significativo de pessoas que interpretam a própria existência não apenas nos termos de uma responsabilidade diante de algo mas de alguém, a saber, diante de Deus” (Frankl, 2020, p. 33).

A responsabilidade entende a existência como uma sequência de perguntas, as quais precisam de respostas, assumindo os ônus e bônus dessa existência. Contudo, por ser humana, a pessoa não está isenta de se equivocar. Frankl cita Goethe para explicar tais momentos: “Devemos sempre mirar no centro do alvo – ainda que saibamos que nem sempre o acertaremos” (Frankl, 2020, p. 37). Ele explica: “Devemos buscar atingir o absolutamente melhor – caso contrário, talvez não consigamos sequer chegar ao relativamente bom” (Idem).

Para Fabry, a responsabilidade exige uma resposta transcendente em relação ao nosso egocentrismo. Crendo em Deus, ou não, cabe a pessoa assumir esse caráter insubstituível, conscientizando-se sobre suas escolhas, reavaliando possibilidades e questionamentos da vida: “As perguntas ‘Quem sou eu?’ e ‘Quais são meus objetivos?’ deverão ser formuladas de outro modo se desejamos obter respostas significativas: ‘Quem devo ser?’, ‘Quais são meus potenciais?’ e ‘Que devo fazer, não apenas para adaptar-me à vida, mas para melhorá-la?’ ” (Fabry, 1984, p. 21). O autor segue dizendo que, para responder a essas perguntas, a pessoa pode se basear em valores firmados que acompanham gerações, consolidados como referenciais de liberdade e escolha.

Portanto, percebe-se que essa vivência é de responsabilidade pessoal, diante de sua interpretação e prática da vida, pois ninguém pode substituí-la, visto que é única nessa

transitoriedade em busca de sentido e que a irrepetibilidade circunstancial faz parte da história da humanidade, pois como indica Heráclito, metaforicamente, “não é possível entrar duas vezes no mesmo rio” (apud Bocayuva, 2010). Quanto a isso, Frankl (2016a, p. 114) entende que “a existência humana nunca na realidade e propriamente se pode considerar sem sentido: a vida do homem conserva o seu sentido até as ‘últimas’, até o último suspiro. [...] Enquanto tem um ser consciente, tem também um ser-responsável.”

2.3.1.2 Um ser autotranscendente e autodistanciável

Não procurem o sucesso. Quanto mais o procurarem e o transformarem num alvo, mais vocês vão errar. Porque o sucesso, como a felicidade, não pode ser perseguido; ele deve acontecer, e só tem lugar como efeito colateral de uma dedicação pessoal a uma causa maior do que a pessoa, ou como subproduto da rendição pessoal a outro ser. A felicidade deve acontecer naturalmente, e o mesmo ocorre com o sucesso; vocês precisam deixá-lo acontecer não se preocupando com ele (Frankl, 2018, p. 10).

O fragmento acima é parte do prefácio da septuagésima terceira impressão em inglês (1984), do livro que relata a experiência de Viktor Frankl, nos campos de concentração nazista, durante a segunda guerra mundial. Um relato que objetiva demonstrar que a vida tem um sentido potencial, independente da situação vivida. O autor concebeu que se em uma situação tão extrema, poderia ser encontrado sentido na vida, o livro teria público específico. Ele expressa: “Consequentemente, senti-me responsável pela tarefa de colocar no papel o que eu havia vivido. Pensava que poderia ser útil a pessoas que têm inclinação para o desespero” (Frankl, 2018, p. 10).

Contudo, ele decidiu não assinar sua autoria, sendo mais tarde convencido pelos editores sobre a importância da mesma. No prefácio da edição citada, Frankl evidencia sua surpresa por ser exatamente este, entre tantas dezenas de livros escritos por ele, a se transformar num best-seller, que ele chama de “involuntário.”

Sucesso e felicidade são duas palavras almejadas pela sociedade e “vendidas” pelo mercado, pois nelas estão a promessa de prazer e poder, como representantes da compensação homeostática psicofísica, para autorrealização, visto que a necessidade é a manutenção do equilíbrio interno do ser humano. No entanto, essa procura pode ser transformada em frustração e vazio existencial, por ser uma busca egocêntrica insaciável.

As ruas da capital paraibana denunciam dezenas de vítimas desse alvo impossível, “impulsionando-as” para dependência química, pois “o que se chama de auto-realização não é

de modo algum um objetivo atingível, pela simples razão que quanto mais a pessoa se esforçar, tanto mais deixará de atingi-lo” (Frankl, 2018, p. 135). Frankl (2011a) explica que esse excesso intencional gera uma atenção demasiada, ou uma hiperintenção e consequente hiperreflexão.

O foco é deslocado do “efeito”, para a “finalidade”. Sucesso e felicidade são resultados naturais, ou “efeito colateral” da vontade de sentido do ser humano. Ou seja, do “esforço mais básico do homem na direção de encontrar e realizar sentidos e propósitos” (Frankl, 2011a, p. 50).

Kasser e Ryan (1993, p. 410), contribuem com a fala de Frankl, ao pesquisarem através de 3 estudos, sobre aspiração de sucesso financeiro entre jovens norte-americanos, universitários e não universitários. Os resultados mostram que numa visão de mundo materialista, “uma elevada centralidade das aspirações de sucesso financeiro está associada a classificações de entrevista de menor ajustamento global e produtividade social e mais distúrbios comportamentais.”

Frankl (2019, p. 263) referenciando Kierkegaard, infere que “a porta que dá acesso à felicidade se abre de dentro para fora; forçá-la se abrir em sentido oposto acabará por bloqueá-la.” O sucesso, assim como a felicidade acontece naturalmente, em busca de um significado para a vida, como produto da **autotranscendência**, considerada pela Logoterapia, “a essência da existência humana” (Frankl, 2019, p. 298), assim como seu mais alto grau de desenvolvimento (Lukas, 1989).

A autorrealização pressionada por fatores externos, tende a ser vazia e destrutiva. A Logoterapia percebe o ser humano, como alguém lançado intencionalmente, assim como destaca a fenomenologia, em direção a um alvo que não seja o saciar de seus próprios desejos internos. A pessoa é motivada em direção a algo ou alguém, “seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar. Quanto mais a pessoa esquecer de si mesma - dedicando-se a servir uma causa ou a amar outra pessoa mais humana será e mais se realizará” (Frankl, 2018, p. 135).

Frankl (2019), acrescenta que o que torna o ser realmente humano é essa abertura para o outro, não olhando para suas necessidades biopsíquicas. Para isso, ele usa a metáfora do olho. “Quanto mais o olho enxerga a si próprio, tanto menos o mundo e seus objetos serão visíveis a ele. A habilidade do olho de ver é dependente de sua inabilidade de enxergar a si

próprio” (Frankl, 2020, p. 70). A autotranscendência é denunciada num dos mais belos conceitos de amor, trazido por Viktor Frankl:

Ora, mas o amor pode ser paulatinamente definido como: poder dizer ‘você’ para alguém – e, para além disso, poder dizer sim a ele; em outras palavras: apreender um homem em sua essência, em seu modo de ser, em sua unicidade e singularidade, sem se deter apenas em sua essência e em seu modo de ser, mas também abarcando-o em seu valor, em seu dever ser, ou seja, afirmá-lo (2012, p. 75).

Da mesma forma, narrando suas experiências no campo de concentração, Frankl (2018) inicia falando sobre as reações reveladas nas primeiras experiências em Auschwitz, durante a desinfecção em baixo do chuveiro. Ele relata que grande parte dos prisioneiros, ali presentes, foi tomada inesperadamente por um humor negro. Primeiro rindo de si, depois dos outros. Afinal, a incerteza da sobrevivência cede lugar ao distanciamento do problema, pois se descobre que do chuveiro, realmente sai água.

O **autodistanciamento** que Frankl (2010) cita, juntamente com a autotranscendência, enfatizando como verificados e validados existencialmente no campo de concentração, é parte muito importante na leitura de seu testemunho. Por isso ele mesmo pode descrevê-lo:

Falamos anteriormente do autodistanciamento do homem em relação a si mesmo. É esse distanciar-se de si mesmo enquanto organismo psicofísico que constitui pela primeira vez efetivamente a pessoa espiritual enquanto tal, enquanto espiritual, dimensionando ao mesmo tempo o espaço do humano enquanto espiritual. Somente quando o homem se confronta consigo mesmo, o espiritual e o psíquico-corporal se estruturam (Frankl, 2012, p. 61).

Como visto acima, “não devemos esquecer que o senso de humor é exclusivamente humano” (Frankl, 2005, p. 125). Ou seja, o humor é eficaz como capacidade de autodistanciamento e superação das dificuldades humanas. A capacidade de rir de suas próprias dificuldades, ou problemas, habilita ao ser humano a um distanciamento propício para a resolução dos mesmos.

Frankl (2019, p. 234) afirma que o ser humano é livre inclusive para se distanciar de si mesmo. Ele destaca que essa característica se faz presente no ser humano, mesmo diante de uma patologia. Como psiquiatra, Frankl cita exemplos que explicam o autodistanciamento, incluindo pessoas com ideias delirantes, que se distanciam da percepção assassina dos supostos perseguidores, limitando-se “a fazer caretas.” Ou de pessoas acometidas por depressão, superando o “impulso” para a autodestruição, “por amor a uma coisa ou uma pessoa.”

Freitas (2017, p. 73) descreve essa atitude, como a capacidade de “distanciar-se de si mesmo e perceber a si mesmo como se fosse outra pessoa observando, em qualquer situação

na qual possa se encontrar.” Exercitando assim, o ser humano pode atingir uma autocompreensão ontológica, que Frankl chama de “sabedoria do coração” (2005, p. 63). Assim, como num ato heroico e com senso de humor, a pessoa pode reconfigurar sua atuação, diante da condicionalidade humana.

Alguns fragmentos vivenciais demonstram como Viktor Frankl exercitava o autodistanciamento no campo de concentração. Para enfrentar o rigor do frio e a violência dos soldados da SS, ele imagina a sua esposa em sua frente:

[...] agora meu espírito está tomado daquela figura à qual ele se agarra com uma fantasia incrivelmente viva, que eu jamais conhecera antes na vida normal. Converso com minha esposa. Ouço-a responder, vejo-a sorrindo, vejo seu olhar como que a exigir e a animar ao mesmo tempo; e – tanto faz se é real ou não a sua presença – seu olhar agora brilha com mais intensidade que o sol que está nascendo. [...] Passo a compreender que a pessoa, mesmo que nada mais lhe reste neste mundo, pode tornar-se bem-aventurada – ainda que somente por alguns momentos – entregando-se interiormente à imagem da pessoa amada [...] De repente me dou conta: nem sei se minha esposa ainda vive! Naquele momento, fico sabendo que o amor pouco tem a ver com a existência física de uma pessoa. Ele está ligado a tal ponto à essência espiritual da pessoa amada, a seu “ser assim” (nas palavras dos filósofos), que a sua “presença” e seu “estar-aqui-comigo” podem ser reais sem sua existência física em si e independentemente de seu estar com vida (Frankl, 2018, p. 55-56).

Em seguida, percebe-se a intencionalidade do exercício e a intuição dando vazão a realização de um ato futuro.

Tentei, repetidas vezes, distanciar-me de todo o sofrimento que nos rodeava, à medida que tentava objetivá-lo. Desse modo, lembro-me de que certo dia saí do campo, quase não conseguindo suportar a fome, o frio e as dores dos pés inchados pela falta de comida, e por esse motivo, congelados e purulentos, metidos em sapatos abertos. Minha situação parecia desesperadora e desesperançada. Daí imaginei estar numa tribuna de um grande salão de conferência, bonito, quente e claro, na iminência de dar uma conferência com o título “Experiências psicoterapêuticas no campo de Concentração” (realmente proferi uma conferência com esse título no Congresso), e eu estava falando de tudo o que eu vivenciava no momento. Acreditem, senhoras e senhores, naquele instante não poderia imaginar que realmente teria oportunidade de dar essa conferência (Frankl, 2010, p. 117).

O ser humano, capaz de autotranscendência e autodistanciamento, é um ser, segundo Rogers (1983), com um grande potencial intuitivo e mais sábio que seu intelecto. Transita livremente diante das circunstâncias que a vida lhe propõe. Por isso, continua-se a usar aqui o exemplo do ser humano no campo de concentração, sendo este habitat tão próximo aos sofrimentos vividos nas ruas.

2.3.2 O ser humano autêntico é irrefletido

Esse ser que caminha livre diante de cenários tão desafiadores e condicionantes, carece muitas vezes de autoconhecimento. Observadores que dialogam com a população em situação de rua, ouvem, por parte de muitos, que a rua não é ruim, mas tem que saber viver nesse ambiente. Eles destacam a liberdade como característica importante de sobrevivência. Contudo, um olhar mais apurado denuncia um desencontro e vários conflitos a partir deste.

Reivindicar liberdade, sem as consequências da responsabilidade resultante, como já visto, é confundir liberdade com arbitrariedade. Talvez por isso, as queixas sejam tão contundentes. Viver em situação de rua é sinônimo de interagir com acesso “livre” as drogas (principalmente o álcool e o crack), a insegurança, a desconfiança, a violência, a vida insalubre, entre outros. Entender situação de rua como vida de liberdade é ter que se conscientizar dessa realidade.

Dessa forma, a mais famosa frase, entre as que estavam nas paredes do oráculo de Delfos: “conhece-te a ti mesmo”, é fórmula importante para falarmos sobre um ser humano autêntico. Merije (2021, p. 20), comentando sobre o oráculo, percebe que “os seres humanos estão confusos, tremem perante os monstros que criaram e parecem não entender de onde vieram, com quem compartilham o mundo e para onde vão.” Não entender sua constituição, afasta o ser humano do sentido na vida.

“O homem só poderá reivindicar a liberdade, se compreender a si mesmo como ser espiritual” (Lukas, 1989, p. 224). Esse ser noético é motivado por valores que estão no mundo, mostrando o sentido a ser seguido. Pereira (2021, p. 287) situa essa atitude, refletindo que sentido gera responsabilidade e orienta a liberdade, derivada do traço espiritual do ser humano.

Para aprofundar um pouco mais sobre o ser autêntico, pode-se continuar debruçado sobre as falas procedentes da situação de rua, usando o exemplo de alguém que, sem trabalho e dependente de álcool, segundo ele “dando trabalho a mãe, a esposa e aos filhos”, simplesmente resolveu sair andando do interior de Pernambuco, até João Pessoa, onde se encontra há alguns meses. Chamou isso de “espírito aventureiro”. A ação de reflexão sobre as consequências afloraram somente diante das mesmas, já em situação de rua, no centro da capital paraibana.

O relato acima desvela a autenticidade do ser. Por ser livre, o espírito é irrefletido, mesmo diante de uma ação sem sentido. Ou seja, não perde sua liberdade, mesmo diante de uma ação equivocada, baseada no psicofísico. A Logoterapia não nega o inconsciente instintivo reprimido da psicanálise, mas acrescenta o inconsciente espiritual. “Num certo sentido, a existência é sempre irrefletida, simplesmente porque não pode ser objeto de reflexão” (Frankl, 2007, p. 20).

Para Viktor Frankl, o noético pode ser consciente ou inconsciente, sem muito limite entre um e outro. Fabry (1984, p. 50-51) destaca que é a dimensão noética, responsável pelas resoluções existenciais. “Daí extraímos nossas inspirações artísticas, nossa religião, nossas crenças e intuições. Ouvimos o sussurrar de nosso inconsciente dizendo-nos que tarefas devemos executar, e, com isto, orientando-nos para os significados de nossas vidas.”

Diferente da Psicanálise, a Logoterapia entende, como já referenciado, o ser humano, como um ser que “está aqui” e “decide em liberdade”. Frankl se baseia em Jaspers, Binswanger e Heidegger, para fundamentar esse “ser responsável existencialmente”. Para Frankl (2007, p. 21), “O ser humano propriamente dito começa onde deixa de ser impelido e cessa quando cessa de ser responsável. O ser humano propriamente dito manifesta-se onde não houver um id a impulsioná-lo, mas onde houver um eu que decide.”

Como figura comparativa, ele usa aqui, mais uma vez o olho, dizendo que, assim como o olho, no local onde se origina a retina, não há células sensíveis a luz, revelando um ponto cego, da mesma forma, o ser humano em sua origem essencial é cego a toda auto-observação e auto-reflexão. Pereira (2021, p. 288) amplia, explicando que “Frankl quer defender que a existência humana não se passa num plano absoluto de reflexão lógica ou de intelectualização.” Ou seja, o ser humano consegue intelectualizar suas atitudes, somente diante da realidade consequente dessas execuções. Por isso mesmo é inconsciente, por ser irrefletido.

Aqui nos referimos novamente àquela espiritualidade inconsciente, que se reporta à “pessoa profunda” existencial, ou seja, à camada profunda da pessoa espiritual, ao fundamento da existência, que – como já foi enfatizado repetidas vezes – consiste inclusive essencialmente em atos inconscientes, não refletidos. As grandes e essenciais decisões e experiências que competem ao ser humano estão arraigadas, em última instância, nessa camada fundamental da existência humana (Frankl, 2019, p. 2015).

Para Fabry (1984), a Logoterapia pode ajudar a pessoa a resolver com consciência os seus conflitos espirituais reprimidos. Diante do que foi dito, confronta-se o “espírito aventureiro” frente a Logoterapia, como base para “uma tomada de consciência do ter-

responsabilidade, do fundamento espiritual que sustenta toda condição humana, uma atuação consciente do inconsciente espiritual [...]” (Frankl, 2019, p. 11).

2.4 A consciência e suas nuances

Diante do questionamento sobre o sucesso, Frankl (2018, p. 10) delibera aos seus alunos: “Quero que vocês escutem o que sua consciência diz que devem fazer e coloquem-no em prática da melhor maneira possível. E então vocês verão que a longo prazo [...] o sucesso vai persegui-los, precisamente porque vocês esqueceram de pensar nele.”

Assim também aconteceu, quando ele mesmo, estava em dúvida sobre sua imigração para os Estados Unidos e deixar seus pais à mercê do destino, fincado sob os caprichos da guerra. Decidiu-se por ficar em Viena, favorecendo aos pais, quando interpelando seu pai, descobriu que ele resgatara uma pedra nos escombros da sinagoga, parte de um dos mandamentos da Lei: “Honra teu pai e tua mãe para que se prolonguem os teus dias na terra [...]” (Frankl, 2010, p. 99). Diante desse fato, o filho obediente entendeu ser sua resposta e declarou: “É possível que minha decisão de ficar já tivesse sido tomada no meu íntimo e que o oráculo, na realidade nada mais foi do que um eco da voz da consciência” (Idem).

De fato, as coisas se dão de tal modo que aquilo que se denomina a consciência moral se estende até o interior de uma profundidade inconsciente, encontrando-se enraizado no solo inconsciente: precisamente as grandes, as autênticas – existencialmente autênticas – decisões na existência humana ocorrem sempre de maneira totalmente irrefletida e, nessa medida, também inconsciente; na sua origem, a consciência moral imerge no inconsciente (Frankl, 2012, p. 77).

Para explicar a atuação da consciência, precedente a toda moral acessível, Frankl recorre a sua ação diante da consciência cognitiva (*Bewusstsein*), acessível ao momento do ato vivido pelo ser. Faz uso da consciência moral (*Gewissen*), em relação ao dever-ser. Ele esclarece que “esse ser que deveria ser não é, portanto, real, mas algo que ainda precisa tornar-se real; não é real, mas meramente possível” (Frankl, 2007, p. 30).

Essa possibilidade é antecipada através da intuição. Isso quer dizer, que a consciência moral, também chamada por Frankl (2016b), de “o órgão do sentido”, em sua essência acontece intuitivamente. É ela responsável por conduzir o ser humano em sua busca pelo sentido do momento. Frankl destaca que “a consciência do indivíduo o guia a fazer algo que contraria o que é moralmente estabelecido pela sociedade a que pertence [...] A consciência, logo, tem o poder de descobrir sentidos únicos que contradizem valores estabelecidos” (Frankl, 2011a, p. 82-83).

Fenômeno similar a consciência, o amor também intui, percebe o ser que ainda não é, contemplando prováveis valores na pessoa amada. Assim como na consciência, no amor, “o ser humano é um ‘ser que decide’. Na realidade, a escolha de um parceiro, a ‘escolha amorosa’ só constitui uma verdadeira escolha quando não é imposta pelo instintivo” (Frankl, 2007, p. 33).

Assim como o amor e a consciência, a estética e o humor também originam-se no inconsciente espiritual. A inspiração intuitiva é o segredo para que voluntariamente a criação seja revelada. Frankl (2007) destaca as fontes “imersas na escuridão” que alimentam essa inspiração para o artista, assim como, a criatividade “das piadas”, que continuam fazendo as pessoas rirem, mesmo que, sem “compreensão racional” das mesmas.

2.5 O sofrimento faz parte da transitoriedade humana

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía; ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo [...] (Levi, 1988, p. 33).

O relato acima faz parte do testemunho de Primo Levi, no campo de concentração, registrado em seu livro “É isto o homem?”. Mesmo que não seja unanimidade, independente dos motivos, se aproxima e muito, de alguns relatos, dos que vivem a realidade da situação de rua. Eles expressam o descaso, o abandono, a revolta, a carência, os medos, as incertezas e as adaptações diárias de sobrevivência. Tais discursos são comuns entre pessoas expostas a situações extremadas, como no caso desta população, gerando a impressão de que não há possibilidade de resolução de problemas.

A sociedade costuma rechaçar como agouro ou má sorte falar sobre sofrimento e morte, temas tão comuns na transitoriedade do ser humano, limitado e finito. Contudo, baseado em sua vivência, sua experiência crucial, e diante dos aspectos circunstanciais, que a Logoterapia chama de “tríade trágica”, ou seja, **dor, culpa e morte**, *impostos pela vida*, Viktor Frankl (2018, p. 161) ao ser questionado, respondeu: “no final das contas, dizer sim à vida apesar de tudo.”

Frankl (2019) critica a cultura ocidental, que tenta enfraquecer ou dissimular o sofrimento diante da realidade do ser humano. Destacou-se o “*homo faber*”, como o “homem meramente criador.” Criou dois ídolos tentando negar o sofrimento: a atividade e a

racionalidade. “O homem foi reduzido a um ser vivo, sem a dimensão do sofrimento. O balancete da vida foi retocado de modo a conter apenas um ativo desacompanhado do passivo. Nele não constam nem culpa, nem dívida, nem sofrimento” (Frankl, 2019, p. 304).

Contudo, não se pode negar, a vida é algo concreto impondo suas exigências, como já dito, requerendo uma resposta ao questionamento, que esta põe diante do ser humano num dado momento. “Quando um homem descobre que seu destino lhe reservou um sofrimento, tem que ver nesse sofrimento também uma tarefa sua, única e original” (Frankl, 2018, p. 102). Para Frankl, essa originalidade chama atenção para a importância da consciência pessoal, de que a pessoa é insubstituível nessa experiência de atitude vital.

A Logoterapia propõe uma vida otimista, ainda que, em meio as tragédias, visto que, mesmo diante das piores condições, o ser humano é transcendente, o que o capacita a passar por cima, encontrando o sentido valorativo e permitindo “(1) transformar o sofrimento numa conquista e numa realização humana; (2) extrair da culpa a oportunidade de mudar a si mesmo para melhor; (3) fazer da transitoriedade da vida um incentivo para realizar ações responsáveis” (Frankl, 2018, p. 161).

Relembrando que esse enfrentamento em busca de sentido na vida, se dá através da realização de valores, exercitando valores criativos, ou seja, realizando um trabalho ou uma ação, assim como vivenciando momentos diante da natureza ou das pessoas. E finalmente se posicionando diante da dificuldade, mantendo uma atitude frente à adversidade.

Frankl (1990b) destaca este último como o mais importante, pois exercê-lo, demonstra uma capacidade de sofrer. Conforme evidencia o autor, “quando já não somos capazes de mudar uma situação – podemos pensar numa doença incurável, como um câncer que não se pode mais operar somos desafiados a mudar a nós próprios” (Frankl, 2018, p. 137). Segundo ele, “de fato é o sofrimento que dá ao homem a chance de crescer, principalmente transformar a si mesmo” (Frankl, 1990b, p. 51). A decisão pessoal em transformar-se diante de uma dificuldade irreduzível, seleciona uma autoescultura do ser. Frankl explica como funciona:

O sofrimento, por conseguinte, pode ser em princípio um desempenho. Mas sofrimento quer dizer sofrimento reto, erguido, não significa apenas o produto de um esforço moral, mas também um crescimento. Se suportar um sofrimento, se o absorvo, então cresço, adquiro mais força moral; ocorre um processo metabólico, e metabolismo consistente na transformação de matéria-prima em força. O mesmo se verifica no nível humano, com a transferência da matéria-prima que o destino nos impõe. O indivíduo que sofre não é capaz de plasmar seu destino exteriormente, mas justamente o sofrimento lhe oferece a oportunidade de superar interiormente o destino, transportando-o do campo factual para o existencial (Frankl, 2019, p. 301).

Visto assim, sofrer pode propiciar liberdade interna, mesmo diante das piores situações, assim como amadurecer o ser humano que sofre, chamado na Logoterapia de “*homo patiens*”. Pereira (2013, p. 103) vê o “*homo patiens*” como aquele que se expõe diante do sofrimento com ousadia. Para ele é a pessoa “que consegue transformar seu sofrimento em conquista, em uma realização humana. A vontade de sentido não cessa; o sentido é incondicional e é exatamente por isso que ele também existe para além do agir e do amar.”

Por isso, o sofrimento é ferramenta transcendente. Ou seja, acontece por amor a alguém. Foi assim quando Viktor Frankl pensou em não assinar sua primeira obra, ao sair do campo de concentração. Evitando exibicionismo, pretendia apenas indicar seu número de prisioneiro. Contudo, os editores o convenceram, indicando que apesar da exposição sofredora, o destemor do depoimento seria valioso para os leitores. Assim, o autor declara: “por amor à causa, portanto, desisti também de cortes posteriores, suplantando a aversão ao exibicionismo com a coragem de confessar – superando-me assim a mim mesmo” (Frankl, 2018, p. 21).

Isto posto, para a Logoterapia “Não é necessário sofrer para encontrar o sentido. Além disso, é somente o sofrimento imposto pelo nosso destino que traz em si possibilidades de sentido; quem sofre desnecessariamente não é heróico, mas masoquista” (Frankl, 2016b, p. 62). Frankl (2019) ressalta que diferenciar sofrimento significativo, daquele que necessita sentido, ensina a distinguir entre o sofrimento necessário e o desnecessário.

“Devemos manter bem claro, no entanto, que o otimismo não pode ser resultado de ordens ou determinações. Tampouco a pessoa pode forçar-se a si mesma a ser otimista indiscriminadamente, contra todas as probabilidades e contra toda esperança” (Frankl, 2018, p. 161).

Acrescenta-se aqui a ação do **poder desafiador do espírito**, também chamado na Logoterapia de **antagonismo psiconoético**. Uma tomada de posição pessoal/noética facultativa, perante à incongruência condicionante do psicofísico. “Esse antagonismo corresponde, por inteiro, à capacidade do homem de se distanciar do psicofísico. Em vez de se identificar com os instintos, o homem distancia-se deles” (Frankl, 2014, p. 218). Dessa forma, o ser humano diante de sua liberdade, decide dizer não para os seus instintos, optando não se identificar com eles.

Destaca-se aqui a diferença entre o homem e o animal, visto que o animal, por não possuir a dimensão noética, age no paralelismo psicofísico, pois ele “é” seus instintos. Isso

não significa que o ser humano não se comporte como o animal em alguns momentos na sua vida. No entanto, quando desse proceder, ele está “abrindo mão”, decidindo não se posicionar pela ação psiconoética e se colocando ao lado do psicofísico, agindo instintivamente. Por isso Frankl (2019, p. 218) declara que “o homem, porém, só começa justamente a ser homem quando é capaz de se opor ao seu próprio psicofísico.”

Diante das dificuldades até aqui vistas, “o homem é melancólico com o estômago, com a pele e com os cabelos, com o corpo e a alma, mas não justamente com o espírito. Ao contrário, é apenas o organismo psicofísico que é afetado, mas não, contudo, a pessoa espiritual [...]” (Frankl, 2012, p. 60). O homem pode ter dores, no entanto, ele não as “é”. “Sofrer significa, por conseguinte, tomar posição perante as dores, e isto significa sempre também estar de algum modo ‘acima’ das dores” (Frankl, 2019, p. 220).

No livro “Em busca de sentido”, Frankl (2018), apresenta o exemplo de Jerry Long, que contraiu uma quadriplegia, após um acidente, aos dezessete anos. É citado que o jovem, possivelmente mantinha sua vida naturalmente, conseguindo acessar teclados com uma varinha de madeira, além de ler normalmente e escrever. Assim, conseguiu acompanhar dois cursos no *Communnity College* através de um telefone especial. Frankl cita uma carta enviada por Jerry, para ele, relatando:

Vejo minha vida cheia de sentido e de objetivos. A atitude que adotei naquele dia fatal se transformou no credo da minha vida: eu quebrei meu pescoço, não quebrei meu ser. Atualmente estou matriculado no meu primeiro curso de Psicologia, na universidade. Acho que minha deficiência só vai aumentar minha capacidade de ajudar outros. Sei que, sem o sofrimento, o crescimento que atingi teria sido impossível (Frankl, 2018, p. 169-170).

O relato acima poderia acontecer de forma diferente, se o protagonista entendesse, como muitos, que a enfermidade que o assolara, juntamente com suas comorbidades, fosse instrumento incapacitante e anulador. No entanto, a vontade de sentido estimulou-o a olhar para o outro, transcendendo diante de suas dificuldades psicofísicas e buscando uma formação instrumental/técnica para auxiliar pessoas com problemas parecidos com o seu.

3. FÉ E RELIGIÃO

Frankl (2018, p. 51) relata que no campo de concentração há uma espécie de “hibernação cultural”, restando apenas o fervor pela política e pela religião. Sobre esta última, ele destaca: “O mais impressionante neste sentido devem ter sido as preces e os cultos improvisados, no canto de algum barracão ou num vagão de gado escuro e fechado, no qual éramos trazidos de volta após o trabalho [...]” Frankl relata que numa ocasião foi convidado para testemunhar, como profissional, diante de uma sessão espírita.

Certa vez presenciei algo que, embora me fosse de certa forma afim do ponto de vista profissional, eu jamais conhecera na vida normal: uma sessão espírita. O médico-chefe do campo, que teve o palpite de que eu era um psicólogo profissional, convidou-me para uma reunião altamente secreta no pequeno compartimento em que morava, na enfermaria. Reuniu-se ali um pequeno círculo no qual também se achava (em flagrante infração do código) o suboficial de saúde de nosso campo. Um colega estrangeiro começou a conjurar os espíritos numa espécie de reza. O secretário da enfermaria estava sentado frente a uma folha de papel em branco, devendo segurar um lápis sobre a mesma, sem qualquer intenção consciente de escrever. No curso de dez minutos - ao fim dos quais a sessão foi interrompida com a alegação de terem falhado os espíritos ou o médium -, seu lápis foi traçando muito lentamente algumas linhas sobre o papel, as quais podiam ser claramente decifradas como *vae v.* Afiançou-se que o secretário jamais aprendera latim tampouco teria ouvido as palavras *vae victis* (ai dos vencidos!). (Frankl 2018, p. 52-53).

Passos (2006, p. 25) registra que a religião está presente desde a origem da humanidade, como “uma expressão central da vida social em diversos pontos do planeta”. O conceito de religião é diverso. Contudo, usa-se aqui o conceito trazido por Durkheim (2008, p. 79), que depois de muito considerar, define uma religião, como “um sistema solidário de crenças seguitas e práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os que a ela aderem.” Ou seja, religião envolve coletividade e fé.

Koenig (2012) acrescenta que escrituras ou códigos de fé, geralmente descrevem o lugar do indivíduo na religião, assim como a sua responsabilidade diante da comunidade, visando a vida após a morte. O autor destaca a forma não tradicional da religião, descrevendo “um conjunto amplo de grupos orientados por crenças e rituais comuns. Entre eles estão astrologia, adivinhação, bruxaria, invocação de espíritos, espiritismo e uma variedade de rituais e práticas indígenas, folclóricas ou animistas relacionados ao sobrenatural” (Koenig, 2012, p. 12).

Para Durkheim (2008, p. 67), crenças “são estados da opinião, consistem em representações [...] São sempre comuns a determinada coletividade”, ou seja, solidárias.

Krüger (2017, p. 59), pesquisador sobre crenças, em psicologia, contribui expondo que “crença é toda e qualquer afirmativa feita por uma pessoa, originada de sua experiência, que pode ser a da percepção ou da cognição.” O autor afirma ainda, que as consequências das crenças, dependem da anuência da pessoa afetada, e que a divulgação e crescimento dessas crenças, se dão nas relações interpessoais.

Como descrito acima, as crenças são atos de fé, que estão associadas a atuação do sagrado. Eliade (2008, p. 16) compreende que “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades naturais.” O sagrado é da ordem do misterioso e se opõe ao profano, pertencente ao mundo natural.

Discorrendo sobre fé como crença, Lewis (2017) apresenta a fé fundamentada na razão. O autor explica sua posição, expondo um problema. Ao contrário do que pensava, segundo ele, a mente humana não é regida pela razão. A batalha se dá no enfrentamento “entre fé e razão, de um lado, e emoção e imaginação, de outro.” Para ilustrar esse problema, Lewis expõe alguns exemplos, entre eles, uma experiência pessoal. Ele conta:

Vou dar um exemplo: minha razão está perfeitamente convencida, por evidências suficientes, de que os anestésicos não vão me sufocar e que os cirurgiões adequadamente treinados não começariam a cirurgia enquanto eu estivesse consciente. Mas isso não altera o fato de que, quando eles me deitarem na maca e cobrirem o rosto com suas máscaras assustadoras, um pânico meramente infantil toma conta de mim. Começo a me imaginar sufocando de medo de que eles comecem a me cortar antes de eu estar apropriadamente sedado. Em outras palavras, eu perco a minha fé nas anestésias (Lewis, 2017, p.186).

Dessa forma, Lewis afirma que mesmo diante da razão, a imaginação, as percepções e as emoções podem destruir a fé de uma pessoa. Ou seja, a fé é um ato volitivo e existencial. Frankl (2019, p. 339) discorrendo sobre o assunto, cita que “posso ser forçado a saber algo, mas nunca acreditar nele. A crença começa justamente quando se escolhe livremente, quando se necessita de uma decisão [...]”

Para Frankl (2016a), o sentido último das coisas está estreitamente ligado a fé. Conforme seu pensamento, “a fé não é uma maneira de pensar da qual se subtrai a realidade, mas uma maneira de pensar, à qual se acrescentou a existencialidade do pensador” (Frankl, 2007, p. 108). Já, Guberman e Soto (2006, p. 38), conceituando fé, observam que se refere ao “saber que não pode ser demonstrado mas sobre o qual não há nenhuma dúvida. Não é um pensamento que carece da realidade do pensado, mas um pensamento ao qual se agrega a existencialidade do sujeito pensante.” Tem como base a confiança no transcendente, também chamado na Logoterapia de dimensão supra-humana.

A Enciclopédia Barsa (2002, p. 211) cita que “a fé é sobretudo um estado de ser, no qual o homem se envolve irresistivelmente com o objeto de sua crença, convencendo-se da realidade invisível por meio de uma experiência existencial profunda.” Essa descrição denota uma decisão pessoal num envolvimento existencial, já que o ser humano usa de sua liberdade para se deixar atrair pelo objeto de sua crença, visualizando o inexistente. Essa experiência se aproxima do conceito trazido pelo teólogo Paul Tillich, logo a seguir.

Para Tillich (1985, p. 5), “fé é estar possuído por aquilo que nos toca incondicionalmente”, num ato de coragem. Segundo ele, “a coragem de ser é uma expressão de fé e o que a fé significa deve ser entendido através da coragem de ser” (Tillich, 1976, p. 130). Esse autor define coragem, “como a autoafirmação do ser a despeito do não-ser. A potência desta autoafirmação é a potência do ser que é efetivo em cada ato de coragem. Fé é a experiência desta potência” (Idem). Ainda sobre essa potência, Lewis (2017, p. 117) definindo coragem, diz que ela inclui dois tipos: “aquela que nos leva a encarar o perigo, como a do tipo que nos faz suportar a dor até o fim.”

Garcia Pintos (2017, p. 137) enriquece o que já foi considerado, acrescentando que “a fé é o grande libertador da pessoa humana, porque, em sua humilde condição de criatura, reconhece de que coisas não pode se encarregar.”

Percebe-se que todas essas descrições indicam que o exercício da fé se dá na relação com o supra-humano, através do amor. Portanto, não é um exercício induzido ou forçado. Se dá no exercício da liberdade. Frankl (2015, p. 90) confere que “amor e fé não se deixam manipular. Como fenômenos intencionais que são, só se manifestam quando se dá um conteúdo e um objeto adequados.”

Frankl (2016a, p. 92) complementa afirmando que a fé brota de uma força interior, do inconsciente espiritual, ou noológico, tornando o “homem mais forte”. Por isso, diferente da Psicanálise que afirma que a religião é resultado de uma sexualidade reprimida, a Logoterapia percebe a religião como um fenômeno naturalmente humano, entre outros e consequentemente espontâneo. Sendo assim, respeita-se também a irreligiosidade, pois a religião, por ser humana, não é impulsionada. Eliade (2008) falando sobre o exercício do sagrado e do profano, pelo *homo religiosus*, no mundo moderno, diante da dessacralização desse mundo, afirma que:

[...] o símbolo não somente torna o Mundo aberto, mas também ajuda o homem religioso a alcançar o universal. Os símbolos despertam a experiência individual e transmudam-na em ato espiritual, em compreensão metafísica do Mundo. Diante de uma árvore qualquer, símbolo da Árvore do Mundo e imagem da vida cósmica, um

homem das sociedades pré-modernas é capaz de alcançar a mais alta espiritualidade: ao compreender o símbolo, ele consegue viver o universal. É a visão religiosa do Mundo e a ideologia que o exprime que lhe permitem fazer frutificar essa experiência individual, abri-la para o universal (Eliade, 2008, p. 172).

A constatação de Eliade de que, mesmo diante de uma possível realidade a-religiosa, o ser humano ainda alimentado pelo inconsciente ideológico, faz de sua vida religiosa a sua vida espiritual, é matéria de grande importância nesse momento, visto que, o exercício do ser, diante das crenças, ou seja, em face da vida prática da fé, se depara com o ser espiritual, ou com a espiritualidade humana. Por isso, é comum a fusão entre o religioso e o espiritual.

Vaillant (2010, p. 70) discorrendo sobre a diferença entre religião e espiritualidade, afirma que “nossa tradição de fé geralmente combina as crenças que nos foram transmitidas pela religião com a profundidade emocional e a confiança no universo transmitidas pela nossa espiritualidade e por aqueles que nos amam.” Ele reflete sobre a dificuldade da diferenciação inicial entre espiritualidade e religião, questionando: nossa espiritualidade não costuma ser expressa por meio de linguagem, metáforas e rituais da religião? Praticamente todas as religiões não surgiram da espiritualidade inata do ser humano?” (Vaillant, 2010, p. 192).

Koenig (2012) fortalece esse pensamento, expressando que é unanimidade cultural entre as sociedades do mundo, o significado de espiritualidade associado a religiosidade. No entanto, quando arrisca uma definição de espiritualidade, prefere “experiência humanística”. Ele complementa, esclarecendo que “paz interior, conexão com outros, propósito e significado, crenças, valores, sentimentos de admiração, reverência, amor, perdão, gratidão, conforto, suporte e outros quase indicadores de saúde mental” (Koenig, 2012, p. 17-18), não são práticas de uma espiritualidade devota, mas resultados de uma vida humana transcendente, podendo incluir ou não a religiosidade.

Pacciolla (2015, p. 308) contribui com Koenig, quando afirma que a Logoterapia opta por definir espiritualidade como “laica ou não confessional”, evitando um reducionismo psicorreligioso. Pacciolla (2015, p. 313) destaca que “a religiosidade é uma das tantas formas de expressar a própria espiritualidade e, portanto, da busca de sentido da vida. A religiosidade não é a única maneira, nem a melhor, para encontrar ou para dar um sentido à própria vida” e expressar a coragem para enfrentar as dificuldades diárias do ser humano.

3.1 Estratégias de enfrentamento

Viktor Frankl relata que diante do impacto da recepção no campo de concentração de Auschwitz e do inevitável perigo de morte, motivado por seus valores, resolveu na primeira noite fazer um compromisso pessoal, “uma mão apertando a outra, de não ‘ir para o fio’ ” (Frankl, 2018, p. 32-33). Ir para o fio era a expressão usual para o suicídio, ao tocar a cerca eletrificada.

Allport (2018, p. 7), escritor do prefácio da edição norte-americana de 1984, do livro “Em busca de sentido”, comentando sobre a importância deste fragmento autobiográfico, descreve que no campo de concentração “primeiro surge uma fria e distante curiosidade de saber o próprio destino. Depois surgem estratégias de preservação do que resta de vida, apesar das chances de sobreviver serem pequenas.”

A narrativa de Viktor Frankl sobre sua passagem pelos campos de concentração, na segunda guerra mundial, apesar de não objetivar ser um manual de enfrentamento das dificuldades vivenciadas pelo ser humano em sua luta diária de sobrevivência, apresenta estratégias de enfrentamento, visando “dizer sim à vida apesar de todos os aspectos trágicos da existência humana” (Frankl, 2018, p. 11).

No prefácio do livro da Dra. Elisabeth Lukas, “Assistência logoterapêutica”, a Dra. Sandra Wawrytko (1992, p. 11) destaca a ação da vida na imposição de limites imutáveis na vivência do ser humano. Ela ressalta que “nossa responsabilidade consiste em aceitar esses limites, integrando-os em nossa liberdade, para que não os superestimemos, nem subestimemos nossa capacidade espiritual de enfrentá-los.”

Para Fabri, referenciando a vivência no campo de concentração, a responsabilidade pelo enfrentamento do sofrimento, objetivava a sobrevivência para cumprir uma missão. Preservar a vida, situando-a no futuro, esperando encontrar continuidade junto aos seus. “O sobreviver continha uma incumbência atrás da qual, ainda que inconscientemente, repousava a crença de que alguma espécie de ordem prevalecia e que se poderia alcançá-la se estivesse disposto a enfrentar o caos” (Fabri, 1984, p. 34).

Frankl comentando sobre a vida moderna, destaca o desânimo decorrente da ausência do sentido na vida. A indústria e a sociedade do consumo até tentam providenciar possibilidades de satisfação. No entanto, a necessidade básica de sentido continua desconsiderada e esquecida. Evidenciá-lo na vida essencial é de suma importância, “porque,

uma vez que o desejo de sentido do homem tenha sido realizado, ele se torna feliz, mas ele também se torna capaz de sofrer, de lidar com frustrações e tensões e - se necessário for - ele está preparado para dar a sua vida" (Frankl, 1991b, p. 265).

A capacidade de lidar com o sofrimento é muito referenciado hoje, através do “*coping*”. Forma verbal do presente contínuo de “*cope*”, traduzido por Marques (2004, p. 129), como “fazer frente (a), dar conta de (situação difícil).”

Definimos *coping*/enfrentamento “como esforços cognitivos e comportamentais em constante mudança para gerenciar demandas externas e/ou internas específicas que são avaliadas como sobrecarregando ou excedendo os recursos da pessoa” (Lazarus e Folkman, 1984, p. 141). Ou seja, *coping*/enfrentamento é “o conjunto das estratégias utilizadas pelas pessoas para adaptarem-se a circunstâncias adversas” (Antoniazzi *et al.*, 1998, p. 274).

Contudo, situações adversas ou estressantes podem acontecer fora do controle do ser humano, pois os cenários vivências não estão livres de condicionantes, como visto anteriormente. Tais situações podem gerar tédio, angústia ou ansiedade. Estratégias de enfrentamento podem ajudar a gerenciar essas demandas, auxiliando na vivência desses momentos, independente das consequências. Lazarus e Folkman (1984, p. 140) indicam que, por isso, “muitas fontes de estresse não podem ser dominadas, e efetivamente o enfrentamento ativo nessas condições é aquele que permite à pessoa tolerar, minimizar, aceitar ou ignorar o que não pode ser dominado.”

Em situações assim, Frankl (2005, p. 42) lembra que “o que realmente importa e conta mais é dar testemunho do potencial, unicamente humano, que em sua forma mais alta, deve transformar uma tragédia em triunfo pessoal.” Na impossibilidade de mudar uma situação, o indivíduo é desafiado a mudar a si mesmo.

Quando se trata de fé, Panzini e Bandeira (2007, p. 128) abordam o conceito de *coping* religioso, apresentando uma revisão de literatura sobre o assunto. As autoras informam que o *coping* religioso “está inserido nas áreas da psicologia cognitivo-comportamental, psicologia da religião, psicologia positiva, psicologia da saúde e do escopo de estudos sobre religião e saúde, medicina e espiritualidade.” Indicam ainda que todo embasamento acontece “a partir do estudo cognitivista do estresse e do *coping*.”

Prefaciando o livro “A presença ignorada de Deus”, Xausa (2007, p. 6) expressa que para a Logoterapia, a religiosidade não é reduzida ao psicofísico. Ela esclarece que a Logoterapia “reconhece na pessoa a ‘dimensão noológica’ situada além do psicofísico, numa

visão mais ampla que inclui o espírito, entendida não apenas como dimensão religiosa, mas valorativa, intelectual e artística.”

Um dos mais importantes teóricos sobre o *coping* religioso, Pargament (1997), esclarece que esse tipo de enfrentamento é denotado pela procura da religião por pessoas em situações estressantes. Ele destaca a presença de “sinais inequívocos de enfrentamento religioso à medida que a gravidade das situações aumentam” (Pargament, 1997, p. 142).

Em suas investigações com estudantes universitários, percebeu que a procura pela religião prevalecia nos momentos mais difíceis da vida desses estudantes. Ou seja, quando os resultados negativos predominavam sobre os positivos. Para essas pessoas, a religião ampara “mais como fonte de apoio para tempos difíceis do que como um antídoto para um mundo injusto, como um guia moral, ou como um objeto de gratidão por ocasiões felizes” (Pargament, 1997, p. 141).

Pargament (1997) afirma que as pessoas mais suscetíveis ao *coping* religioso são as que adotam a religião como sistema de crença, orientando seus sentimentos, práticas e relacionamentos. Panzini (2004) confirma, citando que esse comportamento favorece a resolução desses problemas, precavendo ou mitigando as consequências negativas dessas experiências. Panzini e Bandeira (2007, p. 127) citam que “a vasta maioria das pesquisas indica que crenças e práticas religiosas estão associadas com melhor saúde física e mental.”

As religiões se destacam em situação que abalam, já que “as estratégias pessoais, sociais e tecnológicas já não fornecem soluções eficazes para os problemas críticos, mas continuamos a procurar algum tipo de significado na vida (Pargament, 1997, p. 155).

Para a Logoterapia, “a religião não é um seguro para uma vida tranquila, para a ausência máxima de conflitos ou para quaisquer outros objetivos psico-higiênicos (Frankl, 2007, p.71). A relação madura com a religiosidade se dá na medida em que o ser humano reconhece que é um ser livre e responsável. Como veremos adiante, é uma relação noética, intencional e transcendente com o suprasentido.

Comentando investigações realizadas por Gordon W. Allport, sobre o sentimento religioso, tanto no nível pessoal, quanto nos relacionamentos interpessoais, Fizzotti (2014, p. 48-49) descreve duas categorias de sentimentos religiosos: A *extrínseca*, que é a “religiosidade vivida como meio a ser usado para melhorar a segurança em nós mesmos, para regular certa modalidade de vida, para alcançar um objetivo qualquer.” E a religiosidade *intrínseca*, “vivida mais em profundidade, reconhece que a fé possui valor em si, transcende

os próprios indivíduos, comporta sacrifício e empenho, representa o motivo principal da vida.”

Fizzotti (2014, p. 49) indica que esta última produz uma vida compromissada com os preceitos religiosos, visto que, “esse tipo de religiosidade aberta permite ao indivíduo perceber os estímulos vindos de fora e produzir, conseqüentemente, transformações em nível de personalidade”, resultando em compreensão e aceitação de si e do momento vivido, causando autotranscendência progressiva.

Fizzotti (2014, p. 56-57) revela que enquanto alguns buscam na religião “um refúgio diante da angústia que os atormenta e que brota do fato de viverem situações de marginalização, de isolamento, de rejeição familiar, de depressão.” Por isso percebem a importância do lugar da cerimônia e dos diversos objetos sagrados. Outros enfrentam os problemas, visando uma religiosidade desvelada essencialmente.

[...] Há outra ordem de motivações que torna a experiência profundamente rica e fator de crescimento autêntico. Ela emerge quando a pessoa se coloca com os ouvidos e o coração atentos ao clamor que de muitas partes se eleva em torno de si e se pergunta o que pode e deve fazer para dar uma resposta de esperança. Isso comporta fazer profundo autodistanciamento de si mesmo, do próprio mundo cotidiano, das preocupações associadas ao trabalho, à política, ao esporte, às convenções sociais. E ao mesmo tempo comporta também pôr-se à prova, verificar as próprias capacidades, experimentar a possibilidade de uma renúncia em vista de um serviço desinteressado e gratuito” (Fizzotti, 2014, p. 57).

3.2 Logoterapia e religião

A Logoterapia entende que a religião “é, e só pode ser, um objeto - não, porém, uma posição” (Frankl, 2016a, p. 366). Tal pensamento é corroborado pelo Conselho Federal de Psicologia, em sua resolução 7/2023, que “estabelece normas para o exercício profissional em relação ao caráter laico da prática psicológica”, destacando o “respeito à singularidade e diversidade de pensamentos, crenças e convicções dos indivíduos e grupos.”

A preocupação do Conselho está pautada no respeito à individualidade do ser, no que tange a “dimensão da religiosidade e da espiritualidade”, envolvendo suas origens e tradições, respeitando inclusive a “vivência a-religiosas, agnósticas e ateístas de indivíduos e grupos.” Da mesma forma, para a Logoterapia, “tanto a existência religiosa como a irreligiosa são, em princípio, fenômenos coexistentes. Em outras palavras, a Logoterapia deve assumir perante eles uma atitude neutra” (Frankl, 2015, p. 85).

Ao assumir uma postura neutra, a Logoterapia confronta o psicologismo freudiano, que ignora a existência essencialmente humana, confinando o ser humano numa relação

inconsciente entre as dimensões somática e psíquica, reduzindo a origem religiosa no complexo de Édipo e considerando a religião como uma neurose obsessiva. A neutralidade logoterapêutica indica a humanidade do ser e facilita o exercício da liberdade pessoal, visto que, “quando a fé atrofia, parece que ela distorce, desfigura [...] E isso parece acontecer onde quer que o sentimento religioso se torne vítima de uma repressão por parte da razão despótica, de uma inteligência técnica” (Frankl, 2007, p. 66).

Batthyány (2022), discorrendo sobre sonhos e ideologias religiosas, aponta a preocupação de Viktor Frankl sobre a neutralidade da Logoterapia. É exposto que essa imparcialidade não traduz na rejeição da opção religiosa da pessoa. “Significa apenas que a cosmovisão não é introduzida no processo terapêutico sem que haja uma solicitação” (Batthyány; Lukas, 2022, p. 285). Objetiva-se que, no processo psicoterapêutico ou no simples exercício da Logoterapia em escuta e respeito ao outro, pratique-se a facilitação vivencial de um indivíduo livre e responsável em busca de um sentido que o atraia naquele momento, sem qualquer influência direta da visão de mundo do facilitador.

Frankl (2007, p. 77) expressa claramente que “quando a psicoterapia entende o fenômeno que é o crer não como uma fé em Deus, mas como a fé mais abrangente num sentido, então é perfeitamente legítimo que ela se ocupe com o fenômeno da fé.” Isso demonstra quanto a livre declaração de manifestação da fé pessoal é importante para a Logoterapia, visto que religião e sentido na vida estão intimamente ligados. Frankl menciona Paul Tillich quando define que “ser religioso significa fazer a pergunta apaixonada pelo sentido da nossa existência” (Frankl, 2007, p. 78).

Tillich (2014, p. 29), ao falar sobre esse ser religioso, se preocupa com o sentido último de sua existência. Ele expressa que a palavra preocupação aponta para o “caráter existencial da experiência religiosa.” Essa experiência é resultado da atitude noética intencional, voltada conscientemente para o incondicional, também referenciado como “ser-em-si” (Tillich, 1976, p. 122).

Frankl (2013) defende três considerações importantes sobre a neutralidade relatada: primeiro, há um reconhecimento autêntico na ação da religiosidade na vida do indivíduo, conforme sua opção; em segundo lugar, como expressado acima, há uma atribuição histórica significativa sobre a religiosidade, quanto a manifestação de busca de sentido; e em terceiro lugar, a manutenção necessária de um distanciamento ideológico, aplicado na terapia ou no exercício da Logoterapia em seus eixos de atuação.

Rogers (1983) informa que cada ser, por ser diferente tem seu modo de ser, de atuar. Ele apresenta três formas para se criar um clima facilitador de ajuda para a pessoa necessitada. Destaca-se inicialmente a congruência, que vem a ser a autenticidade do ser, a sinceridade da pessoa que está atendendo, seja médico, psicólogo, ou simplesmente um auxiliar. Esta atitude facilita a remoção de barreiras profissionais ou pessoais, aumentando as possibilidades da pessoa atendida, em sua percepção naquele momento, indicando transparência em sua recepção.

A segunda forma é a consideração positiva, ou aceitação incondicional. A pessoa atendida sente-se aceita e acolhida, independente de seu momento de estar ou de expressão de sentimento, “qualquer que seja – confusão, ressentimento, medo, raiva, coragem, amor ou orgulho” (Rogers, 1983, p. 39). Percebendo por esse prisma, as diferentes abordagens religiosas, independente da religiosidade ou irreligiosidade do facilitador, serão aceitas sem olhares pré conceituados por parte do mesmo.

A compreensão empática é a terceira figura de expressão para um momento facilitador de atendimento. Uma boa escuta e atenção as palavras, possíveis sentimentos e gestos corporais, juntamente com a abertura total de aceitação, por parte do facilitador, ajudarão na captação precisa da vivência dos envolvidos naquele momento. Perceber e diferenciar sentimentos é de suma importância, para que o facilitador compreenda o outro, comunicando sua compreensão a pessoa atendida.

Rogers relata alguns atendimentos a grupos, onde pessoas expressavam suas lutas e muitas dores, incluindo pessoas religiosas de diferentes matizes e pessoas que zombavam da fé alheia. Diante dessas experiências, ele se expõe.

Um dos sentimentos mais gratificantes que conheço — e também um dos que mais oferecem possibilidades de crescimento para a outra pessoa — advém do fato de eu apreciar essa pessoa do mesmo modo como aprecio um pôr-do-sol. As pessoas são tão belas quanto um pôr-do-sol quando as deixamos ser. De fato, talvez possamos apreciar um pôr-do-sol justamente pelo fato de não o podermos controlar. Quando olho para um pôr-do-sol, como fiz numa tarde destas, não me ponho a dizer: “Diminua um pouco o tom do laranja no canto direito, ponha um pouco mais de vermelho púrpura na base e use um pouco mais de rosa naquela nuvem.” Não faço isso. Não tento controlar um pôr-do-sol. Olho com admiração a sua evolução (Rogers, 1983, p. 14).

Da mesma forma, como já visto, a Logoterapia percebe a genuína religiosidade, quando sua manifestação é existencialmente livre, se movimentando em direção ao sentido espontaneamente e no seu tempo.

Pode-se exemplificar esse fato, com o relato de Frankl sobre seu pai, quando foram deportados. Frankl (2021a, p. 21) relata sua aceitação àquela situação, entendendo que assim seria a vontade de Deus. O autor assim discorreu sobre esse acontecimento: “Interpreto-o no sentido de que meu pai, que era uma pessoa liberal, mas com uma postura de vida autenticamente religiosa, tinha uma crença incondicional no significado último da existência.”

O relato acima informa que Frankl teve a oportunidade de estar com o seu pai horas antes de sua morte, aos 81 anos. Depois de aplicar uma dose de morfina, para amenizar suas dores, fez algumas perguntas, para facilitar aquele momento. Dentre elas, se ele estaria bem e recebeu um “sim” como resposta segura. Ao sair do barracão, pela gravidade do momento, Frankl sabia que não veria mais seu pai. Aquela noite em Theresientadt, tão difícil para sua existência, trouxe-lhe a certeza da felicidade, por ter encontrado a possibilidade de testemunhar a serenidade consciente, de alguém que diante de um final tão trágico, mantinha-se livre em seu proceder.

Conquanto, anteriormente a religião fora citada como um objeto, Frankl destaca sua valiosidade, visto que para a Logoterapia, logos pode significar espírito, assim como, sentido. Portanto, é na dimensão especificamente humana que se dá a relação religiosa entre a pessoa e o mundo superior, objetivando o contato com a dimensão supra-humana, em busca de sentido, através do amor.

Frankl (2015, p. 86) explica essa relação, ancorado a um símbolo algébrico de proporção áurea, que “preconiza a ideia de que a parte menor se relaciona com a parte maior assim como a parte maior com o todo.” Mantendo a relação, explica-se que o animal habita o ambiente de sua espécie, enquanto o homem está no mundo. A vivência animal no mundo humano, acontece da mesma forma que o homem se relaciona com o mundo sobrenatural. “O que quer dizer: do mesmo modo que o animal não é capaz de entender, a partir de seu ambiente, o homem e seu mundo, tampouco é possível o homem lançar um olhar ao mundo superior” (Idem). O passo humano como tentativa de acessar e desvendar o suprasentido, é dado pela fé, livre e responsável.

Visto que, o ser humano em sofrimento tem a liberdade de não estar em busca do sobrenatural, a Logoterapia não objetiva adentrar ao campo da teologia. “O objetivo da psicoterapia é cura psíquica – o objetivo da religião, contudo é a salvação da alma” (Frankl, 2015, p. 85). Por isso, a Logoterapia move-se aquém da confissão religiosa e das visões teísta e ateuísta, objetivando responder ao problema do sentido.

O posicionamento da Logoterapia é categórico, quando afirma que “Uma psicoterapia religiosa, no sentido mesmo da palavra, seria inconcebível, por conta da diferença essencial entre psicoterapia e religião, que é na verdade, uma diferença dimensional” (Frankl, 2011a, p. 178). No entanto, a neutralidade da Logoterapia permite entender que religião e psicoterapia não se confundem, mas poderão ajudar a pessoa por efeitos profiláticos ou psicoterápicos, permitindo alívio psicológico e autotranscendência ao identificar o sentido último no absoluto, ou suprasentido.

Frankl (2011a, p. 181) argumenta que, para o que crê, a identificação com o sentido último é acessada pela fé. Ou seja, “é precedida pela crença em um ser último: pela crença em Deus.” Essa experiência, lembra as palavras de Heidegger, sustentando que “o ser não é uma coisa entre outras coisas” (Frankl, 2011a, p. 182).

3.3 Uma religiosidade inconsciente

A realidade é dura para alguns, em algum momento da vida, como no caso daquela senhora, em situação de rua numa cidade grande e com 2 filhos menores. Conta um dos filhos que sua mãe, nos finais de semana procurava uma igreja com movimentação de pessoas, geralmente casamento, para esperando acabar a festa, fora da igreja, tentar conseguir algo para comer, talvez um pedaço de bolo ou algo parecido. Relata que ficava muito triste ao perceber a preocupação e a angústia da mãe por não poder providenciar uma melhor situação para seus filhos.

Relatos assim objetificam o ser humano, assemelhando-se as descrições das experiências dos confinados, onde famintos e abandonados disputavam uma lasca de pão, correndo o risco de serem surrados e até assassinados, caso fossem pegos em flagrante. Frankl denuncia que “no campo de concentração, a pessoa tornou-se coisa” (Frankl, 2019, p. 259). Ele próprio testemunha, como já visto, os descasos emocionais sofridos:

A dor física causada por golpes não é o mais importante – por sinal, não só para nós, prisioneiros adultos, mas também para crianças que recebem castigo físico! A dor psicológica, a revolta pela injustiça ante a falta de qualquer razão é o que mais dói numa hora dessas [...] O que me dói agora, apesar de tudo e a despeito da insensibilidade crescente, não é a perspectiva de alguma carraspana ou bordoadas, e sim o fato de que para aquele guarda essa figura decrépita e esfarrapada, que só de longe lembra vagamente um ser humano, não merece sequer um insulto (Frankl, 2018, p. 39).

A associação entre a esperança da alimentação em uma igreja em festa, no primeiro caso e a experiência de estar “sob o olhar de Deus” (Frankl, 2018, p. 108), mesmo em uma

situação de abandono e fome, ensina a olhar para o problema cultivando a fé e enfrentando o sofrimento.

O testemunho “*crucis*” relatado por Viktor Frankl revela que o ser humano, livre e responsável, através do exercício de sua fé, pode manter uma vivência equilibrada, mesmo diante de uma grande adversidade. O autor entende que “o sofrimento converte o homem em visionário e torna o mundo transparente” (Frankl, 2019, p. 303). Contudo, repetindo, fala-se aqui não de um sofrimento procurado, sem sentido. Mas, de um sofrimento inevitável.

Frankl (2019, p. 305) observa que o “sofrimento significativo equivale a ‘amor por’”. Aceitando-o, não só o fazemos alvo de uma intenção, mas visamos por meio dele algo que não é idêntico a ele. Transcendendo assim, o sofrimento.” Seus relatos (2018) indicam que em alguns momentos mais difíceis vivenciados no campo de concentração, exercitando o autodistanciamento, imaginando estar na presença de sua esposa, lhe permitiu compreender que as expressões da vida em pensamento, poesia e fé, concediam a redenção pelo amor e no amor.

Entendendo que é a vida a grande questionadora do ser humano, diante de um anúncio em um diário alemão, ele elabora o sofrimento visto com responsabilidade: “‘O que o céu lhe envia’, isso sim é necessidade fatal, sofrimento necessário, cheio de sentido, sofrimento que possibilita a realização de valores atitudinais e que deve ser suportado com paciência” (Frankl, 2019, p. 310) .

Discorrendo sobre a liberdade do ser humano, seguindo a “voz da consciência”, que é transcendente, em direção a responsabilidade, mesmo diante de suas pulsões e condicionantes, Frankl assinala que para a Logoterapia somente é possível entender a consciência, partindo de uma área extra-humana.

Sendo a consciência a voz do transcendente, Frankl (2007) usa a figura de uma pessoa situada no pico de uma montanha, visualizando outra mais alta, no entanto, encoberta pela neblina. Observa que o ser humano religioso, é aquele que vai além de seu consciente. Mesmo que o pico esteja encoberto, o religioso finca sua responsabilidade perante o transcendente e vai adiante, mesmo não vendo o chão firme. O irreligioso, em busca de seu sentido, não arrisca seguir, não pergunta além da consciência. Atém-se aos fatos, não quer ir avante. O pico não está visível para ele. Por isso, sua responsabilidade não o deixa ir além do “chão firme sob seus pés” (Frankl, 2007, p. 52).

“Na verdade, em última instância, somente será compreensível se entendermos o ser humano na sua condição de criatura, pra que possamos dizer: como senhor de minha vontade sou criador, como servo da minha consciência, porém sou criatura” (Frankl, 2007, p. 50). O ser humano que não segue uma religião não considera essa voz. Ou seja, tem consciência, assim como responsabilidade, mas ignora a transcendentalidade da primeira. Entende que está diante da consciência, a sua responsabilidade. Portanto, a consciência é sua última autoridade.

Frankl (2007, p. 51) exemplifica esse fato, citando Samuel, o personagem judeu, em fato narrado no Primeiro Livro de Samuel (3:2-9), quando, o menino ouve “uma voz” chamando-o por três vezes e confunde essa voz, com a do sumo sacerdote Eli. Eli entendeu que a voz seria a voz da transcendência e instruiu ao menino a responder: “Fala, Senhor, pois teu servo escuta!” Para o religioso, segundo Frankl, a voz da consciência é o passo de fé baseado na voz do transcendente, independente do nome que se dê a esta voz: supra-Ser, Ser em Si, Absoluto, Divino, Divindade, Deus, entre outros. Quanto a isso, segundo Frankl, o conceito de Deus não tem de ser teístico. Ele declara:

Quando eu tinha quinze anos, ou por aí, cheguei a uma definição de Deus que agora, na velhice, volta-me cada vez com maior frequência à mente. Eu diria que se trata de uma definição operacional. É assim: Deus é o parceiro de teus solilóquios mais íntimos. Cada vez que tu falas contigo mesmo com a máxima sinceridade e em absoluta solidão, aquele a quem tu te diriges pode ser legitimamente chamado Deus (Frankl, 2005, p 67).

Entende-se que o ser humano, é um ser noético, consciente e responsável, que responde por seus atos, perante essa voz transcendente, que lhe soa intuitivamente. O espiritual está dentro do inconsciente, mas não é inconsciente instintivo. É no inconsciente espiritual que são tomadas as principais decisões existenciais, ou seja a responsabilidade inconsciente. Isso faz com que o ser humano não seja um ser exclusivamente intelectual, racional em sua prática de vida. Por ser a religiosidade mais um dos atributos humanos, descobriu-se uma religiosidade inconsciente, na relação transcendental com o suprasentido.

Essa religiosidade pode ser expressa livremente, através do apreendido por tradição, no ambiente religioso cultural e confessional originário do ser humano. Práticas culturais exercidas pelos familiares e achegados. Destaca-se aqui, que devido a pessoa ser totalmente livre, há liberdade inclusive para dizer não a essa religiosidade ou reprimi-la de alguma maneira. Frankl (2011a, p. 185) cita três problemas, responsáveis por grande parte de repressão religiosa: “autoritarismo, racionalismo e antropomorfismo.”

Dessa forma, Frankl (2007, p. 58) com ajuda de métodos tradicionais de associação livre em interpretação de sonhos, encontrou “sonhos flagrantemente religiosos de pessoas manifestamente irreligiosas”.

Esta espécie de “fé” inconsciente no homem, que aqui nos é revelada – e que está englobada e incluída no conceito do seu “inconsciente transcendental” – significaria que há sempre em nós uma tendência inconsciente para Deus, isto é, um relacionamento inconsciente, mas intencional, com Deus. E precisamente por isso falamos da presença ignorada de Deus (Frankl, 1991a, p. 69).

Xausa (2019, p. 133) afirma que o trabalho exercido por Frankl na análise dos sonhos, facilita a desarticulação de tramas que causam repressão e mostra “a superficialidade da argumentação anti-religiosa, verificando-se a sua relação com a transcendência que está perturbada.”

Frankl (2007, p. 58) revela que o fato de ser citado um Deus inconsciente, não significa a inconsciência de Deus, mas que as vezes Deus “permanece inconsciente para nós, que nossa relação com ele pode ser inconsciente, ou reprimida, e, assim, oculta para nós.”

Da mesma forma, a Logoterapia não entende a religiosidade como algo simplesmente instintivo, reduzida aos caprichos pulsionais do id, como pensava Freud. Não pertence a um inconsciente coletivo, arquétipos, como pensava Jung. Frankl (2007, p. 61) declara que “a religiosidade se mantém pelo seu caráter de decisão e deixa de sê-la quando predomina o caráter de impulso. A religiosidade ou é existencial ou não é nada.”

O inconsciente espiritual, assim como, a religiosidade inconsciente, são parte de um ser noético responsável, que se movimenta livremente, sem depender das determinações das pulsões internas.

Frankl assevera que o ser humano tem uma propensão inata em direção a Deus. Mesmo que essa tendência seja inconsciente, ela é intencional. Isso nos leva a pensar sobre três cuidados que o ser humano precisa ter, sobre erros de interpretação acerca do assunto (Frankl, 2007, p. 60). (1) O Deus inconsciente não deve ser interpretado como um sentido panteístico. O inconsciente não é divino; (2) É um engano também interpretá-lo num sentido ocultista. O inconsciente não é onisciente, não possui atributos divinos; (3) Frankl julga o terceiro erro, o mais importante a ser verificado. O inconsciente, “ao constituir uma relação inconsciente com Deus, não é ‘id-ificado’ ”. Segundo ele, esse foi o erro de Jung, que denominou o id, o lugar da religiosidade inconsciente. A Logoterapia, como já citado, não percebe a religiosidade como algo impulsionado. Ela é noética. Ou seja, livre e responsável. A religiosidade “id-ificada” é psicofísica e repressora, portanto, adoecida.

Frankl cita em algumas de suas obras, vários relatos sobre a questão do Deus inconsciente e o exercício da religiosidade sadia, assim como da reprimida. Em seu diálogo com o teólogo e historiador judeu, Pinchas Lapide, Frankl (2013) descreve a prova radiográfica de uma experiência baseada em sua teoria, realizada pelo professor Blumenthal, num artigo em uma revista de Jerusalém, em 1940. Uma mulher procurou um tratamento médico se queixando de espasmos no estômago e no intestino grosso, ao ingerir carne de porco.

Douglas (2006, p. 1080) informa que por questões de saúde, “os filhos de Israel foram divinamente proibidos de consumir carne de porco (Lv 11:7; Dt 14:8).” Frankl informa que após insucesso nos diversos exames realizados, incluindo testes alérgicos, aquela mulher foi radiografada e comeu carne de porco. Em seguida, ele descreve os resultados:

Logo após os espasmos surgiram. Então lhe foi dada carne kosher, e os espasmos não ocorreram. Então ela foi persuadida de que estava comendo carne de porco, muito embora fosse carne bovina, e ao contrário lhe foi dada carne de boi e lhe foi dito que era carne suína, e ela não teve espasmos quando comeu carne de porco, mas apenas quando acreditou que comia carne de porco. Com isso, eu disse, então é possível comprovar a religiosidade inconsciente por meio da radiografia (Frankl; Lapide, 2013, p. 123).

Citando esse mesmo caso, em outra obra sua, Viktor Frankl (2011a, p. 185) informa que o professor acima citado lecionava na Universidade Judaica de Jerusalém e que aquela mulher “ênfatizou que não era uma pessoa religiosa.” Informações importantes, visto que as famílias israelitas crescem aprendendo a Torá, mesmo que não sejam religiosas. Hipoteticamente, sua relação inconsciente com o supra-Ser estivesse motivando o que ouvira falar, talvez com seus familiares, sobre a proibição da Torá em comer carne de porco. A religiosidade reprimida causara aquela “severa colite.”

A Logoterapia é uma abordagem da psicologia, centrada no sentido. Ela fala sobre pessoas. Portanto, quando fala de religiosidade e fé, se fala de pessoas. Nesse caso, se refere a uma relação inconsciente e intencional com o transcendente. No entanto, o transcendente ou supra-Ser, não é um objeto. Portanto, não pode ser reificado. Por isso, Frankl (2012, p. 113-114) conclui que “não se pode falar de Deus, mas apenas com Ele, não d'Ele como uma coisa, um algo, um isso – sim: mal se pode falar de um Ele; mas apenas com ele como um parceiro, como alguém, como um você.”

Esse diálogo solitário se dá com o desconhecido, em extrema sinceridade. Frankl relata que pode ser com palavras, ou simplesmente em silêncio expressando o suspiro e a angústia de uma dor, assim como a expressão da alegria em lágrimas e sorrisos. Para ele orar

é entender que a história acontece independente do ser, é “ver as coisas em uma perspectiva, que as faça poder ter novamente um sentido apesar da horribilidade” (Frankl, 2013, p. 151).

O jornalista Vinícius Lima resolveu registrar essa fala solitária da população em situação de rua, na cidade de São Paulo, resultando em uma obra que testemunha suas orações realizadas à beira das calçadas. Lima (2022, p. 25) posiciona essas orações como “a fala com o sagrado.”

Tais registros constam dos mais íntimos sentimentos de seres esquecidos pela sociedade brasileira. De onde se espera revolta e ódio, brota agradecimentos e intercessões. Alguns relatos, como por exemplo, agradecer por mais um dia, mesmo sem saber sequer se vai se alimentar. Solicitar bênçãos para os agentes de segurança que os maltratam. Ou o agradecimento de mulheres trans, por estarem vivas, no país, que segundo a Câmara dos Deputados (Brasil, 2022), mais mata a população LGBTQIA+ no mundo.

Dentre tantas, Lima (2022) apresenta uma das orações de alguém que sofre por causa do uso de drogas:

Deus faz esse milagre. Ainda que eu use droga, eu espero um dia parar com essa droga. A vida é assim, me levou para esse caminho. Hoje em dia sou usuário, infelizmente, mas o que importa é que estou vivo, graças ao Senhor. É o Senhor que me mantém vivo, mas quero estar vivo sem a droga. Peço que essa oração chegue a quem usa e que pare de usar, a quem não usa, que nunca use. Em nome de Jesus, amém (M.P.E., p. 71).

No diálogo registrado, a fé visualiza um milagre, com a certeza da companhia do supra-Ser, como a garantia de vivenciar a esperança da extinção da dependência química, imposta pela vida. No caminho trilhado lhe resta lamentar e destacar a importância de estar vivo, resultado da graça que lhe foi concedida. É o supra-Ser o motivo de sua vida e esperança de vivê-la sem a droga. Essa esperança lhe motiva a transcender, intercedendo por pessoas que corram o risco do uso da droga e também por aqueles, que como ele, precisam parar de usar.

Mas, quem são as pessoas em situação de rua e como surgiram no contexto brasileiro? É nosso próximo passo, conhecermos um pouco mais sobre essas pessoas, o que nos ajudará a tecer mais um capítulo, objetivando o desvelamento da vivência diária com a fé, como motivo para enfrentamento de seus problemas.

4. A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA

Numa madrugada fria e chuvosa do inverno pessoense, a equipe chegou na Praça 1817, no centro da cidade, quando foi abordada por pedidos de socorro. Uma das poucas mulheres encontradas naquela noite, que segundo relatos de pessoas que presenciaram, acabara de ser espancada por seu companheiro, que já não estava mais ali. Notou-se o medo estampado em seu rosto todo ensanguentado, quase desfigurado. Ela negou-se a narrar o que havia acontecido. Dizia que tinha caído, estava bem e não precisava de ajuda. Parte da equipe seguiu em frente e parte ficou para ajudar àquela senhora.

Começara ali uma sequência de ligações celulares, mirando o atendimento emergencial para a paciente, que continuava sangrando e com muitas dores. Por fim, depois de muita insistência, quase três horas depois, a equipe de emergência chegou para socorrê-la, transportando-a para o Hospital de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena. Com a partida da viatura, a equipe entendeu que se não estivesse ali, talvez a paciente sofresse muito mais naquela noite e possivelmente com algumas sequelas graves em decorrência de um ato que ninguém quis testemunhar, permeado por uma mistura de medo e descaso.

O relato acima, como todos os outros neste trabalho, marcam a motivação por uma pesquisa que possa auxiliar pessoas a enfrentarem suas dificuldades, diante da verdade vivenciada. A personagem carrega algumas marcas que não a deixam passar despercebida. Mulher, em situação de rua e agredida num ambiente de prevalência masculina. Excluída, tem dificuldade de ser atendida pelo sistema de saúde.

A experiência vivenciada por aquela mulher, aqui representando o sujeito, personagem principal desta pesquisa, é muito comum em todos os estados do País. A Constituição da República Federativa do Brasil (1988), determina em seu sexto artigo, que “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o transporte, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados, na forma desta Constituição.”

Este artigo faz parte de uma das bases para a Medida Cautelar na Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental, Nº 976, do Supremo Tribunal Federal (STF), datada de 25 de julho de 2023. Os partidos solicitantes indicam omissões e expõem que:

[...] A conjuntura precária vivida pela população em situação de rua decorre de omissões estruturais e relevantes do poder público, sobretudo atribuíveis ao Poder Executivo – em seus três níveis federativos –, mas também ao Poder Legislativo, em razão de lacunas na legislação e de falhas na reserva de orçamento público em

quantum suficiente para concretizar tais direitos [...] Pessoas em situação de rua encontram-se em condição de fragilidade, incerteza, provisoriedade e precariedade, sendo que o Poder Público tem deixado de cumprir os preceitos constitucionais relativos à saúde, moradia, vida digna e alguns princípios, entre quais o da eficiência (Brasil, 2023, p. 3-4).

Diante da denúncia solicitação, o STF determinou, na Medida Cautelar citada, que estados e municípios brasileiros, incluindo o Distrito Federal, observem imediatamente a Lei Federal 7.053/2009, contemplada mais adiante, independente de adesão. Dessa forma, estipulou um prazo de 120 dias, a partir da data de sua publicação, para a elaboração de um plano de ação, por parte do governo federal, objetivando o respeito, prática e monitoramento da Lei acima citada.

4.1 Um pano de fundo histórico

No entanto, a história revela que a pobreza é um problema que remonta aos primórdios da humanidade. Maior (1975, p. 24), abordando sobre a antiguidade oriental, registra que no Egito, com a mesma intensidade do mundo hodierno, a situação econômica revelava o tipo de habitação do proprietário. “[...] os ricos moravam em casas cercadas de jardins e bosques e sua alimentação era farta e variada. As classes pobres viviam em habitações pequenas, muitas vezes coletivas, de paredes de tijolos feitos de uma mistura de barro e palha recortada, coberta de folhas de palmeira.”

Seguindo a história, quando se refere a civilização hebraica, relata que “os descendentes de Abraão, em virtude da terrível crise alimentar, dirigiram-se para o Egito, por ocasião da dominação hicsa, onde foram bem recebidos” (Maior, 1975, p. 50). No entanto, com a expulsão dos hicsos, o povo hebreu foi execrado e escravizado, a serviço da nação egípcia. A liberdade hebreia, aconteceu através da liderança de Moisés, responsável por conduzir seu povo na saída do Egito através do deserto, rumo a “terra prometida”, Canaã/Palestina.

Cope (2021, p. 75), relatando esse momento, destaca que depois de 300 anos de exílio, grande parte da nação hebreia não tinha estudo adequado. “Eles viveram em pobreza e, certamente, não havia motivo para que os egípcios usassem o seu orçamento nacional para educar os seus escravos.” O deserto revelou uma nação pobre e sem educação.

No entanto, Silva (2009, p. 25) pontua que as diferenças sociais foram acentuadas com o advento do capitalismo. A autora enfatiza que “a história do fenômeno população em

situação de rua remonta ao surgimento das sociedades pré-industriais da Europa.” A indústria nascente nas cidades, enfraqueceu a produção da agricultura subsistente, resultando em desapropriações de terras e expulsão dos camponeses da área rural, empurrando-os para o meio urbano, sem absorção do mercado, devido ao grande número populacional. Estagnação e até depauperação, mão de obra barata, ocupações precárias e irregulares. “Em face disso, muitos se transformaram em mendigos ou ladrões” (Idem).

Huberman (1981, p. 107), relata que é grandioso o número de miseráveis nos séculos XVI e XVII. Seu relato indica que “um quarto da população de Paris na década de 1630 era constituído de mendigos, e nos distritos rurais seu número era igualmente grande.” Esse autor entende que as guerras vividas naquela época, principalmente a Guerra dos Trinta Anos na Alemanha (1618-1648), foram um dos principais fatores para essa miséria disseminada, enquanto poucos usufruíam de grandes fortunas.

Um outro motivo importante foi o saqueamento das minas de ouro e principalmente de prata, por exploradores espanhóis no chamado Novo Mundo, as Américas do Norte e do Sul. O fluxo desses saques espalhou-se pela Europa, provocando um aumento excepcional dos preços em geral. “Os preços das mercadorias em 1600 eram mais de duas vezes superiores ao que foram em 1500, e em 1700 estavam ainda mais altos – mais de três vezes e meia o que haviam sido quando a revolução de preços teve início” (Huberman, 1981, p. 109).

Através dos olhares dos observadores da época, Bresciani (1992, p. 13), esboça a raiz do assunto, quando adentra aos meandros do “espetáculo da pobreza” nas cidades de Londres e Paris, investigando o fenômeno de multidão, no século XIX. Registra-se a vivência aterrorizante da noite, nos becos de Paris. O cenário é descrito em seus mínimos detalhes. “[...] Clarões de luz indicam a presença dos catadores de lixo com suas lanternas e suas vidas às expensas das imundícies, gritos interrompidos denunciam os ladrões em plena ação, passos abafados dão conta do vai e vem das prostitutas.” Da mesma forma, descrevendo a noite londrina, a autora cita vendedores, operários cansados voltando tarde para casa, embriagados, prostitutas, desvalidos e “[...] atrevidos mendigos de rua, profissionais [...]” (Bresciani, 1992, p. 20).

Ruas estreitas e sinuosas localizadas no centro londrino, interagem sem constrangimento algum com ruas largas e seus parques, cujos moradores faziam parte da alta classe de Londres. “As péssimas condições de moradia e a superpopulação são duas anotações constantes sobre os bairros operários londrinos” (Bresciani, 1992, p. 25). A cena narrada pela

autora é trágica em sua descrição. Casas de três ou quatro andares abrigavam várias famílias amontoadas, num ambiente sem planejamento e insalubre. Casas com odores fétidos, água suja e detritos acumulados, sem portas e janelas sem vidros, onde até os porões eram usados para moradia. Essas ruas abrigavam os paupérrimos, operários mal remunerados, ladrões e as vítimas da prostituição.

Da mesma forma que Silva, Bresciani também atribui tal fenômeno a industrialização. A autora destaca a exclusão dessa população sem lugar nas cidades industriais, na Inglaterra:

[...] esse rejeitado da civilização dirige-se quase obrigatoriamente para Londres, onde a riqueza e as inúmeras instituições de caridade atuam como atrativo. Londres vai se tornando, dessa maneira, o outro lado da moeda, o símbolo das más consequências da vida urbana e da industrialização. Nela Podem se acomodar os dissolutos, os preguiçosos, os mendigos, os turbulentos e os esbanjadores de dinheiro. Vê-se, portanto, reputada como o grande desaguadouro daqueles despidos das qualidades necessárias para integrar as fileiras do operário fabril. A alternativa do emprego casual ou de formas menos honestas de sobrevivência, fazem da cidade de Londres o símbolo do resíduo social, aqueles homens que se encontram fora da sociedade (Bresciani, 1992, p. 42).

4.2 Em busca das raízes no Brasil

Holanda (2014) registrando as origens do Brasil, conta que ao contrário do que aconteceu na Europa, no princípio a hegemonia brasileira estava no campo, com a mão de obra escrava. As cidades do período colonial eram ocupadas por trabalhadores pobres. As casas mais abastadas, ficavam grande parte do ano fechadas, pois serviam de veraneio, quando os ricos fazendeiros vinham a cidade com a família, para as festas, em sua maioria religiosas. “Só afluíam eles aos centros urbanos a fim de assistirem aos festejos e solenidades. Nas cidades apenas residiam alguns funcionários da administração, oficiais mecânicos e mercadores em geral” (Holanda, 2014, p. 106).

O repórter João do Rio (1881-1921), em seu livro “A alma encantadora das ruas”, publicado originariamente em 1908, registrou em *loco* os movimentos das ruas da cidade do Rio de Janeiro, centro comercial e político do Brasil na época. Por isso se tornou referencial de modernidade para as cidades existentes, visto que, por ali passava o que tinha de melhor, procedente da Europa. No entanto, os registros presenteados, quase que em forma poética, não visitam as altas classes da cidade. Adentram as entranhas das ruas e vielas pobres da cidade, onde o autor contracenava sem fazer parte, com os personagens ali existentes.

O repórter inicia sua obra, declarando amor pela rua:

Eu amo a rua. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque sofremos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agremia o amor da rua. É este mesmo o sentimento imperturbável e indissolúvel, o único que, como a própria vida, resiste às idades e às épocas. Tudo se transforma, tudo varia — o amor, o ódio, o egoísmo. Hoje é mais amargo o riso, mais dolorosa a ironia. Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis. Só persiste e fica, legado das gerações cada vez maior, o amor da rua (Rio, 1995, p. 3).

Em sua descrição “a rua tem alma [...] é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua. A rua é o aplauso dos medíocres, dos infelizes, dos miseráveis da arte” (Rio, 1995, p. 4). Assim, segue todo o primeiro capítulo descrevendo a psicologia da rua e seus significados, como um flâneur que reflete sua vivência.

A fala do repórter sobre a miséria nas ruas e algumas profissões excêntricas, denuncia a industrialização nas cidades, como já visto. Para o autor, essas profissões são “produto da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao baixo comércio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmiúça no próprio monturo a vida dos desgraçados” (Rio, 1995, p. 24).

São citadas no decorrer do livro algumas dessas profissões ignoradas. A maioria delas eram alimentadas por produtos adquiridos nos lixos da cidade: os trapeiros, os selistas, ou catadores de rótulos de charutos e cigarros, os caçadores de gatos para vendas aos restaurantes, as leitoras de mãos, apanhadores de papéis, cavacos e de chumbo, catadores de botas ou sapatos velhos, molambeiros, as meretrizes, marcadores ou tatuadores, os urubus ou agentes funerários, os vendedores de orações e os vários tipos de ambulantes, como doceiros, vendedores de livros e revistas, pintores de quadros, paredes e tabuletas, os músicos, etc.

O termo pobre e seus derivados estão em quase todas as páginas do livro. Pobre transita de substantivo a adjetivo, como no caso da descrição do funcionamento dos cordões no carnaval. Contando sua experiência no corredor da folia, Rio (1995, p. 97) cita “os pobres que não tinham conseguido fantasias e carregavam os archotes, os fogos de bengala, as lâmpadas de querosene.” Os pobres aqui não são apenas as pessoas, mas também os miseráveis que não conseguem sequer ter uma fantasia para brincar o carnaval.

A mendicância também é bastante destacada e referenciada como exploração e ofício rendoso.

Entre os homens mendigos há irmãos da opa, agentes de depravação viciados, profissionais de doenças falsas, mascarando um formidável cenário de dores e de aniquilamento. [...] As mulheres, só quando são realmente desgraçadas é que não mentem e não fantasiam. São, entretanto, as mais incríveis. [...] Há mendigas

burguesas, mendigas mães de família, alugadas, dirigidas por caftens, cegas que vêem admiravelmente bem, chaguentas lépidas, cartomantes ambulantes, vagabundas, e uma série de mulheres perdidas cuja estrela escureceu na mais aflitiva desgraça (Rio, 1995, p. 125-126).

As mulheres, organizadas, começavam o ofício cedo e cada uma tinha sua área de ação já demarcada, para evitar problemas. Na parte da manhã atuavam nas igrejas e à tarde nos bondes e nas casas, de porta em porta, até a noite chegar. O repórter destaca a boa rentabilidade da mendicância.

A exploração infantil também é denunciada. Sobre ela, Rio (1995, p. 131) desabafa que é o abuso mais indigno contra as crianças. “Os homens, as mulheres ainda pantomimam a miséria para lucro próprio. As crianças são lançadas no ofício torpe pelos pais [...] e crescem com o vício adaptando a curvilínea e acovardada alma da mendicidade malandra.” Crianças pedindo esmolas, sustentando os pais. Meninos tratados como pivetes, exercendo a função de tatuadores no meio da rua. Crianças maltratadas e usadas tanto pelos pais, quanto pela indústria do crime, para incitá-las a pequenos roubos, facilitar a mendicância de falsos cegos, paralíticos e falsos amputados, dentre outros. As meninas eram iniciadas na prostituição.

Entre os relatos de sua pesquisa com as crianças, o repórter apresenta os resultados: “Em quatro dias interrogamos noventa e seis garotos, estrangeiros, negros, mulatos, uma sociedade movediça e dolorosa. Há desde os pequenos que sustentam famílias até os gatunos precoces que se deixam roubar na vermelhinha à beira do cais, entre murros e cachações” (Rio, 1995, p. 134).

O cenário marginal pintado na narrativa de João do Rio retrata o período pós-abolicionista, porém ainda exalando perfume da supremacia branca, perdurando o pensamento do negro como inferior. Talvez por isso, negros e mulatos sejam tão citados no texto. Os supostos brancos relatados são imigrantes portugueses e italianos.

A rua abraça tudo que não vem de bom na sociedade. E o pobre se confunde com a marginalidade, sejam vadios, mendigos, desordeiros, viciados, malandros, pivetes, assassinos, dissimuladores, prostituídos, exploradores e abusadores, entre outros.

Rodrigues e Fernandes (2020, p. 25) denunciam a origem da exclusão à população em situação de rua, desde os primórdios da nação brasileira. Uma classe pobre, que se destacava por ser livre e expropriada: “Agrupamento considerado marginal no contexto urbano, está ligado à vadiagem, o vadio, vagabundo e à mendicância, pedinte, esmoleiro, mendigo, por vezes também chamado indigente.” Não eram simplesmente pobres. Sem trabalho ou bens,

destoavam do reflexo escravagista da relação senhor/escravo, deixando-os à margem da sociedade.

Para entender esse cenário, se faz necessário saber que a partir do Código Criminal de 1830 (redação original), a mendicância era vista de forma diferenciada da vadiagem, em seu capítulo IV, sobre “vadios e mendigos.” Rezava a Lei:

Art. 295. Não tomar qualquer pessoa uma ocupação honesta, e util, de que passa subsistir, depois de advertido pelo Juiz de Paz, não tendo renda sufficiente. Pena – de prisão com trabalho por oito a vinte e quatro dias. Art. 296. Andar mendigando: 1º Nos lugares, em que existem estabelecimentos publicos para os mendigos, ou havendo pessoa, que se offereça a sustenta-los. 2º Quando os que mendigarem estiverem em termos de trabalhar, ainda que nos lugares não hajam os ditos estabelecimentos. 3º Quando fingirem chagas, ou outras enfermidades. 4º Quando mesmo invalidos mendigarem em reunião de quatro, ou mais, não sendo pai, e filhos, e não se incluindo tambem no número dos quatro as mulheres, que acompanharem seus maridos, e os moços, que guiarem os cégos. Penas – de prisão simples, ou com trabalho, segundo o estado das forças do mendigo, por oito dias a um mez (Brasil, 1830).

Havia uma diferença básica entre o vadio e o mendigo, até o final do século XIX. O vadio era percebido como “indisciplinado, força de trabalho desperdiçada, alguém que escolhe pelas próprias razões ser uma sobra.” Ao contrário, “o mendigo, não raro, era visto como infortunado, inabilitado ao trabalho, existindo inclusive isenções penais relativas ao local da prática e a existência de enfermidades” (Rodrigues; Fernandes, 2020, p. 26).

A declaração de extinção da escravidão no Brasil, trouxe algumas preocupações, quanto a vadiagem, visto que escravos eram considerados em sua maioria, como preguiçosos. Em decorrência disso, O decreto 847 (redação original), de 11 de novembro de 1890, do Código Penal da República, onde foi considerado como vadio todo o que fosse sustentado pelo jogo (Art. 374). Além disso, todo capítulo XIII referia-se aos “vadios e capoeiristas”, aumentando o tipo penal e as punições, em relação ao Código de 1830. A comprovação de residência e de renda foi exigida para se livrar da acusação de vadiagem.

Art. 399. Deixar de exercitar profissão, officio, ou qualquer mister em que ganhe a vida, não possuindo meios de subsistencia e domicilio certo em que habite; prover a subsistencia por meio de ocupação prohibida por lei, ou manifestamente offensiva da moral e dos bons costumes: Pena – de prisão celllular por quinze a trinta dias (Brasil, 1890).

A situação se agravou com a publicação do Decreto 528, de 28 de junho de 1890, regularizando a vinda e localização de imigrantes para o Brasil, incluindo incentivos particulares aos donos de propriedades agrícolas, para facilitação da aquisição de mão de obra imigrante e barata. Maringoni (2011, p. 40) acrescenta que somado a esse fato, não houve uma estratégia de integração dos negros ao mercado de trabalho assalariado. “Com a

abundância de mão de obra imigrante, os ex-cativos acabaram por se constituir em um imenso exército industrial de reserva, descartável e sem força política alguma na jovem República.”

Rodrigues e Fernandes (2020) indicam que a nova realidade, desprovida de estratégias para melhoramentos na área da educação, da saúde e da seguridade social, além de promessas não cumpridas de reforma agrária, pioraram o cenário, gerando dois motivos que contribuíram para o desvanecimento da imagem do vadio na sociedade: a transferência da mão de obra, do escravo para o imigrante, sendo ela livre, barata e sem necessidade de qualificação. Assim como, a implantação de direitos sociais para os pobres, pelo governo Getúlio Vargas, compensando as lacunas citadas, transferindo essas responsabilidades para o Estado.

Como consequência, vadiagem e mendicância perderam o status de crime, passando a fazer parte da Lei das Contravenções Penais, no Decreto Lei 3688, de 3 de outubro de 1941:

Vadiagem – Art. 59. Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade, sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de subsistência, ou prover à própria subsistência mediante ocupação ilícita: Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses. **Parágrafo único.** A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastantes de subsistência, extingue a pena. **Mendicância** – Art. 60. Mendigar, por ociosidade ou cupidez: Pena – prisão simples, de quinze dias a três meses (Brasil, 1941).

Embora, no Brasil, o Artigo 60 tenha sido suprimido da Lei de Contravenções Penais, através da Lei 11983, de 16 de julho de 2009, percebe-se retrospectivamente que o cenário tanto mundial, quanto nacional, avançou pouco sobre políticas públicas para a população em situação de rua.

A desigualdade social é um problema que acompanha a história do Brasil. Ela produz pobreza e exclusão. O período colonial, marcado pelo uso da mão de obra escrava, para exploração e apropriação das riquezas locais, objetivando suprir os interesses de Portugal. O período imperial, apesar da independência e da pressão abolicionista, preservou a pobreza e o movimento escravista por muitos anos. O início da república se dá quase que simultaneamente com o final do período de escravidão no Brasil. No entanto, como visto, optou pelo não aproveitamento da mão de obra dos ex-escravos para o trabalho livre. O que resultou na vinda de imigrantes europeus, que em sua maioria fugiam da pobreza da Europa, que da mesma forma excluía seus cidadãos.

Para Sarmento (2020, p. 7) esse é um problema que está longe de ser resolvido, visto que é um sistema vinculado, caracterizado pela concentração das riquezas nas mãos dos grandes proprietários ou empresários. “Notadamente, a desigualdade social é realidade desde

a colonização, e perdura até o momento presente em setores multifacetados: economia, política, meio social, racial, cultural e até regional.”

4.3 Conceito e dados censitários

Diante de todo contexto, essa é uma matéria difícil de ser abordada, atravessada pela intolerância, invisibilidade, omissão e preconceito popular e porque não estatal, quando se refere ao ser humano experiente na habitação transitável das ruas. Vários são os nomes dados para ele até aqui. Cunda e Silva (2020) registraram algumas categorizações atuais para nomeá-lo. Entre elas, nômade, desgraçado, mendigo, vagabundo, rueiro, negro, marginal, morador de rua, vadio ou maloqueiro, já que são vários os motivos que o empurram para a rua, assim como também são várias as realidades dessa população.

O Decreto Nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009, que “institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências” (Brasil, 2009), institucionalizou esta categorização. Em sua introdução, o ser humano que se encontra neste estado é destacado como um indivíduo marcado pela exclusão e de presença incômoda e desconcertante, abalando a tranquilidade populacional local. Assim, a Política conceitua esse ser:

A população em situação de rua pode ser definida como um grupo populacional heterogêneo que tem em comum a pobreza, vínculos familiares quebrados ou interrompidos, vivência de um processo de desfiliação social pela ausência de trabalho assalariado e das proteções derivadas ou dependentes dessa forma de trabalho, sem moradia convencional regular e tendo a rua como o espaço de moradia e sustento.

A pessoa em situação de rua é uma pessoa, não difere do restante da população. Ela está sob o mesmo governo, sofrendo as influências da mesma mídia e das ideologias dominantes e pressões sociais. No entanto, em sua individualidade é única. É importante relembrar, que apesar de não estar livre dos condicionamentos da vida, pode decidir como agir diante deles. Sua heterogeneidade está em sua personalidade. São pessoas diferentes, com valores diferentes, mas a mesma dignidade (Frankl, 2019). É um grupo diversificado, portanto não há um perfil comum.

O decreto apresenta uma Política descentralizada, resultante da parceria entre o Governo Federal, Estados e Municípios brasileiros, que poderão aderir através de instrumento próprio, cujo objetivo é determinar as responsabilidades dos que o aderirem. Cita ainda que o Governo Federal pode “firmar convênios com entidades públicas e privadas, sem fins

lucrativos, para o desenvolvimento e a execução de projetos que beneficiem a população em situação de rua” (Brasil, 2009), desde que baseados e acordados no decreto citado.

O artigo 5 apresenta como princípios da Política, acrescidos à igualdade e à equidade:

I – respeito à dignidade da pessoa humana; II – direito à convivência familiar e comunitária; III – valorização e respeito à vida e à cidadania; IV – atendimento humanizado e universalizado; e V – respeito às condições sociais e diferenças de origem, raça, idade, nacionalidade, gênero, orientação sexual e religiosa, com atenção especial às pessoas com deficiência (Brasil, 2009).

Assim, destaca-se a dignidade humana, respeitando suas diferenças, conflitos, erros e acertos, sem discriminação ou segregação, objetivando universalização e inclusão pessoal. Para que tudo isso seja respeitado, os artigos 6 e 7 apresentam diretrizes e objetivos, promovendo e articulando a integração entre o governo e a sociedade civil, incluindo a população em situação de rua, para execução de políticas públicas, que favoreçam o acesso desta população à moradia, trabalho, saúde, educação e segurança.

A determinação da Medida Cautelar supra citada, denuncia a omissão das autoridades competentes, quanto ao cumprimento do Decreto 7.053 e revela o grau de gravidade do assunto. Sarmiento (2020, p. 37) referencia essa omissão e a exclusão por parte da sociedade, acrescentando que “não obstante toda a omissão, há ainda o fator da não contabilização e não inclusão do grupo no censo.”

O referencial de Sarmiento, quanto a contagem da população em situação de rua no Brasil, está no artigo 13 do Decreto 7.503, que apresentava o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE como órgão de apoio a esse monitoramento. No entanto, este artigo foi revogado, através do Artigo 9 do Decreto 9.894, de 27 de junho de 2019.

O Primeiro Censo e Pesquisa Nacional sobre situação de Rua (Brasil, 2009), realizado entre março de 2007 e agosto de 2008, abrangendo 71 municípios com mais de 300.000 habitantes, identificou 31.922 pessoas maiores de 18 anos, em situação de rua. Dentre os entrevistados, 82% era do sexo masculino, 53% tinha entre 25 e 44 anos, 67% se declararam pardas ou negras, 74% sabiam ler e escrever, 17,1% não sabiam escrever e 8,3% apenas assinavam o próprio nome. Em João Pessoa foram registrados 205 participantes das diversas idades indicadas. Ressalta-se que São Paulo, Recife, Belo Horizonte e Brasília foram excluídas da contagem, visto que na época, contavam com pesquisas semelhantes recentemente concluídas ou em andamento.

O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (2016), sobre população em situação de rua, esclarece que o Brasil não possui dados oficiais sobre o assunto, o que causa dificuldades na implementação de políticas públicas direcionadas.

O IPEA apresentou informações da época, estimando a população em situação de rua no Brasil, de acordo com dados disponibilizados por 1.924 municípios via Censo do Sistema Único de Assistência Social (SUAS), que agregavam 69,2% da população total brasileira. Estimou-se 101.854 pessoas em situação de rua, no Brasil em 2015. Sendo 40,1% habitando em municípios com mais de 900.000 habitantes e 77,02% em municípios com mais de 100.000 habitantes.

A nota técnica nº 73 deste Instituto, emitida em junho de 2020, utilizou os “dados mensais para o Cadastro Único entre setembro de 2012 e março de 2020 complementando, assim, os dados anuais dos Censos Suas 2013-2019”, abrangendo os municípios que representam 84% da população total brasileira. Assim, estimou-se em março de 2020, que havia 221.869 pessoas em situação de rua no Brasil. Segundo o IPEA, “no momento, entende-se ser março de 2020 uma boa linha de base para averiguar a evolução do fenômeno nesse período de calamidade pública.”

Em dezembro de 2023, o IPEA emitiu um Texto para Discussão, objetivando “apresentar alguns subsídios ao aprimoramento das políticas públicas voltadas a esse público, oferecendo um diagnóstico da situação atual de âmbito nacional” (IPEA, 2023, p. 3). O Cadastro Único (CadÚnico), ação do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome no Brasil, vem se consolidando como a melhor forma de colher essas informações. A ele somou-se um formulário específico para a população em situação de rua, com mais de 30 questões.

Em sua introdução reforça-se a pandemia de Covid-19, como elemento agravador do aumento de pessoas em situação de rua, registrando que “das 96 milhões de pessoas presente no CadÚnico em agosto de 2023, 227 mil estavam oficialmente registradas como em situação de rua” (IPEA, p. 6).

Novamente destaca-se que a ausência de um senso nacional dificulta a descoberta de dados mais precisos, já que o formulário do CadÚnico não foi idealizado para este objetivo. Por isso, todos os dados são estimados.

Para fins desse estudo, cada pessoa pertence a uma coorte anual de origem. O ano mais antigo de cada pessoa na base define a “sua” coorte. Por definição, é o ano mais antigo com dados do Formulário Poprua. Entretanto, não será dada prioridade à análise desses dados históricos. Espera-se que eles resultem no futuro um estudo à

parte, adotando modelos estatísticos mais sofisticados para responder a questões mais difíceis de serem mensuradas, como, por exemplo, os efeitos da permanência nas ruas em dimensões como saúde e deficiência, trabalho e renda, convivência familiar, participação cívica e escolaridade. Os efeitos da pandemia no perfil da PSR também poderão se beneficiar desses dados. Mas entende-se que o mais importante e urgente é termos um diagnóstico do momento presente (IPEA, 2023, p. 12).

O Texto é um documento robusto, com muitas informações importantes, que merecem maior aprofundamento. Dentre tantas informações, indica-se aqui as consideradas essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

O estudo aponta que dentre as 227.000 pessoas em situação de rua no Brasil, a grande maioria se declara negra (68%), sendo 51% pardos e 18% pretos. 31% dos pesquisados são brancos. 0,5% se declara amarela e 0,25% indígena. Quanto ao sexo, 87,5% são homens e 13,5% mulheres. Observa-se que entre as crianças e adolescentes, a maioria é feminina, com 9,6%, enquanto os meninos constam de 1,6%. Relacionando a faixa etária, a idade média de pessoas em situação de rua é de 41 anos. Os que tem entre 18 e 64 anos, são 94%. Entre 30 e 49 anos, são 57%. Os jovens entre 18 e 29 anos são 15%. Os de idade entre 50 e 64 anos, somam 22%. As crianças somam 2,5% dentre esta população, sendo 1,9% entre 0 e 11 anos.

Em referência a escolaridade, percebe-se que dos maiores de 15 anos, 8% não sabem ler nem escrever e 55% não completaram o ensino fundamental. Enquanto que 21% completaram o ensino médio e 2% afirmam que frequentaram ou frequentam algum curso superior. O cenário melhora entre os jovens de 18 a 29 anos. São 8,3 anos de escolaridade média. O número de pessoas que não sabem ler nem escrever diminui para 5%. No entanto, entre os idosos 17% não sabem ler nem escrever e 20% não receberam nenhuma instrução formal.

Quanto a estância, 60% da população em situação de rua, não está situada no município de nascença. No entanto, quando se refere aos estados e ao Distrito Federal, 70% se encontra no estado de origem. Portanto, supõe-se que a maioria, migra de sua cidade natal para os grandes centros.

Além disso, descobriu-se que 10.586 pessoas em situação de rua no Brasil são estrangeiras, representando 4,7% do total. Dentre os estrangeiros, 30% são venezuelanos e 32% angolanos, 15% asiáticos, 6% de outros países africanos e 4% de outros países latino-americanos e caribenhos.

Também é indicado que as principais causas para estar na rua são problemas com a família e companheiros (47,3%), desemprego (40,5%), uso abusivo de álcool e outras drogas (30,4%) e perda de moradia (26,1%).

Quanto ao tempo de permanência na rua, 33,7% estão nessa situação não mais que seis meses, 14,2% entre seis meses e um ano. 13,0% estão na rua entre um e dois anos e 16,6% entre dois e cinco anos. Dos que estão a mais tempo, estão as pessoas que permanecem entre cinco e dez anos (10,8%) e as que estão há mais de dez anos (11,7%).

Feita a correlação entre permanência e motivos, revelou-se que o período de “permanência na rua está fortemente associado ao motivo para a situação de rua. Quanto maior o tempo de permanência na rua, maior a probabilidade de problemas com familiares e companheiros ser um dos principais motivos que levou a pessoa à situação de rua” (IPEA, 2023, p. 20).

Quanto as informações na capital paraibana, matéria veiculada no site da Prefeitura Municipal de João Pessoa (2023), informa que numa parceria entre a Universidade Federal da Paraíba e a Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania (Sedhuc) da Prefeitura, deu-se início em agosto de 2023 a primeira etapa da coleta de dados para o censo da população em situação de rua no município, cujo processo encontra-se em franco desenvolvimento. Objetiva-se conhecer dados específicos, como “o nome, idade, cidade de origem, o que motivou estar na rua, se estuda ou se tem vontade de estudar, se é usuário de drogas, entre outras perguntas.” para facilitar na implantação de políticas públicas.

Conforme matéria veiculada pelo site dessa Prefeitura (2023), no mês anterior ao início do censo citado, percebe-se o cenário projetado. Informa-se que no primeiro semestre, a Sedhuc atendeu 1.629 pessoas em situação de rua e/ou em vulnerabilidade social no município, através do Serviço Especializado de Abordagem Social (Ruarteres), e dos dois Centros de Referência Especializados para População em Situação de Rua (Centros Pop), existentes na época.

Indica-se que entre janeiro e maio de 2023, foram realizados 413 atendimentos pelo Ruarteres, sendo que 216 dessas pessoas eram imigrantes. Do total de atendimentos, 255 eram homens e 162 mulheres. “93 foram crianças de 0 a 12 anos de idade; 21 adolescentes entre 13 e 17 anos de idade; 82 jovens entre 18 e 29 anos; 199 adultos entre 30 e 59 anos de idade; 18 idosos de 60 anos ou mais.”

Observando esses dados se percebe que, a exemplo do cenário nacional, houve um grande aumento na população em situação de rua na capital paraibana. Pode-se considerar essa possibilidade, observando matéria do site do Tribunal de Justiça da Paraíba (2020), quando o Tribunal reconsidera sobre vagas de acolhimento provisório e voluntário para essas

peças. No que a Prefeitura de João Pessoa informou que, estimava-se ser entre 250 e 300 pessoas em situação de rua na cidade, na época.

Diante dos dados e das dificuldades de coleta dos mesmos, imagina-se a importância do problema social que encobre o descaso antes descrito. Seres humanos são descartados pela população e ignorados pelo Estado. Em cartilha sobre os direitos dos “moradores” em situação de rua, expedida pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais, acessada através do Ministério Público do Estado do Amazonas, descortina-se a realidade como ela é:

Destituídos dos seus direitos, eles resistem à exclusão e lutam pela sobrevivência cotidiana. Estão dentro da cidade, mas a cidade não os enxerga. São invisíveis em meio à população. É como se houvesse uma parede invisível, separando duas cidades. Uma, onde tudo é possível. Outra, onde tudo é negado: proteção, privacidade, água, alimentação, aconchego, banho. Sofrem o preconceito e as consequências das políticas “higienizadoras”, que têm como objetivo “limpar” a cidade, expulsando os moradores de rua de todos os lugares (Minas Gerais, 2010, p. 26).

Essa percepção confere com as palavras do adolescente citado na introdução desta pesquisa, ou com aquele homem abordado numa das madrugadas de João Pessoa, que ao conversar com a equipe que lhe atendia, citou que se sentia como um “zumbi”, vagando sem ninguém lhe perceber. São pessoas destituídas do ser, a procura de identidade e auxílio.

Esta pesquisa se justifica na possibilidade do resgate do ser pessoa. Da autenticidade e integralidade espiritual do ser humano, enquanto em situação de rua. Resgata-se assim, a esperança de uma vida com sentido, mesmo enfrentando tantos estigmas sociais. O espiritual, como já abordado, é da ordem do essencial, do pessoal. Vaillant (2010, p. 192) assevera que apesar das diferenças individuais, a espiritualidade é comum a todo ser humano, assim como a necessidade respiratória. Ela “nos incita a saborear nossa própria experiência,” encontrando o próprio caminho. Ou seja, é o espiritual que possibilita o “ser humano viver um sentido de transcendência, ligada a uma compreensão do sentido da vida” (Kovács, 2007, p. 246).

Viabilizar o resgate individual da ação pessoal do ser, é abrir uma janela no tempo presente, para uma vivência com sentido na vida, facilitando-a com maior qualidade, mesmo estando nas ruas. Acrescenta-se a essa vivência, maior liberdade a seres humanos tão sofridos, contribuindo com trabalhos futuros no âmbito das ciências das religiões, da teologia, educação, psicologia, assistência social, saúde e políticas públicas, para a melhoria de atendimento a população em situação de rua.

Contudo, como estão as publicações acadêmicas sobre fé e sentido na vida? É importante acompanhar a evolução deste tema, para que a pesquisa tenha maior eficácia e

aplicabilidade. A seguir apresenta-se o estado da arte. Uma possibilidade de atualização das publicações nos 14 últimos anos, objetivando ampliação da compreensão da temática.

5. O ESTADO DA ARTE

Neste momento, diante da questão norteadora da pesquisa, investigando a possibilidade da crença na percepção do sentido na vida para a pessoa em situação de rua, surge a necessidade de unir os temas população em situação de rua, fé, sentido na vida e Logoterapia, em busca de elaborações científicas, com o propósito de verificar a produção acadêmica existente, com o intuito de obter um alargamento do campo de percepção sobre a unidade dos temas.

Para Ferreira (2002, p. 258), Estado da Arte objetiva “mapear e discutir uma certa produção acadêmica [...], tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares.” Teixeira (2023, p. 6) conceitua-o como “estudos dedicados a investigar a dinâmica evolutiva das pesquisas dentro de uma área, em uma determinada região, conforme o recorte temporal definido para o levantamento dos trabalhos pertencentes ao escopo de interesse.” Ambos concordam que em sua tipologia de trabalho, o estado da arte está classificado como pesquisa bibliográfica.

Seguindo a linha de pesquisa deste trabalho em Espiritualidade e Saúde, optou-se por pesquisar sobre artigos, dissertações e teses afins a esta área, em quatro bancos de dados. Foram utilizados os portais: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), coordenado pela BIREME/OPAS/OMS. Essa plataforma reúne outras várias, atendendo a área da saúde; SciELO - Scientific Electronic Library Online; Portal de Periódicos CAPES e o Portal Acadêmico Google Scholar.

Em decorrência do embasamento teórico da Logoterapia e de sua visão científica diferenciada sobre religião e fé, já referenciada, optou-se por busca associada. Dessa forma, o critério de inclusão da pesquisa no estado da arte foi produções científicas que abordem a fé ou o sentido de vida na população em situação de rua, apoiadas pela Logoterapia. Portanto, o critério de exclusão foi produções que abordem fé ou sentido de vida desassociadas da Logoterapia.

A definição da experiência do ser humano com o supra-Ser, neste momento é primordial, visto que, para a Logoterapia, como já citado, a fé pode ser a força propulsora noética para o sentido na vida. Dessa forma, a crença no “parceiro dos nossos mais íntimos diálogos conosco mesmos” (Frankl, 2007, p. 113). Segundo Frankl, mesmo que o homem se aperceba sozinho e falando com o nada, esse nada se revela no diálogo. Independente do

nome que se dê a esse parceiro, ele é visto como o ser superior. O nada e o tudo. “Quando é que é ‘nada’? Quando é comprimido num conceito. E quando é ‘tudo’? Quando se entende por nada, o incompreensível, o inexprimível, pois então esse nada nos diz tudo” (Frankl, 2019, p. 335-336).

Confinar o supra-Ser numa caixa, reduzindo-o a um conceito, limitando-o a ação humana, transforma-o num nada com um discurso vazio e sem sentido. Ao contrário, quando se tem a certeza de que o nada, apesar de não poder ser visto nem tocado, possui uma grandeza incompreensível, indescritível e inexprimível, revelando sua autoridade e poder na liberdade concedida ao ser humano de decidir, inclusive se ouve sua voz, ou não.

Indicada a visão, definido temas de busca, plataformas de pesquisa e os critérios de inclusão e exclusão, partiu-se para a escolha dos descritores. Essa etapa foi facilitada pela plataforma BVS, visto que na busca avançada ela fornece os descritores, quando se informa as palavras chave. Foram usados os descritores: “pessoas em situação de rua”; “pessoas mal alojadas”; “religião”; “religiosidade”; “logoterapia”; “fé”, e seus correspondentes em Espanhol e Inglês: “personas con mala vivienda”; “ill-housed persons”; “homeless people”; “religión”; “religion”; “religiosidad”; “religiosity”; “logoterapia”; “logotherapy”; “fe”; “faith”, da mesma forma cedidos pela plataforma BVS.

Quanto ao critério de ano de publicação, priorizou-se trabalhos científicos produzidos entre os anos de 2010 e 2024. O intuito é abranger o tempo de ação e aprofundamento do trabalho do pesquisador, no campo, com a população em situação de rua.

O acesso as 4 plataformas pesquisadas renderam cerca de 1000 trabalhos, entre os idiomas citados. Após pesquisa sobre o título e palavras chave, optou-se por escolher 350 produções. A leitura rápida dos resumos foi o método de escolha de 53 trabalhos. Por questões de espaço neste texto e de poucas produções que satisfizessem o critério de inclusão, foram escolhidos 12 trabalhos, para uma leitura mais apurada sobre o assunto.

Diante dos fatos a serem apresentados aqui, percebe-se que uma rápida passagem pelos sites de busca denuncia a vasta produção de conteúdo religioso, citado ou cantado por pessoas em situação de rua e por entidades que atuam na ajuda assistencial junto a essa população, sobre a influência da fé e/ou da religiosidade no sentido de vida, curiosidade e intuição do autor desta pesquisa.

Ao pesquisar a produção científica constata-se que a associação entre espiritualidade e religiosidade é maioria em suas publicações, conforme abordado no capítulo 3 (p. 43). No

entanto, não acontece da mesma forma com a associação entre fé e/ou religiosidade e sentido de vida.

Sobre religiosidade e sentido de vida, o mesmo foi constatado por Castro, Andrade e Chernicharo (2018, p. 234), na elaboração de artigo sobre sobrevivência e sentido da vida na população em situação de rua em Belo Horizonte. O que segundo estes autores, “durante a composição do artigo, ocorreram dificuldades de encontrar materiais teóricos a respeito da população de rua, o que evidenciou essa necessidade de uma maior produção acadêmica centrada nessa temática.”

Um registro fora do critério do ano de publicação chamou atenção, visto apresentar problema parecido, em artigo intitulado “Uso de prestadores de serviços sociais baseados na fé em uma amostra representativa de mulheres urbanas sem-teto” (Heslin; Andersen; Gelberg, 2003, p. 272-273).

Baseados na informação da existência de “poucos estudos quantitativos sobre as características de pessoas sem-teto que usam provedores de serviços sociais baseados na fé” (Idem), os autores, pesquisadores da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), resolveram pesquisar e catalogar as entidades religiosas que atendiam mulheres em situação de rua, usuárias de programas de alimentação no Condado de Los Angeles, identificando seus dados sociodemográficos. Os resultados indicaram que o uso de programas sociais pautados na fé “foi associado com afiliação religiosa, raça/etnia, renda, dificuldade de encontrar serviços sociais, estado civil, histórico de uso de drogas ilícitas, participação em 12 passos, depressão e disponibilidade local de programas baseados na fé” (Heslin; Andersen; Gelberg, 2003, p. 377).

A associação acima relatada, em quase todos os índices, indica algo parecido nos atendimentos assistencialistas aqui referenciados (p. 11-12), induzindo a criação de um vínculo de dependência, visto que a pessoa em situação de rua não opta pela liberdade de acesso ao serviço por decisão própria. Em decorrência de suas demandas e da incerteza da assistência governamental, “prioriza” a ajuda ofertada por entidades, geralmente de cunho religioso, muitas vezes abdicando de sua autonomia, para conseguir o que necessita.

Para Guimarães e Moreira (2011, p. 226), dois motivos dificultam o estudo sobre a população em situação de rua: A primeira dificuldade é a complexidade da vida dessa população, pois vivenciam diferentes percursos, com relações sociais, culturais e históricas

complexas. O segundo motivo se dá no plano metodológico, visto que esse público é “flutuante, temporário e nômade.”

Essas dificuldades são constatadas na prática, em incursões noturnas em João Pessoa, realizadas por equipes de atendimento assistencial. São comuns os deslocamentos por questões de segurança, de afeições pessoais ou de outras limitações. Não há um local fixo para pousar o corpo em busca de descanso e de relacionamentos sadios. Portanto, o paradeiro da pessoa em situação de rua, geralmente é incerto.

Contudo, os autores (Guimarães; Moreira 2011, p. 225) destacam a importância deste estudo, num artigo que “versa sobre a religiosidade e suas influências na subjetivação de pessoas que vivem na condição de moradores de rua”, constatando que “como resultado do presente estudo, pôde-se concluir que a religiosidade pode ser um auxílio importante na busca e na construção de um sentido de vida”, acrescentando “suporte psicológico” para pessoas em situação de rua.

A religiosidade quando exercida de modo sadio, favorece um bom relacionamento intrapessoal, visto que é uma característica inerente ao ser humano, como ser noético. Convém lembrar que a fé descrita na Logoterapia é a fé num sentido mais amplo, não apenas uma confissão religiosa. Indica a fidelidade ao supra-Ser, independente de seu nome. Para Fabri (1984, p. 199) “a religião é a consciência” que o ser humano tem da existência de “uma dimensão sobre-humana, e sua fé básica no sentido íntimo que reside nessa dimensão.”

Essa influência religiosa é posta em relevo no diálogo registrado entre Viktor Frankl e o teólogo e cientista religioso, Pinchas Lapide (Frankl; Lapide, 2013). Conversando sobre dor, luto e sofrimento, Frankl expressa seus sentimentos sobre a oração diante do sofrimento extremo. Revela que através da oração contempla “as coisas em uma perspectiva, que as faça poder ter novamente um sentido apesar da horribilidade” (Frankl, 2013, p. 151). Confessa que nos campos de concentração rezava sem esperar retorno da resposta, pois não se sentia digno diante de Deus para assim fazer. Então referencia o monólogo já registrado aqui, que ele denomina “um solilóquio com um grande X, com o grande desconhecido” (Frankl, 2013, p. 152) Logo após aprofundou o pensamento:

Este solilóquio em extrema sinceridade e solidão, é então rezar, talvez não seja nem mesmo nenhuma esperança, mas uma preservação de minha crença em última significância independente de cada esperança ou desesperança. E na maioria das vezes isto acontece até mesmo em um momento em que acontece apesar da falta de esperança. Eu digo na maioria, porque também acontece – e eu vivencio isto assim, dizendo francamente e talvez seja assim com todas as pessoas – eu vivencio isto também nos momentos mais felizes; eu não sei se eu estou mais propenso a rezar em momentos felizes do que nos infelizes. Eu suspeito disto. A quem eu devo dizer o

quanto eu me alegro, como é bom? A mim mesmo? A quem eu devo me queixar do insuportável? A mim mesmo? (Frankl, 2013, p. 152).

Castro, Andrade e Chernicharo (2018, p. 232), parecem concordar com Frankl, quando citam que “muitas pessoas em situação de rua acreditam ou passam a acreditar em um Deus, em deuses, alguma força superior, ou religião.” Apesar do desamparo, possibilitando sofrimento e morte, nutrem “a crença e a confiança em algo ou alguém que não se consegue ver, embora possua um poder para além da finitude da alma”, possibilitando forças para o enfrentamento dessas dificuldades. Para os autores (2018, p. 233) essa crença que eleva o ser para superação de seus próprios “limites e obstáculos” procede de uma “força maior.”

Em seu trabalho sobre pessoas em situação de rua e violação de seus direitos, Coutinho, Arraes e Nobre (2022, p. 338), comentam sobre essa finitude, que pessoas próximas da terceira idade, tendem a buscar na religiosidade uma forma de abrigo, “facilitando as relações de afeto e proteção; a reelaboração de atitudes e crenças pertinentes à vivência do envelhecer; e a esperança com o exercício da fé, mesmo em momentos de resignação diante da finitude.”

Pessoa (2024) indica que a orientação de Frankl não tem o objetivo de informar ao ser humano, para que ele seja convencido do sentido na vida. Mas, tratar a realidade para que esse ser possa refletir e diante de sua responsabilidade, decidir baseado na vontade de sentido. Ele destaca que em sua pesquisa, os entrevistados ao serem questionados sobre como superar as crises difíceis do dia a dia, “trouxeram em suas falas que a vida tem um sentido que pode estar ligado à fé, a uma crença religiosa/espiritual, ao trabalho, à própria vontade, à possibilidade de oportunidade, à vida em comunidade” (Pessoa, 2024, p. 89).

O autor entrevistou 25 pessoas com idade entre 19 e 58 anos. 22 entrevistados responderam que sua espiritualidade e crenças auxiliaram na resolução dos problemas vivenciados em situação de rua, assim como proporcionaram esperança, possibilitando visualizar mudança de vida. “Através da oração, de conhecer os ensinamentos bíblicos, fé, crença e perspectivas místicas levam os sujeitos entrevistados a orar e a crer em textos, imagens, objetos e rituais considerados sagrados” (Pessoa, 2024, p. 97), fortalecendo-os para enfrentarem a violência, o desamparo, o preconceito e a dificuldade financeira.

Guimarães (2010), se refere a essa fé como um toque incondicional do sobrenatural, que atinge o ser humano por completo, se fazendo sentir em cada uma de suas dimensões, individualmente. Galvani (2015, p. 52), corrobora com os relatos anteriores e enfatiza, referenciando que a fé ajuda a “sobreviver/suportar” as dificuldades nas ruas. Campos e

Cunha (2016, p. 187), concordam quando citam que muitos dos que vivem nas ruas “suportam as circunstâncias, pela crença em algo melhor posteriormente.”

Brito (2020), em seu trabalho de conclusão de curso, apresenta um caso, cujo protagonista ela chama de Leo. A autora cita que os valores possibilitaram ao protagonista autodistanciamento e autotranscendência, ajudando a vencer o sofrimento da dependência química vivenciada na rua. Diante da vitória de Leo, Brito revela que a fé gera fortalecimento e contemplação. “Os diálogos com Deus podem ter fortalecido seu estado psicológico por meio da fé, que lhe proporcionava reflexões em momentos de dor e esperança, bem como, nas circunstâncias em que buscava forças para superar a dependência química” (Brito, 2020, p. 46).

Da mesma forma, Guimarães e Moreira (2011) apresentam o caso Marcelo. Dependente químico de álcool, Marcelo contraiu uma limitação física na perna, que segundo os médicos, corria o risco de perder os movimentos permanentes. Desde então, ele não consome álcool. Os autores do artigo relatam que segundo o protagonista, tem um sentimento de tranquilidade.

Guimarães e Moreira (2011, p. 242) relatam que Marcelo “expressa o sentimento que tem com relação a Deus como alguém que ajuda o humano, mas exige do mesmo que faça um esforço.” Aqui se percebe alguém que entende precisar da ajuda suprema, mas que é parte importante nesse processo de fé. “Marcelo fala que o importante é sua força de vontade e a disposição de lutar, no caso, contra a dependência” (Guimarães; Moreira, 2011, p. 243).

Frankl (2018, p. 142) explica o suprasentido, destacando-o como o que “excede e ultrapassa a capacidade intelectual finita do ser humano.” Como vimos, afirma que “quando o paciente está sobre o chão firme da fé religiosa, não se pode objetar ao uso do efeito terapêutico das suas convicções espirituais.”

Souza *et al.* (2018, p. 516) confirmam. Concluindo seu trabalho, apresentam o sentido da vida como força minimizadora das “situações estressoras”, promovendo e estimulando “fé e esperança”. Silva (2014, p. 52), declara que o ser humano, “através de sua religiosidade busca por uma construção de sentido, e, particularmente, as pessoas em situação de rua sacralizam os lugares acolhedores identificados na rua.” Para a autora, os abrigos são um lugar de “meditação e reflexão”, um lugar “sacralizado para que a esperança da realização pessoal não acabe.”

Costa Júnior (2016), nos agradecimentos de sua tese de doutorado, “carinhosamente” chama os colaboradores de sua pesquisa, “como Semeador de Sonhos, Vencedor, Batalhador, Sonhador e Cidadão Perseverante.” Dessa forma, ele afirma que “a transformação de vida por que passou o Vencedor alinha-se ao valor atribuído a sua fé em Deus, marcada como uma oportunidade” (Costa Júnior, 2016, P. 160), destacando ainda, que a fé retoma valores e conquistas.

Szczesniak *et al.* (2022, p. 2) apresentam em artigo um breve relato sobre o “Efeito moderador da busca de ajuda na relação entre religiosidade e gratidão disposicional entre adultos poloneses sem-teto”, com 189 participantes, cuja idade média é de 56,5 anos, em sua maioria homens. Os autores mencionam que “pouco se sabe sobre a religiosidade na população em situação de rua” e reconhecem a ligação íntima entre espiritualidade e religiosidade. No entanto, diferenciando-as, consideram que são construtos “complexos e distintos.” Baseados em outras pesquisas, descrevem o sujeito da pesquisa e sua ligação com a religiosidade e a espiritualidade:

Os moradores de rua que declaram níveis mais altos de religiosidade e espiritualidade ou que frequentam serviços religiosos apresentam menor pontuação em medidas de ideação suicida, têm melhor saúde mental, sentem que têm mais qualidade de vida, apresentam taxas mais baixas de abuso de substâncias, são mais resilientes, têm menos crenças desviantes, lidam melhor com o estresse, adversidade e as tensões resultantes da falta de moradia e têm maior probabilidade de deixar o vício para trás. As formas privadas e públicas de religiosidade parecem dar aos moradores de rua um senso de significado porque a função de "construção de significado" é geralmente atribuída à religião. Da mesma forma, a conexão com o divino pode proporcionar aos sem-teto outros benefícios psicológicos. As crenças religiosas dão sentido e valor à vida (Szczesniak *et al.*, 2022, p. 2).

Os autores abordam dificuldades que já foram relatadas aqui, como a escassez nas informações sobre as práticas religiosas da população pesquisada e a falta de literatura específica no assunto, com primazia do existente pertencente a perspectiva cristã, no que tange a “religiosidade e saúde ou bem-estar” (Szczesniak *et al.*, 2022, p. 9).

No livro “Globalização, diversidade e religiosidade, volume II”, em capítulo sobre “formação docente para atuar no ensino religioso”, Melo (2013, p. 141), cita o forte poder de influência da religiosidade na vivência humana. Ela enfatiza que “não há como ignorar a religiosidade ou espiritualidade presentes e relevantes na vida dos seres humanos, independente da religião professada, idade ou grupo social em que está inserido.”

Entrevistada pelo psicanalista Gérard Sévérin, a também psicanalista Françoise Dolto, questionada sobre o sentido da religião, fortalece o pensamento trazido por Melo (2013), sobre a influência da religiosidade. No entanto, reflete citando que uma igreja pode conduzir

seus fiéis visando um objetivo comum, que suplante inclusive a si mesmos. A psicanalista expressa seu pensamento sobre a diferença entre religiosidade e espiritualidade.

Para Dolto não há possibilidade de mistura entre o religioso e o espiritual. Trata-se do confronto entre as normas indutoras de comportamento e o transcendente livre e perspicaz. “Eles certamente podem, num indivíduo, num grupo, se conciliar por um tempo. Mas o religioso, como sabemos, pode associar-se a tudo, ao fetichismo, ao ritual, à credulidade, e por vezes misturar-se a eles, ao fanatismo também, e pode, então, sufocar o espiritual” (Dolto, 2010, p. 39). Dolto afirma que “o religioso é organizado”, constituindo seu próprio *marketing*.

Diante do exposto neste capítulo, prioriza-se a pessoa espiritual em sua vivência livre, responsável e irredutível, motivada ao sentido. Para Frankl (2011a, p. 178), a Logoterapia não pretende cruzar a fronteira entre psicologia e religião, como já visto (Cap. 3). Essa é uma escolha da pessoa, já que a religião é inerente ao ser humano. A Logoterapia não é uma escola “protestante, católica, judia” ou de qualquer outra religião que seja citada. Portanto confronta-se a tentativa de reduzir o ser humano as normas institucionais, a uma religiosidade reprimida, afetando a transcendência do ser humano, deixando-o sem sentido.

Pareja Herrera (2021) clareia essa temática citando que pode-se obrigar o ser humano a informar-se sobre algo, mas não se consegue obrigá-lo a crer em algo ou alguém. Com isso, fixa-se que o ser noético não se deixa dominar pelo psicofísico. Ele reflete:

A verdadeira fé deve caracterizar-se por sua firmeza, não por sua rigidez. A rigidez é antessala do fanatismo. Quando a fé vacila, aumenta a força dos dogmas; por outro lado, quando a fé está firme, o coração e as mãos do homem ficam livres pra construir e para entrar em comunhão com os demais seres humanos” (Pareja Herrea, 2021, p. 261).

Dolto descreve esse ser espiritual, destacando que seu exercício vivencial acontece em amor ao outro e não procurando doutriná-lo ou convencê-lo. Pessoas assim “existem em todas as ‘Igrejas’ e, ao mesmo tempo, transcendem a elas. Existem ainda os que, verdadeiros espirituais, erigiram suas tendas fora de qualquer igreja” (Dolto, 2010, p. 40).

As informações colhidas neste momento ampliaram as possibilidades da pesquisa e confirmaram a escassez de produção científica sobre a diferença entre espiritualidade e religiosidade, principalmente na Logoterapia.

É necessário citar que parte da percepção de escassez detectada aqui, se deve a limitação do campo de pesquisa, visto que, o critério de inclusão da investigação foi associado a abordagem e baseado na ótica de Viktor Frankl. No entanto, compreendeu-se que mesclar a pesquisa poderia comprometer o resultado final deste trabalho, visto que, geralmente a ciência

percebe a religião exercendo uma função social. “A força inerente à religião é uma arma política poderosa e ambígua capaz de legitimar posturas pessoais e grupais e orientar sociedades e líderes políticos a posturas políticas saudáveis ou fanáticas” (Passos, 2006, p. 117).

Passos (2006, p.117) afirma que a preservação do grupo social exige “pactos e consensos em torno de posturas e papéis sociais.” Segundo o autor, por ser uma forma de controle social, a institucionalização religiosa assimilou o avanço das sociedades para essa acomodação. Complementando, “a história também mostra que as burocracias religiosas tendem a abraçar o poder político e trocar com ele favores e legitimidades” (Idem).

O conceito de ser humano abordado pela Logoterapia descrevendo a pessoa como um ser noético, se movimentando livremente vai de encontro a concepção acima, visto que uma religiosidade controlada é um ato psicofísico, denotando falta de liberdade aprisionando o ser as etiquetas convencionais.

Para Frankl (2011a, p. 170) “a religião não é apenas uma questão de educação, mas, também, diz respeito a uma postura de decisão.” No exercício de sua função, comentando sobre o serviço médico no tratamento das neuroses, baseado na Logoterapia, ele (2011a, p. 171-172) afirma que “o neurótico pode bem ser autenticamente religioso, tanto apesar de uma neurose quanto por causa de uma neurose. Esse fato reflete a independência e a autenticidade da religião.” Por ser característica natural do ser humano, a prática religiosa livre dos controles e das burocracias, se mostra indestrutível e permanente “Nem uma psicose pode destruí-la.”

Tais afirmações aliadas a experiência do autor desta pesquisa, alimentam a continuidade, visando ampliação perceptiva sobre o assunto, principalmente no que repercute sobre as diferenças entre religiosidade e espiritualidade. É necessário que as próximas etapas sejam fundamentadas em uma trilha criteriosa e rigorosa, visando resultados confiáveis. Portanto, a seguir será apresentado o caminho para a continuidade do trabalho, em busca da resposta da pergunta norteadora.

6. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Não muito diferente dos relatos sobre os pobres da Europa no século XIX e do Rio de Janeiro no início do século XX, Chianca, em seu livro “João Pessoa e suas pessoas”, registra uma crônica intitulada “Assim seja Amém”, editada no Jornal Correio da Paraíba, de 2 de julho de 1973. A matéria sugere a criação da AMEM – Associação Metropolitana de Erradicação da Mendicância.

Cita-se casos de “moradores” em situação de rua, da época, que segundo a matéria, viviam “nos pontos mais pitorescos da cidade, às portas de edifícios, eles estão exibindo suas misérias, suas chagas, seu abandono. Adquirem direito ao ponto com horário e freguesia regular” (Chianca, 2001, p. 78).

A matéria aborda a conhecida discussão sobre dar dinheiro (esmola), sem a resolução do problema. Além de citar alguns casos, de pessoas que se aproveitavam da graça da população, para “enriquecer”.

Goffman (2008, p. 11) em sua introdução sobre estigma e identidade social, informa que os gregos “criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava.” Corte ou fogo marcavam os corpos, indicando que o portador dos sinais, era “um escravo, um criminoso ou traidor.” O sociólogo explica que atualmente, este termo é semelhantemente usado, “porém é mais aplicado à própria desgraça do que à sua evidência corporal” (Idem).

Ao olhar para uma pessoa em situação de rua hoje, o que se vê? Percebe-se uma população marcada por sua aparência, empurrada para uma adaptação insalubre em todos os aspectos. Independente dos motivos de sua situação, geralmente são seres humanos destituídos de suas identidades, vestindo e se alimentando daquilo que lhe oferecem. À noite, buscam abrigos que não os protegem. Vivem longe da sociedade, estigmatizados e preconceituados.

Este trabalho atua na Linha 3 de Pesquisa – Espiritualidade e Saúde, do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões (PPGCR) da Universidade Federal da Paraíba, baseado no lastro teórico da Logoterapia, que entende o ser humano como alguém livre e responsável, em busca de sentido na vida, independentemente das condições vivenciais. Este

ser é dotado de uma força interna, capaz de proporcioná-lo distanciamento e enfrentamento aos problemas propostos e possíveis sofrimentos.

6.1 Participantes

Para a Logoterapia a fé nasce dessa força do interior do ser humano. A crença firme em sua vivência religiosa pode ser base terapêutica para as experiências diárias do ser humano. O sujeito da pesquisa é a população em situação de rua, na cidade de João Pessoa, usuários do Centro POP I. Busca-se responder ao questionamento que ressoa perante a realidade diária que as equipes de atendimento social enfrentam durante o serviço a esse público: “É possível a crença na percepção do sentido na vida para a pessoa em situação de rua?”

Conforme quadro na página 90, Fizeram parte da **amostra** 10 participantes, sendo 5 do sexo masculino e 5 do sexo feminino. A média de idade é de 38,4 anos (DP=9,9). 50% possui ensino médio completo, 20% ensino fundamental completo e 30% ensino fundamental incompleto.

Quanto a profissão, apenas 1 participante possui formação técnica, com carteira de trabalho assinada. O restante da amostra trabalha “fazendo bico”. No entanto, todos estavam desempregados, no momento da realização da pesquisa.

O tempo de permanência em situação de rua revelou uma dificuldade, visto que não havia certeza por parte de alguns. O participante com menor tempo, estava há 3 meses nesta situação, enquanto que, o mais antigo contava cerca de 14 anos em situação de rua. 50% da amostra nasceu na Paraíba, sendo que 3 pessoas são oriundas de João Pessoa mesmo.

Quanto ao motivo da situação de rua, 4 pessoas verbalizaram que saíram de casa em decorrência de conflitos familiares, 1 pessoa deixou a família em decorrência do alcoolismo. A desilusão amorosa foi o motivo de 1 pessoa estar em situação de rua. 1 pessoa saiu de casa por ter presenciado o assassinato do irmão mais velho. 1 pessoa está em situação de rua, por causa da depressão recorrente. 1 pessoa verbalizou que deixou o marido por causa da violência doméstica e 1 participante estava em situação de rua, porque foi criada numa instituição social, cuidadora de crianças em situação de risco e chegou seu tempo de sair, não tendo para onde ir.

6.2 Autorização para a realização

Diante do exposto, respeitando a Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde, visando atender os fundamentos éticos e científico nas pesquisas incluindo seres humanos, primou-se pelo respeito ao participante em sua dignidade, autonomia, vulnerabilidade e espontaneidade. Para isso, pediu-se formalmente consentimento para a realização da investigação, através do portal de origem para todas as pesquisas envolvendo seres humanos no País, a Plataforma Brasil. Apreciada através de parecer consubstanciado, o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS, considerou que “em consonância com os objetivos, referencial teórico, metodologia e referências”, aprovou a pesquisa sob o Parecer nº 5.810.266 e CAAE: 65469722.5.0000.5188.

6.3 Objetivos da pesquisa

Para a realização da pesquisa, traçou-se como **objetivo geral**, a verificação da crença na percepção do sentido na vida, como força desafiadora para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das dificuldades vividas em seu ambiente.

Ampliando esta perspectiva, procurou-se como **objetivos específicos**: 1) verificar essa percepção. 2) Pesquisar probabilidades de ação da fé, frente aos problemas, como facilitadora de enfrentamento dos mesmos. 3) Enfim, como possibilidade de dar continuidade as ações junto a população em situação de rua, apresentar às instituições públicas e/ou privadas, diante dos resultados, a viabilidade de facilitação da continuidade deste trabalho, através de assessoria ou parceria, no auxílio a ajuda humanitária a esta população.

6.4 Categorização da pesquisa

Esta dissertação apresenta o desenvolvimento de uma pesquisa de campo, com fins descritivos, tencionando identificar prováveis relações entre as variáveis fé e sentido na vida, visando descrever se é possível a fé auxiliar desafiadoramente a percepção do sentido na vida, para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das dificuldades vividas em seu ambiente.

Para isso, usa-se o conceito de pessoa apresentado pela Logoterapia, a terceira escola vienense de psicoterapia.

Optou-se pelo modelo de abordagem qualitativo de pesquisa, já que se pretende aprofundamento da compreensão do comportamento de um grupo social, e segundo Gil (2019), trabalhando com experiências vivenciadas diariamente, expressando sentimentos, crenças, anseios, temores e frustrações.

Creswell (2014, p. 50) discorrendo sobre esse tipo de investigação, afirma que “a pesquisa qualitativa hoje envolve maior atenção à natureza interpretativa da investigação, situando o estudo dentro do contexto político, social e cultural dos pesquisadores e a reflexão ou ‘presença’ dos pesquisadores nos relatos que eles apresentam.” Esse autor esclarece que a pesquisa qualitativa é utilizada quando a observação de um grupo ou população, possui variáveis de difícil medição, da mesma forma que “vozes silenciadas.” Ainda segundo Creswell, o pesquisador deve ser imbuído de comprometimento, engajamento e uma farta produção escrita, incluindo citações que justifiquem os resultados descritivos sobre seu objeto de pesquisa.

Para a coleta de dados, foi aplicada a técnica da entrevista semiestruturada, para 10 participantes. Após a coleta de dados, as respostas foram analisadas através da abordagem fenomenológica, visando, segundo Gil (2019, p. 35, 127), “descrever e interpretar os fenômenos que se apresentam à percepção [...] com o propósito de chegar à redução eidética, ou seja, à abstração de tudo o que é accidental para permitir a intuição das essências.”

Goto (2008, p. 62) situa a fenomenologia em seu criador, o filósofo Edmund Husserl, a partir da segunda metade do século XIX. Ele esclarece que “a fenomenologia, neste termo, pretende ser uma doutrina da essência do conhecimento *a priori*, desligando-se de qualquer referência empírica.” Como ciência descritiva, a fenomenologia visa o conhecimento essencial daquilo “que aparece ou que se mostra à consciência em todas as suas significações possíveis” (Goto, 2008, 64).

Creswell (2014, p. 72), apresentando o estudo fenomenológico, cita-o como o que “descreve o significado comum para vários indivíduos das suas experiências vividas de um conceito ou um fenômeno. Os fenomenologistas focam na descrição do que todos os participantes têm em comum quando vivenciam um fenômeno.”

Forghieri (2022), acrescenta que o método fenomenológico tem sua base no contato com o próprio fenômeno (as coisas mesmas), com o propósito de desvendá-lo como “se

mostra em si mesmo.” A autora explica a redução eidética, como “o recurso da fenomenologia para chegar ao fenômeno como tal ou à sua essência” (Forghieri, 2022, p. 15). A redução acontece em dois momentos: primeiro rejeita-se tudo aquilo que não é logicamente comprovado. Logo após, utiliza-se a “intuição originária do fenômeno” vivenciado.

Ales Bello (2016, p. 133), referencia que o que transforma “dados materiais ou hiléticos” em “vivências intencionais é o momento consciencial, que pode ser expressado com o termo noesis”, ou seja, o sentido. Forghieri (2022, p. 15) é categórica, quando explica que “a redução não é uma abstração relativamente ao mundo e ao sujeito, mas uma mudança de atitude – da natural para a fenomenológica.” Somente assim, pode-se contemplar o sujeito pesquisado e o mundo, “como fenômeno, ou constituintes de uma totalidade”, revelando-se reciprocamente em seus sentidos.

Em sua postura, o pesquisador fenomenológico necessita distanciar-se. Ou seja, “colocar entre parênteses, ou fora de ação, os conhecimentos adquiridos anteriormente sobre a experiência que está investigando” (Forghieri, 2022, p. 59), deixando-se refletir pela experiência vivida entre ele, o sujeito e o mundo, detectando os preconceitos estabelecidos intelectualmente (conceitos e teorias), numa compreensão pré-reflexiva de revelação espontânea da pesquisa. “O cientista é comparável a um espelho que reflete, de forma objetiva, os eventos que pretende conhecer” (Forghieri, 2022, p. 57).

Ao falar sobre a opção metodológica da Logoterapia, pela fenomenologia, Frankl (2011a), esclarece que a fenomenologia é uma tentativa de como o ser humano se percebe, interpretando a própria existência, distante dos moldes prejudgados, forjados hipoteticamente pela psicodinâmica ou socioeconomia.

6.5 O cenário da pesquisa

A pesquisa aconteceu no Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro Pop I), situado na Rua Treze de Maio, 508 – Centro. O Centro Pop I está atrelado à responsabilidade da Secretaria de Direitos Humano e Cidadania (Sedhuc) da Prefeitura Municipal de João Pessoa.

O Centro Pop “constitui-se em uma unidade de referência da Proteção Social Especial de Média Complexidade, de caráter público estatal, com papel importante no alcance dos objetivos da Política Nacional para a População em Situação de Rua” (Brasil, 2011, p. 10).

O site do Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome, apresenta em suas aplicações, a descrição e funções do Centro Pop:

O órgão imediato responsável pelo atendimento às pessoas em situação de rua é o Centro de Referência Especializado para Pessoas em Situação de Rua – CENTRO POP, que se encontra no âmbito da proteção social especial do Sistema Único de Assistência Social e cujas atividades, dentre outras, abarcam: orientação e apoio para obtenção de documentação pessoal; encaminhamento para a rede de serviços socioassistenciais; encaminhamento de usuários-dependentes de substâncias psicoativas para serviços da rede de saúde; entrevista individual e/ou familiar; acolhida e escuta inicial; encaminhamento para órgãos de defesa de direitos; estudo social; visitas domiciliares; mobilização e fortalecimento do convívio e de redes sociais de apoio; busca ativa e ações/iniciativas voltadas ao acesso ao mercado de trabalho (Brasil, 2011).

O Centro Pop I João Pessoa é formado por sua coordenadora, uma pedagoga, uma assistente social e três educadores sociais. Conta ainda com duas pessoas na copa/cozinha, uma pessoa na limpeza e um porteiro. Diariamente trabalham também no apoio ao serviço, equipes diversas, como Consultório na Rua e o Serviço Especializado de Abordagem Social (Ruarteres).

O equipamento possui uma recepção, sala da coordenação, duas salas para atendimento, sala de refeição, copa e cozinha. Também oferece dormitórios masculinos e femininos, banheiros e uma lavanderia, onde a pessoa pode realizar sua higiene pessoal, lavar suas roupas e descansar um pouco. O expediente acontece das 8:00 às 17:00, fechando nos sábados, domingos e feriados.

O pesquisador esteve presente, observando o funcionamento interno, durante os meses de fevereiro e março de 2023, nas terças e quintas-feiras, no turno da manhã. A autorização para essa ação, se deu através do Termo de Anuência expedido pela Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania, da Prefeitura Municipal de João Pessoa, emitido em 24 de novembro de 2022.

Além de acompanhar as refeições (café e almoço), esteve presente em vários momentos do serviço, como acompanhamento em acolhidas, contatos familiares, armazenamento de pertences, cadastramentos diversos, solicitação de emissão de documentos, atendimentos sociais, etc.

6.6 Aplicação da pesquisa e coleta de dados

Devidamente autorizado, o pesquisador contatou o Centro Pop, na pessoa de sua coordenadora, realizando planejamento para a pesquisa. Uma sala foi cedida para a execução

dos trabalhos. Cumprindo a forma exposta no projeto de pesquisa, no critério de participação incluiu-se 10 pessoas adultas, em situação de rua e alfabetizadas, usuárias do serviço. Sendo 5 pessoas do gênero feminino e 5 pessoas do gênero masculino, conforme descrição sobre o sujeito da pesquisa. Visto que, no critério de exclusão, situou-se pessoas que se recusassem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), ficou exposto que os participantes seriam voluntários contatados previamente pela coordenação do serviço.

Durante a investigação constatou-se duas ocorrências, que o pesquisador considerou não ter influenciado nos resultados da pesquisa, por não terem prejudicado a coleta e/ou análise de dados. No entanto, optou-se por serem relatadas. No momento da entrevista, constatou-se que uma das participantes não estava mais em situação de rua há cerca de um mês. No entanto, continuava precisando dos serviços do Centro Pop, assim como, necessitando das ruas para a sobrevivência.

Da mesma forma, quando explicava sobre o funcionamento da entrevista, o pesquisador descobriu que um dos participantes, apesar de assinar livremente a documentação, não sabia ler, nem escrever. O que foi resolvido com a leitura dos Termos de Consentimento e Gravação pelo pesquisador, esclarecendo as dúvidas do participante, que resolveu dar continuidade, visto que, ele mesmo pedira para participar.

A **coleta de dados** se deu através de gravação de voz, com o auxílio de entrevista semiestruturada, com perguntas abertas, ouvindo os relatos de vida dos participantes. O instrumento de coleta constou de 16 questões, sendo as cinco iniciais contendo informações sociodemográficas. Três questões sobre o motivo da situação de rua e consequente sobrevivência. Três questões possibilitando o exercício da visão de futuro para o usuário, sendo duas questões sobre a percepção de melhora de vida e outra sobre o legado a ser deixado, em caso de falecimento. Três questões sobre a vida religiosa, sendo uma delas referente a percepção na relação com o supra-Ser. Por fim, uma questão sobre o pertencimento familiar.

A questão 10 foi criada para possibilidades futuras. Portanto, não está contemplada na análise dos dados desta pesquisa. Foi perguntado ao usuário, o que se espera do atendimento do Centro Pop. Objetiva-se oportunidade de parceria futura entre o pesquisador e o Centro Pop, para melhoramento do atendimento ao usuário do serviço.

No momento da realização da pesquisa, foi explicado todo procedimento e entregue os Termos de Responsabilidade e de Autorização de Gravação, para que os participantes lessem

e tirassem possíveis dúvidas. Em seguida se deu a assinatura da documentação e pedido de autorização para acionar o gravador, dando início as perguntas, devidamente acompanhadas por eles em folha de sua posse.

Segue abaixo relação com participantes, assim como os dados sociodemográficos. Destaca-se que para não tratá-los apenas como números, foram adotados nomes fictícios, conforme ordem de entrevista, que doravante serão usados nos resultados desta investigação.

Nome	Idade (anos)	Naturalidade	Há quanto tempo Vive em João Pessoa	Profissão	Há quanto tempo vive nas ruas	Grau de Escolaridade	Motivo Situação de Rua
Graça	42	Manaus (AM)	6 anos	Auxiliar de cozinha faxineira, assenta cerâmica, feirante	4 anos	Ensino Fundamental Completo	Conflitos Familiares
Clara	43	Rio de Janeiro (RJ)	Aproximadamente 3 anos	Auxiliar de serviços gerais, aposentada	3 anos	Ensino Médio Completo	Criada em Instituição Social
Plácido	51	Patos (PB)	40 anos	Mecânico de bicicleta e pintura	4 meses	Ensino Médio Completo	Alcoolismo
Simão	41	João Pessoa (PB)	-	Teólogo	2 anos	Ensino Médio Completo	Conflitos Familiares
Lázaro	46	João Pessoa (PB)	-	Operador de máquina Industrial	5 ou 6 meses	Ensino Médio Completo	Conflitos Familiares
Inocência	37	João Pessoa (PB)	-	Do lar	Há anos	Ensino Fundamental Completo	Depressão
Aldo	41	Natal (RN)	3 meses	Educador social	3 meses	Ensino Médio Completo	Desilusão Amorosa
Sol	41	Rio de Janeiro (RJ)	3 a 6 anos	Empregada doméstica (lavando roupa e fazendo faxina)	Há uns 6 meses	Ensino Fundamental Incompleto	Violência Doméstica
Magno	24	Santa Rita (PB)	Cerca de 14 anos	Servente de pedreiro	Cerca de 14 anos	Ensino Fundamental Incompleto	Morte do Irmão
Amália	18	Recife (PE)	9 meses	Faz faxina, vende Pipoca e cosméticos	9 meses	Ensino Fundamental Incompleto	Conflitos Familiares

Quadro 1: Participantes e Dados Sociodemográficos.

6.7 Análise dos dados

Neste momento há importância em recobrar a motivação da realização da pesquisa. O pesquisador presta serviço auxiliar de cunho social e religioso à população em situação de rua, há cerca de 17 anos. Durante esse tempo percebeu a influência da fé, no discurso desta população. Com o intento de ampliação das possibilidades de serviço resolveu desvelar o que havia em comum nos comportamentos da fé.

A pergunta norteadora está presente em todos os momentos, desde a montagem do projeto até a análise interpretativa dos dados, destacando o momento de realização das

entrevistas: “É possível a crença na percepção do sentido na vida para a pessoa em situação de rua?”

Após a coleta de dados, iniciou-se o processo de sistematização e interpretação dos discursos. Os relatos foram transcritos. Intercalou-se exaustivamente audição e leitura dos relatos, com o intuito de transcrevê-los da melhor forma possível. As reproduções dos discursos dos sujeitos, foram realizadas de forma que todas as palavras fossem repetidas, exatamente como proferidas no momento das entrevistas.

A análise de estrutura do fenômeno foi realizada, tomando como partida o pensamento e práxis da Professora Maria Aparecida Viggianni Bicudo. Seu site profissional informa que no momento, Dra. Maria Bicudo está aposentada das funções de professora. Mas, participa do Programa de Pós Graduação em Educação e Matemática da UNESP Rio Claro – SP, orientando discentes de mestrado e doutorado. É Coordenadora do grupo de Fenomenologia em Educação Matemática – FEM e editora da Revista Pesquisa Qualitativa – RPQ.

A professora Maria Bicudo iniciou seu caminho na pesquisa qualitativa fenomenológica na década de 1980, com “o professor Joel Martins e pessoas que com ele participaram de seminários, debates e grupos de orientação de pesquisa, envolvidos com fenomenologia” (Bicudo, 2011, p. 82). Esse trabalho resultou na edição do livro “Fenomenologia: confrontos e avanços” e na criação da Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos (<https://www.sepq.org.br>), em 1988.

Para a professora, “a descrição como trabalho pelo fenomenólogo é um protocolo que se limita a descrever o visto, o sentido, a experiência como vivida pelo sujeito. Ela não admite julgamentos e avaliações. Apenas descreve” (Bicudo, 2000, p. 77). Nesta afirmação está suspensa qualquer proposta que centralize uma teoria ou ideologia.

A vivência da coleta dos dados está mesclada, em busca do significado do fenômeno. A experiência do sujeito no mundo, em sua pré-reflexão, soma-se a experiência da participação do pesquisador no momento do encontro com o sujeito (entrevistado), visando desvelar o fenômeno, no que se deixa revelar. “Para tanto, ele trabalha com alguns aspectos que se destacam dentro do seu campo perceptual e que o impressionam, o que significa exercerem uma tendência afetiva sobre ele e imporem-se à sua atenção, interessando-o” (Martins e Bicudo, 1994, p. 97).

Em palestra intitulada “Filosofia e Epistemologia na Educação Matemática”, Bicudo falou sobre a ideia de mundo ou Lebenswelt, para Huserl. Esse mundo, local de estadia e vivência de todas as experiências do ser humano.

[...] no mundo da vida. Que é esse mundo que a gente está [...] Não é o mundo da vida de cada pessoa [...] O Lebenswelt é um mundo que é uma totalidade, que traz toda historicidade de toda a vida que se realizou neste planeta [...] Ele está assumindo todas as evoluções, do mundo natural, mas também de todo o mundo cultural, de qualquer acultura. Ele vai trazendo, ele vai tornando isso tudo uma realidade tão forte, tão densa, que nos envolve. Nós estamos imersos nele, nessa realidade, nesse mundo da vida. E nós mantemos a nossa vida e não só nós, tudo que vive aqui mantém esse mundo vida, vivo (Bicudo, 2022).

Bicudo (2011, p. 59) destaca a importância da atenção aos momentos de análise e procedimentos, “não os tomando como uma sequência linear e hierárquica, mas entendendo-os e assumindo-os como o movimento do pensar, [...] ao percorrer os meandros do pensamento investigativo.”

O processo desenvolvido a partir daqui está baseado nas perspectivas apresentadas no livro “Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica”, organizado pela professora Maria Bicudo, quando ela aborda a “análise fenomenológica estrutural e variações interpretativas”. Assim como, no livro “A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básico”, produção conjunta da professora Maria Bicudo com o professor Joel Martins, ao discorrerem sobre a “coleta de dados da pesquisa qualitativa”.

Diante do exposto, iniciou-se a redução, colocando-se em evidência fragmentos textuais do discurso na linguagem do sujeito, notório à interrogação formulada. O pesquisador deve lê-los “tantas vezes quantas considerar que deva para que o sentido das experiências vividas pelo sujeito seja existencialmente compreendido, abrindo-se, empaticamente, à possibilidade de imaginar o ponto de vista do qual o depoente fala, intuindo, por insight, o sentido do todo” (Bicudo, 2011, p. 57). Esta fase possibilitou a construção das Unidades de Sentido, que são evidências reveladas diante da resposta a pergunta formulada, indicando na percepção do pesquisador, “uma mudança visível no significado da situação vivida e relatada pelo sujeito” (Bicudo, 2011, p. 57).

Em seguida, foram identificadas as Unidades de Significado, que “São discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado” (Martins; Bicudo, 1994, p. 99). Elas são reveladas com base na investigação. “Não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador” (Idem). Para isso, foi usado o Dicionário de Português, da Academia Brasileira

de Letras, auxiliando na redução desses discursos, aprofundando palavras destacadas, estabelecendo as Unidades de Significado.

Em seguida foram adicionadas as Asserções Articuladas no Discurso. Estas declarações “são postas em frases que se relacionam umas com as outras, indicando momentos distinguíveis na totalidade do texto da descrição” (Bicudo, 2011, p, 57). As asserções também não foram retiradas do texto. São planejadas pelo pesquisador, como resultado das reduções, transformando a linguagem simples do sujeito em linguagem ajustada para investigação do fenômeno. Por final, realizou-se uma síntese das asserções, separadas por entrevista. Cada entrevistado, com sua síntese.

6) Você pode, de forma resumida, falar um pouco da sua história?		
Discurso na linguagem do sujeito	Redução unidades de significado	Asserções articuladas no discurso
Então, tem certas coisa que é melhor realmente você deixar pra trás, sabe. Esquecer (inaudível) e seguir.	• Coisas - Aquilo que existe ou pode existir. Qualquer acontecimento, realidade ou fato. • Realmente - Na realidade, de fato, sem dúvida. • Deixar - Afastar, separar, por de lado, abandonar. • Esquecer - Não recordar, não lembrar.	• E1Q6D1 – Sem dúvidas, lembranças de acontecimentos ruins pertencem ao passado e precisam serem abandonadas no esquecimento.

Quadro 2: Exemplo das reduções efetuadas.

Concluída a primeira fase do processo de redução, diante das sínteses com as características individuais de cada participante, partiu-se para a fase seguinte, *intencionando descobrir características comuns ao grupo*. Na averiguação entre as palavras destacadas na primeira fase do processo de Redução das Unidades de Significado (249), notou-se a evidência de 27 palavras, das quais, 3 se apresentaram proeminentemente, com seus correlatos mais importantes, conforme quadro abaixo: confiança, conhecimento e esperança.

Confiança	Conhecimento	Esperança
fé (7); acredito (3); fidelidade (2); fiel (2); creio (2)	conhece (4); informações (2); experiências (2)	esperança (5); ajudar (2); missão (3)

Quadro 3: Unidades de Significado, com seus correlatos referenciais mais importantes.

Percebe-se portanto, 3 Unidades Significativas, ou 3 aspectos da fé na vivência diária entre a população em situação de rua. Observa-se que se optou pela exclusão de três palavras entre as mais citadas, por serem palavras que transitam entre todos os aspectos: Deus, amor e vida.

No aspecto **confiança**, reuniu-se todos os verbetes relacionados a fé, seja em referência ao relacionamento com o Divino, seja ao relacionamento com o sentido. Quanto ao **conhecimento**, registrou-se o sentido da palavra em geral, sendo informações adquiridas, ou experiências vividas. E na Área da **esperança**, registrou-se o que o ser humano espera na sua perspectiva de vivência e as ações de autotranscendência, aonde o sujeito se coloca na possibilidade de perceber o mais necessitado, mesmo estando ele em situação similar.

6.8 Discutindo os dados

Diante da questão norteadora da pesquisa: “É possível a crença na percepção do sentido na vida para a pessoa em situação de rua?”, percebe-se que o caminho trilhado até aqui exige aprofundamento nos relatos até então investigados, mas não expostos. Discutiremos os resultados percebidos, tentando fazer um entrelaçamento dos diálogos mais relevantes dos sujeitos entrevistados, direcionados pela questão norteadora e apreendidos diante dos tempos das entrevistas e das 3 Unidades Significativas, ou 3 aspectos da fé. Os motivos de se encontrarem em situação de rua, com suas consequências frente a sobrevivência. As possibilidades de percepção de futuro, inclusive diante da possibilidade de falecimento. Assim como, a vivência religiosa, incluindo a relação com o supra-Ser. Por fim, como acontece a percepção sobre família.

Os relatos apresentados poderão ser intercalados com as asserções articuladas pelo autor, sempre precedidas e referenciadas entre parênteses, como a seguir, sugerido no quadro 2: (E1Q6D1), indicando que se refere a “entrevista 1, questão 6, discurso 1”. Desse modo, entrevistado e entrevistador tecerão o diálogo, em busca da revelação do fenômeno.

6.8.1 Os motivos de se encontrarem em situação de rua, com suas consequências frente a sobrevivência.

Três perguntas foram realizadas aqui:

- Você pode, de forma resumida, falar um pouco da sua história?
- Como é para você viver nas ruas?
- Como você enfrenta os problemas que a vida lhe coloca?

Objetiva-se ouvir um pouco sobre a narrativa de vida dos entrevistados, colhendo possíveis complementos dos dados sociodemográficos e o motivo de estar em situação de rua. Diante dos relatos sobre a sobrevivência diária, procurar entender a percepção do sujeito da pesquisa, quanto ao enfrentamento das possibilidades postas pela vida, diante da situação de rua.

6.8.1.1 Confiança

Relatar história de vida é algo que pode ser constrangedor. Principalmente diante de um estranho. No entanto, as entrevistas fluíram de forma agradável. O que demonstra um bom grau de segurança na relação entre entrevistado e entrevistador. A questão 6 do instrumento de pesquisa, solicitou ***um resumo da história pessoal***, sem destinar um caminho específico. Alguns dados citados nesse momento, já facilitaram retomadas para as respostas de questões adiante.

“Segurança íntima.” Assim, Bechara (2011, p. 341) apresenta uma das descrições de confiança. Alguns dos entrevistados demonstram em seu discurso essa segurança. *Graça*, no início do seu relato (E1Q6D1-D2) percebe que lembranças de acontecimentos ruins pertencem ao passado e precisam serem abandonadas, se apegando as lembranças que fazem bem. Essas lembranças são internalizadas. Segundo ela: “tem certas coisas que é melhor realmente você deixar pra trás, sabe? Esquecer e seguir. O que é bom eu guardo dentro de mim [...] Se eu for encarar a vida tudo como um trauma, não vou viver, sabe?” (*Graça*). Confiar nas boas lembranças facilita a vivência diária.

Percebe-se *Graça* exercendo uma escolha livre por fatos positivos, diante do experienciado. Lukas (1992, p. 61) confirma que tal opção “atua no sentido de mitigar e prevenir crises.”

A entrevistada se refere a uma das consequências de sua situação de rua. Corroborando com os dados do IPEA relatados acima, 5 dos participantes da pesquisa, encontram-se em situação de rua, por causa dos conflitos familiares. Alcoolismo, depressão,

desilusão amorosa, violência doméstica e uma pessoa criada em uma instituição de assistência social para crianças, complementam o quadro.

Para *Plácido* (E3Q6D3), diante da falta de esperança, a fé indica um lugar que permite amparo e silêncio, mesmo diante da situação de risco. O entrevistado dorme em algum lugar, dentro da mata, segundo ele, perto da UFPB. “Tenho meu espaço. Eu vivo em situação de rua, mas fui conduzido a um local e esse local eu chamo de refúgio né? Que o Criador viu meu desespero, e ele me deu esse lugar. Aí eu tô lá até enquanto ele permita” (Plácido). Para ele o segredo da segurança mora no refúgio do Criador.

Lázaro, está em situação de rua “por questão burocrática da família.” É como ele descreve conflitos familiares. Pertencente a uma família de adotados, envolvido numa rede de mentiras tecida pelos pais, tentando esconder a adoção, quando criança, Lázaro foi vítima de uma contaminação parasita, acrescido de um efeito colateral medicamentoso, gerando um problema neurológico, que perdura até o momento. (E5Q6D6) Vive a força da fé em ação, buscando a graciosidade e a melhora na propriedade divina. Ele fala sobre essa confiança: “e eu sozinho corri atrás de tudo entende? [...] Em 2008 já, eu comecei a trabalhar na bicicleta. Quer dizer, eu fui melhorando pela graça do Senhor, né?” (Lázaro).

Questionados **sobre como é viver nas ruas**, fica pautado o incômodo que causa tal situação. “É muito triste! Tanto pra mim, como pros outros. Não é agradável [...]” (Plácido). *Inocência* destaca que (E6Q7D1) o perigo torna a rua um lugar ruim. “Não é muito bom não. Não é bom, não é legal né? Eu acho perigoso, né? No mundo do jeito que tá mal” (Inocência). *Aldo* amplia o discurso de Inocência expressando que “É muito ruim meu amigo! Não! A gente não pode falar muito, né? Você tem que... você não dorme, né? Você cochila. Você não pode dar bobeira, porque nego pode levar suas coisas. É horrível, horrível” (Aldo).

Simão identifica (E4Q7D3) o que tem em comum entre as pessoas que compartilham os espaços da rua. “O que é rua? Uma comunidade, que tem algo em comum. Que temos em comum? Conflitos familiares, desempregados, nenhum canto pra morar. Então, nós temos que ter respeito entre a gente” (Simão). Talvez por isso, (E5Q7D1) seja necessário que o poder legal, destinado para o trabalho com a população em situação de rua, preste mais atenção a esse serviço. “Eu vejo que as autoridades deviam, né? E os órgãos designados para esse fim, né? Deveriam ter um pouco mais de... deveriam ter mais seriedade” (Lázaro).

Clara, sempre muito sorridente e amistosa, foi criada em uma instituição de ajuda para menores em situação de abandono. É assim que ela se descreve, abandonada “no

orfanato” pela mãe, que segundo ela, tinha problemas com a saúde mental. Clara apresenta um possível laudo de esquizofrenia, ainda não “fechado”.

Diante da possibilidade da esquizofrenia e de alguns discursos exagerados, ou parecendo fora da realidade, tanto por Clara, quanto por outro entrevistado, optou-se, baseado no pensamento de Frankl (1990, p. 100), tentar perceber a parte sadia da pessoa. Para aquilo que na pessoa “se conservou sadio”, objetivando junto a ela lutar contra a possível doença ou transtorno.

Seu depoimento indica que (E2Q7D1) na fala do Divino, irritações contínuas na vida do ser humano, contribuem para o rompimento do limite emocional, possibilitando o aparecimento de patologias psicossomáticas. Ou seja (E2Q7D2), o modo nocivo de agir, concorre para o adoecimento do próximo. Questionada sobre o que seria mais difícil de enfrentar nas ruas, prontamente responde: “[...] o comportamento das pessoas. Porque não precisa de arma para matar de raiva, não.” Ela continua: “o aborrecimento, segundo a palavra de Deus, e de fato é, ela estoura coisas dentro da pessoa. Eu tive uma raiva de ameaça de morte [...], que cresceu um galo aqui na minha testa e a boca ficou torta” (Clara).

Apesar dos relatos iniciais, a confiança no supra-Ser sustenta a certeza da sobrevivência. “Só Deus, né? Pra segurar a pessoa, né? Pra ajudar a pessoa nessa situação aí, de rua, né?” (Magno). *Sol* expressa sua alegria, (E8Q7D1) a graciosidade divina é destacada como auxílio para alcançar uma moradia e sair da situação de rua. “Olha, eu agora, graças a Deus não tô na rua mais, né? Porque eu aluguei um cantinho pra mim. Eu tava, faz um mês agora que eu saí da rua, graças a Deus” (Sol).

Graça expõe a problemática da dependência química nas ruas. Revela que (E1Q7D3) a confiança no supra-Ser permite diminuir a frequência sistemática no uso da droga e visualizar a abstinência total. “[...] porque eu ainda sou, mas vou deixar de ser. Mas, eu ainda sou usuária do crack. Mas com bem menos, muito bem menos, tudo isso para honra e glória do nome do Senhor [...]” (Graça).

A resposta a **questão sobre o enfrentamento dos problemas postos pela vida** confronta o ser humano, com a capacidade de gerir sua própria vida. *Clara* destaca que a confiança (E2Q8D1) na ação mágica do supra-Ser é a proteção essencial para o enfrentamento violento das lutas diárias. “[...] Rapaz, eu tenho vivido o sobrenatural de Deus. Eu recebo pancadas que eu recebi, morri e voltei. Que eu não aguentei. Inacreditável! Eu não sei. Eu sei que tem alguém me protegendo” (Clara).

Para *Inocência* (E6Q8D1) o diálogo com o supra-Ser proporciona poder e coragem. Ela enfrenta as dificuldades “pedindo forças a Deus! Orando” (Inocência). Da mesma forma, *Magno* (E9Q8D1) posiciona Deus, com o seu poder, adiante dos problemas. “Botando Deus na frente. Deus na frente! Deus é poderoso demais. Eu sou muito *tremendo* a Deus, ele me conhece. Boto Deus na frente e ele age, e dá tudo certo” (Magno). *Amália* reforça esse discurso: “os problemas da vida, todo dia tem um problema, né? Sempre tem um problema [...] Aí, eu coloco Deus na frente de tudo. Peço sabedoria a ele e força para que eu consiga continuar [...]” (Amália).

A fé é auxiliar para resolução dos problemas do dia a dia, conforme referencia Amália. Frankl (2018, p. 101) afirma que “Precisamos aprender e também ensinar às pessoas em desespero que a rigor nunca e jamais importa o que nós ainda temos a esperar da vida, mas sim exclusivamente o que a vida espera de nós.”

Vítima da violência doméstica, *Sol* teve que abandonar sua casa no Rio de Janeiro, com seus 4 filhos, foragindo das ações de seu marido que era traficante. Sua fala indica que (E8Q8D1) as dificuldades da vida motivam a tomada de decisão, visando a sobrevivência. Ela desabafa:

“Ah! É muito difícil, né? Eu manguêio¹, eu peço dinheiro no sinal. Tô com fome, aí a pessoa vai, me dá. Aí eu vou levando a vida, né? Vou tocando a vida. Vou se virando, enquanto eu posso. Mas, eu vendo doce. Eu tô com uma caixinha de *chicrete*. Eu vendo *chicrete*, bala, jujuba. Então, que dizer é, não sou uma parasita, né?” (Sol).

A entrevista com Sol acontece num misto de violência, sofrimento e confiança. Ela chega a verbalizar que, (E8Q8D3) diante da dor física e emocional, a mãe surge como suporte, auxiliando seu enfrentamento nas batalhas. “Eu sofri tudo isso com ele. Mas, ainda aguentei muito. Minha mãe falou que eu fui uma guerreira. Porque esses 16 anos, eu era pra tá morta, minha mãe falou” (Sol).

6.8.1.2 Conhecimento

Bechara (2011, p. 344) descreve conhecimento, como “informação que se adquire sobre alguém ou alguma coisa através de estudo, pesquisa ou experiência.” Principalmente as experiências, marcam as histórias de vidas nas ruas.

¹Manguêar é pedir com “jeitinho”, sendo realizado de várias formas, desde pedir diretamente, até lavar parabrisas nos semáforos (nota do autor).

Simão se identifica como Teólogo. Está em situação de rua por causa dos conflitos com o pai, que disputa a autoridade da casa com ele. Em seu resumo de vida, ele se queixa (E4Q6D3) relatando que muitas vozes internas que o observam, são ouvidas e combatidas diariamente, imprimindo uma sensação de insanidade mental. “Porque parece mentira, parece coisa de louco, mas escuto vozes 24 horas dizendo isso e aquilo. Só que eu não dou voz as vozes. É como se todo o planeta terra tivesse me vigiando.” *Simão* usa os livros para combater as vozes. “Esses livros servem pra mim ter um entendimento. É, servem pra mim ter conhecimento. Servem pra mim é, cumprir uma meta” (*Simão*).

Como se quisesse comprovar o dito, no momento da entrevista, *Simão* portava o livro “Coragem e determinação. Um infinito ainda por fazer”, da autora Yeda Rorato Crusius. Livro explicado por ele nos mínimos detalhes, até a parte que teria lido. Para *Simão*, (E4Q6D4) livros geram conhecimento para executar objetivos almejados. Ele se declara alguém feliz deixando escapar que (E4Q6D5) a satisfação essencial é resultado das decisões acertadas. “Felicidade é tudo que você fizer e der certo. Se você não der. Fizer uma coisa e der errado, você não é feliz. Você é infeliz” (*Simão*).

Para a Logoterapia “o ser humano não é alguém em busca da felicidade, mas sim alguém em busca de uma razão para ser feliz” (Frankl, 2018, p. 162). Ou seja, a felicidade não vem em decorrência de procura pessoal. Ela é resultado de uma vida com sentido. A felicidade com sentido, emite capacidade de enfrentamento ao sofrimento.

Clara, no seu modo peculiar de ver a vida, declara que (E2Q6D2) a vivência diária causa aprendizagem que fornece novas ligações mentais. “Tem muitas coisas que fazem conexão na minha mente. Porque eu passei a vida toda, vendo coisas, analisando coisas e fazendo conexões com coisas que a gente aprende no nosso dia a dia” (*Clara*). Intuitivamente ela continua relatando: “eu vejo que nossa vida tem muito a ver com que a gente recebe de informação na TV. E que a TV, ela passa imagens 3D sabe? Não é só basicamente o que se vê. Passa outras mensagens, que a gente recebe, através da TV” (*Clara*).

Sua dimensão noética revela que (E2Q6D3) a conexão midiática com a vida humana, produz experiências que causam impressões e influências subliminares. A experiência de fé corre o risco de ser produto das mensagens das entrelinhas midiáticas.

Graça vive em situação de rua devido aos conflitos familiares. A violência sexual contra a mulher em situação de rua é revelada no discurso inicial dela. Compartilha que foi

estuprada aos 37 anos, e como “fruto” desse estupro, tem um filho, que hoje tem 6 anos. Ela relata:

Enfim, não sei. Tinha que acontecer. Eu tinha que passar por isso. Enfim, passa muita coisa em tua mente. Então... Você não sabe que ao certo, se você. Se foi coisa que tinha que acontecer. Você não merecia aquilo. Ninguém merece, né? Mas, enfim tudo traz uma lição. Ela boa ou ruim, mas traz uma lição (Graça).

Graça crê que (E1Q6D5) apesar das tragédias na vida do ser humano, há aprendizagem em todas as experiências vivenciadas, sendo elas positivas ou negativas.

Frankl (2018, p. 136-137) corrobora, afirmando, como temos visto, que há possibilidades de encontrar-se sentido na vida, diante de sofrimentos ou tragédias, que não podem ser transformadas. “Porque o que importa, então, é dar testemunho do potencial especificamente humano no que ele tem de mais elevado e que consiste em transformar uma tragédia pessoal num triunfo, em converter nosso sofrimento numa conquista humana.”

No quesito sobre **como é viver nas ruas**, segundo *Graça*, (E1Q7D1) depois dos 35 anos, a situação de rua torna-se mais difícil. Exige maior esforço, pois o ser humano vai diminuindo o ritmo de vida. Segundo ela, “[...] depois disso a idade vai chegando, né? O decorrer da estrada vai fazendo você desacelerar mais, sabe?” (Graça).

Ela aborda as dificuldades femininas. “É complicado... que a mulher, ela tem mais, fica naqueles dias, né? Final de semana pra mim, o mais ruim pra mim é o final de semana, sabe? [...] Mas, aí a gente dá um jeito. Tem as biqueiras lá no meio da rua” (Graça). Para *Graça*, (E1Q7D2) a mulher tem necessidades mais complexas. No entanto, com habilidade se consegue improvisar.

Simão confronta o entrevistador questionando: “Bom, o que é rua? A pessoa tem que saber o que é rua. Rua é um lugar onde circula pessoas e veículos. Então, se você mora num lugar onde tem pessoas e veículos ou animais, você tá numa rua” (Simão). E logo em seguida, como quem indica o caminho, aponta: “porque a pessoa confunde rua com sem teto. Você é um morador de rua com teto” (Simão). (E4Q7D1) Buscar o conhecimento sobre o que é rua, desvela conceito e sentido. *Simão* crê firmemente que na rua se encontram pessoas abrigadas e desabrigadas.

Pensando na **questão sobre o enfrentamento dos problemas postos pela vida**, *Simão* indica que resolve os problemas comandando o raciocínio. “Gerenciando os meus pensamentos. Tentando tirar o máximo proveito disso que eu aprendi e tentando não copiar o que já passou, né? Então, gerenciar o que eu falo. Gerenciar” (Simão). Ele ainda destaca que faz igual a Jesus: “Quando ele fazia as coisas, ele não afirmava. Ele fazia o que? Uma

pergunta. Então, fazia uma pergunta. E outra coisa. Primeiro ele elogiava e depois falava os defeitos” (Simão).

Simão acredita que a fórmula da resolução dos problemas postos pela vida diariamente, está no somatório da administração dos pensamentos, extraindo sua melhor utilidade e mantendo o que foi apreendido, lembrando de não reproduzir o passado. Soma-se a isso, questionamentos a valorização do ser, antes das correções.

Para a Logoterapia “o ser humano, efetivamente, é mais do que o simples produto de uns processos de aprendizagem condicionantes. É mais do que o resultado da interação entre ambiente e carga genética, mais do que o produto de umas relações de produção” (Frankl, 2016b, p. 39).

De outra forma, mas também aplicando aprendizagem e experiência, *Graça* responde que enfrenta “com a cara é a coragem. Só isso! Ou você enfrenta, ou você enfrenta. Se você não enfrentar, se você não aprender a lidar com essa situação, você vai morrer de fome. Vai virar mendigo, não vai mais tomar banho. Vai deixar o cabelo crescer. Vai ficar todo sujo” (Graça). (E1Q8D1) Graça crê que para sobreviver nas ruas é necessário aprender a enfrentar os problemas com atitudes de sinceridade e destemor. (E1Q8D3) O não enfrentamento resulta no abandono pessoal das necessidades básicas.

Falando sobre abandono e vício, *Simão* desabafa que:

A gente se adapta as coisas. Coisa boa ou coisa ruim. Mas, se nós gostamos de nós, a gente vai se adaptar só as coisas boas. Quando a gente não gosta da gente, porque alguém maltratou a gente no passado, a gente ficou um pouco com o semblante lá embaixo, então a gente vai continuar o mesmo processo da degradação humana (Simão).

Segundo Simão, (E4Q8D4-6) o ser humano se adapta, se ajusta a qualquer situação. Ser humano que se aprecia, busca por bons acontecimentos. As resoluções dos problemas são dificultadas porque, ser humano maltratado no passado, tende a dar continuidade ao mesmo processo, entrando em degradação pessoal, externando esse sentimento.

O discurso de Simão, relembra a narração de Frankl (2018) no comportamento de apatia, na segunda fase vivenciada no campo de concentração, quando parece que a morte interior é experimentada e a frieza emocional se apossa do ser humano, ficando indiferente aos sofrimentos, sejam eles pessoais, ou do outro.

Plácido está em situação de rua em decorrência do alcoolismo, juntamente ao sentimento de autossuficiência. Essa combinação causou o afastamento da família. Sobrevivente da vida seca do sertão, Plácido se “contenta com o básico”, com o essencial. Por

ter sido criado na escassez, declara que “a gente nunca teve a riqueza de que hoje em dia aprendeu a se contentar com o pouco” (Plácido). Por isso seu modo de enfrentar os problemas é expressado com um largo sorriso no rosto. “Oxe! Como é que eu enfrento? Com a maior tranquilidade do mundo. É eu não vou bater de frente, entendeu?” (Plácido).

Ele explica como funciona na vida dele. “Ó, se eu vejo que uma situação, ela não pode ser resolvida daquele jeito, logo assim imediato. Simplesmente eu olho assim ó, e digo, eu vou por ali! Eu vou por ali!” (Plácido). Ele continua, informando que carrega uma compreensão pessoal. “Sabe, porque pra mim ó, eu sempre tive aquela, uma concepção dentro de mim mesmo. Você só vai ter aquilo que é pra ser... Se não for pra ser seu, você vai batalhar a vida inteira e quando você conseguir, você perde” (Plácido).

Para Plácido (E3Q8D1-3) a quietude permite o enfrentamento de circunstâncias difíceis de serem resolvidas de imediato, com um olhar sincero e realista, facilitando a vivência do momento. Plácido crê que o empenho do planejamento para alcançar o que é necessário, carrega a certeza do pertencimento. O que não pertence a si, de si se perde.

6.8.1.3 Esperança

Em seu relato inicial, *Clara* expressa sorrindo, que (E2Q6D4) situações difíceis na família requerem uma esperança de um melhor tratamento fora de casa. Diante de tantos conflitos, ainda existe o “sentimento otimista que leva à espera da concretização de desejo” (Bechara, 2011, p. 535). “[...] as pessoas já passaram tantos problemas dentro de casa, entendeu? Que a gente espera ser tratado melhor fora” (Clara).

Parece que esse mesmo sentimento, *Graça* mantém, (E1Q6D9) quando anseia pela restauração da imagem materna, gestando o sonho do filho um dia querer conhecer-lhe e revê-la. Quase encenando, sorrindo e gesticulando muito, como se já estivesse vivenciando, Graça verbaliza: “Mas, um dia ele vai saber que minha irmã não é a mãe dele. Isso querendo ou não gera uma, um filho. Oxe! Quem é minha mãe mesmo, né? Gera uma vontade de querer saber, pelo menos. Posso até não viver junto e tudo. Mas querer saber. Querer procurar” (Graça).

Atualmente o filho de Graça, por decisão judicial, encontra-se na guarda da mãe, criado pela irmã da entrevistada. Ela explica que falou para o juiz, deixando claro que não estava abandonando o filho. “Ele tá sendo tomado de mim. Porque apesar de tudo, mas eu não

vou contestar, porque assim como vocês, eu também quero o bem dele e no momento eu não sou a boa escolha para ele, infelizmente” (Graça).

Graça, num ato de amor abriu mão de lutar pelo seu filho, por entender que não teria condições necessárias para criá-lo, devido o grau de responsabilidade necessária. O amor é atitude intencional, que liberta o outro de qualquer condicionalidade. Frankl (2016a, p. 230) informa que “prende-se tão pouco o amor com a corporalidade do amado, que sobrevive, sem mais, à sua morte, podendo perdurar até à morte de quem ama. Aliás, nunca é concebível, para quem ama realmente, a morte do ser amado.”

Aldo é portador de Transtorno Bipolar e de Dependência química. Trabalhou como educador social, administrando uma Comunidade Terapêutica. A situação de rua decorre de uma desilusão amorosa. Segundo ele, “fazia muitos anos que estava limpo, sobriedade [...] Fazia 6 meses que eu vinha lutando, sabe? Remoendo, essa, si... esse tipo de situação. E teve uma hora que eu não aguentei e estourei, entendeu?” (Aldo).

O *enfrentamento dos problemas postos pela vida*, para Aldo é visto através da esperança. “A esperança de conseguir algo. Que eu não sei como. As vezes fico imaginando: ‘Há, daqui a tal mês, vou tá assim, vou tá assim!’ ” (Aldo). Questionado sobre o que seria esperança para ele, responde:

Esperança! Esperança pra mim, eu creio que, que eu vou conseguir algo, ou sair dessa situação que eu estou. Eu creio. Eu acho que as, as duas coisas estão interligadas, né? Fé é uma, pra mim é uma força sobrenatural que, que me faz mover assim, num sentido de... Assim, eu, eu acreditar em algo e que vai acontecer (Aldo).

Aldo, com todas as suas dificuldades, entende que (E7Q8D1) a associação do que se espera, com a força sobrenatural da fé, em direção ao alcance de um sentido, movem a vida, objetivando conseguir sair da situação de rua.

6.8.2 As possibilidades de percepção de futuro.

Três perguntas foram realizadas aqui:

- Você acredita que um dia as coisas poderão melhorar?
- Se sua vida fosse terminar hoje, quais as suas principais realizações?
- Você tem algum projeto para o futuro?

A percepção sobre fé, esperança de um futuro melhor e caso falte, que legado o sujeito deixaria, são os objetivos que se tenta encontrar nestas questões. Aguçar a reflexão do

entrevistado é propiciar a probabilidade de percepção de sentido, inclusive quanto a visualização das realizações.

6.8.2.1 Confiança

Um sonoro “Sim!”, foi a resposta do *Aldo*, sobre a **possibilidade de melhora**. (E7Q9D1) O sim altissonante, destaca sua esperança e sua fé relatadas como resposta, na pergunta anterior. *Lázaro* palmilha o mesmo caminho. “Claro que sim! Porque já melhorou, né? Acho que antes podia ser um pouco pior” (*Lázaro*). A resposta de *Lázaro* indica que (E5Q9D1) olhar para a situação inferior do passado, facilita a percepção das possibilidades de melhora no futuro.

Inocência, vítima da depressão, transtorno que lhe empurrou para a situação de rua, depois de uma tentativa de suicídio, presenciada pela filha menor. A entrevistada conta que sua filha ficou com medo de lhe deixar sozinha dentro de casa. O que desencadeou uma situação difícil. “Aí também eu sou aquela pessoa que nem posso tá sozinha demais, nem posso tá pressionada demais, porque eu não sei assunto. Eu sei lá o que tem. Não sei” (*Inocência*). A história familiar dela foi dissolvida em pouco mais de um ano, quando perdeu seu pai, sua mãe e seu irmão. Ela não conseguiu suportar tamanha pressão, perante o luto da perda de sua família. Sucumbiu à depressão.

Diante de suas lutas nas ruas de João Pessoa, a confiança no supra-Ser sustenta sua certeza. “Claro! Porque Deus, ele muda a quadra né? Ele muda história. Ele ainda é Deus” (*Inocência*). Para ela (E6Q9D1) a fé indica que Deus, por ainda ser Supremo, pode mudar a história, mudar a narrativa de sua vida.

Sol tem a mesma percepção. Elabora a crença na mudança para um estado mais favorável, a partir da fé e da presença na comunidade religiosa. “Sabe o que eu acredito moço... que as coisas pra mim, já melhorou. Entendeu? Porque eu tenho fé em Deus. Sempre tô indo na igreja” (*Sol*). Ela testemunha: “Cada dia que passa moço, não falta nada pra mim. Eu tenho biscoito, eu tenho minha bolacha [...] Então pra mim não tá faltando nada. Eu tenho Deus!” (*Sol*).

Para *Magno*, (E9Q9d1) a fé permite a percepção de melhoramento de vida. “Eu tenho fé em Deus que vai melhorar, em nome de Jesus, minha vida. Eu tenho fé em Deus!” (*Magno*).

Amália (E10Q9D1) entende que o ser humano tem sua parte nessa melhora. Precisa acreditar que é possível a mudança. “Acredito! Acredito que Deus ainda pode fazer coisas boas na vida da gente. Só basta a gente acreditar” (*Amália*).

Quanto *a ter algum projeto para o futuro*, *Magno* (E9Q12D1-2) projeta, com a ajuda do supra-Ser, uma melhora de situação. Uma história de vida transformada. Nessa nova história, há lugar para uma nova família, um lar e um emprego. “Rapaz, o projeto que eu peço a Deus, né? É que ele me ajude. Que dê tudo certo da minha vida melhorar, né? Mudar a minha história, né? Que eu tô passando, né? De ter uma nova família, ter uma casa, ter um lar, emprego, né?” (*Magno*).

Os depoimentos indicam um sentido a ser contemplado na relação com o supra-Ser. Perceber melhora, a partir da contemplação em Deus, confere com o pensamento de Frankl (2007, p. 77), quando referencia que é necessário o entendimento do “fenômeno que é o crer não como uma fé em Deus, mas como a fé mais abrangente num sentido.”

6.8.2.2 Conhecimento

Simão fala sobre o autoconhecimento para responder o questionamento. “As pessoas podem melhorar quando as pessoas busca o autoconhecimento. Procura o autoentendimento, né?” Ele justifica sua resposta. “Que nem uma frase que diz: ‘É possível a paz de Deus entre os homens?’ É possível! Desde que seja é, pessoas qualificadas. Não teoricamente, mas pessoas é, páticas [...]” E apresenta o resultado: “Se a pessoa se avaliar e ver o que fez errado, tentar modificar. É o que eu tento fazer. Eu já me evolui muito, porque eu era muito ansioso” (*Simão*).

Para *Simão* (E4Q9D1-3) o autoconhecimento pode produzir a paz entre a humanidade. A vivência desse autoconhecimento gera melhora e competência prática na vida pessoal. O esforço dessa prática objetiva transformação gradativa, contribuindo para a diminuição da ansiedade. Para o entrevistado, essa melhora (E4Q9D4) é um processo lento e paciente, de adequação cerebral, identificado por ele como “uma mente autodominada.” Ele complementa, como se estivesse orientando o entrevistador. “Você vai chegar lá. Não é uma coisa fácil o conhecimento. Mas, é difícil. Você consegue!” (*Simão*).

Como já foi visto, o ser humano é essencialmente noético. Ou seja, é um ser espiritual, não numa conotação religiosa. A Logoterapia contempla um ser livre, apesar das condições.

A capacidade intrinsecamente humana de posicionar-se frente a tudo o que lhe possa ocorrer inclui a sua capacidade de escolher sua atitude em relação a si mesmo: mais especificamente, de posicionar-se em relação aos seus próprios fatores e condicionantes, tanto somáticos quanto psíquicos (Frankl, 2021b, p. 69).

O livro sagrado do cristianismo é usado por *Clara*, para justificar sua resposta negativa. Ela entende que (E2Q9D1) a justiça divina não deixará que as coisas melhorem no planeta terra, pois o momento atual está determinado: o cenário devastador do apocalipse, chama a batalha final. Com a voz firme, ela testifica:

Não! Não mais neste mundo. Já nos foi dado um tempo [...] A Bíblia diz que a gente vai passar por um tempo de Daniel. Três anos e meio, ou é dois anos e meio. Alguma coisa assim [...] Eu estou ciente que a gente tá vivendo Armagedom agora [...] Vai piorar Sim! Porque Deus é justo. Deus é justo (Clara).

Da mesma forma que Clara, *Plácido* entende que neste mundo (E3Q9D1) dificilmente haverá melhora, visto que a humanidade está em decadência, o que indica que sua história piorará. Ele amplia o elo de visão entre os dois, acrescentando o assunto da humanidade decaída. “Na terra? Dificilmente. É, até porque o homem tá fadado a sempre tá em queda [...] Porque a gente vem em queda e quanto mais a gente tenta se reerguer, porque assim, no meu modo de entender não é o ser humano em si que tem que voltar, é a humanidade” (Plácido).

No entanto, para justificar sua parte final na resposta, ele complementa, referenciando: “Eu tenho meus erros. Mas, eu tenho minhas qualidades, como todo mundo e eu tenho uma visão, eu tenho uma visão. E é justamente isso que eu venho tentando fazer” (Plácido). Ou seja, (E3Q9D2) acredita-se que a perspectiva de melhoria de qualidade na vida do ser humano, pode acontecer apenas de forma individual.

Quanto *a ter algum projeto para o futuro*, duas pessoas visualizam sua formação universitária. *Plácido* diz que estava “pensando nisso um dia desse, sabe? Que seria terminar meus estudos por completo. E ingressar numa área que eu queria ter feito quando terminei os estudos, que era fazer um curso de Jornalismo.” Da mesma forma, *Lázaro* afirma: “Eu tenho, meus projetos é estudar, terminar o meu, é, minha faculdade em ‘técnico’ laboratorial.”

Graça optou por não projetar o futuro. Possivelmente, (E1Q12D1) por causa da incerteza do porvir, a percepção dessa construção esteja intimamente ligada a vivência do presente. “Cara, Não! Eu vivo um dia de cada vez ainda... a gente não deve dizer: ‘Vamos fazer isso ou aquilo amanhã’. Porque você não sabe se amanhã você... Eu não sei. Eu to aqui conversando contigo, mas, se for pra ser daqui a meia hora, tudo na minha vida acaba” (Graça).

Ela complementa, declarando: “Tem que saber... É preciso saber viver, sabe? Sem muito expectativa de... porque as vezes a gente quebra muito a cara. Traz uma expectativa tão grande sobre aquilo... E aí acaba que aquilo nem era, nem valia essa expectativa toda” (Graça). Ou seja, (E1Q12D3) a sabedoria do viver está em não alimentar esperanças em situações que podem gerar decepções.

A vivência marcada pela alimentação de expectativas pode causar excesso de atenção, resultando em hiper-reflexão e possibilitando uma ansiedade antecipatória, podendo em alguns casos, transformar-se em processo patológico (Frankl, 2016c).

6.8.2.3 Esperança

Quanto *a possibilidade de melhora*, Graça apresenta certeza em seu pensamento. “Acredito piamente! Porque enquanto há esperança, há vida... Há vida! Enquanto há vida, há esperança... É isso aí, entende? Enquanto você está vivo, você pode ter uma esperança de alguma coisa. Agora, depois que morre, já era” (Graça). (E1Q9D1-2) A esperança nutre a convicção da crença numa vida melhor. Essa esperança se finda com a morte, extinguido-se os desejos.

Quanto *ao legado a ser deixado em caso de morte*, classificou-se em esperança, visto que legado é presente para o mundo. Trata-se de “patrimônio material ou espiritual que se deixa para a posteridade” (Bechara, 2011, p. 777). Portanto, um bem deixado a serviço do outro.

Refletir sobre patrimônio a ser deixado, evidencia construção de possibilidades no presente. Relembremos que na autotranscendência, o ser humano desvia o foco de si, apontando para algo ou alguém. “É como um olho que só consegue dar conta de sua tarefa, enxergar o mundo, quando não olha para si mesmo” (Frankl, 2016c, p.16). Quando o olho, consegue perceber a si mesmo, algo de patológico está acontecendo.

Amália respondeu que (E10Q11D1) a convivência com sua filha é a generosa realização da vida. Estar com a filha, deve ser realmente a realização de sua vida. Procedente de Recife, Amália teve sua vida complicada, aos 15 anos, quando seus pais descobriram que ela estava grávida. Desde então, a “família nunca se sentiu presente, assim perto de mim. Aí tinha uns a... atritos e sempre meu pai e minha mãe me colocando pra fora” (Amália). Ao completar 17 anos, Amália saiu de casa com a filha, vindo morar em João Pessoa, na casa de

uma amiga. Ela relata que não conseguiu ter um bom relacionamento com o marido de sua amiga. Sem ter para onde ir, teve que ficar nas ruas. No momento da entrevista, sua filha estava sempre bem junto a mãe. Percebe-se a forte ligação entre as duas. Talvez por isso, Amália declare: O que eu já fiz de bom na minha vida... é conviver com minha filha. Isso pra mim já é bom na minha vida” (Amália).

Mais quatro participantes responderam serem os filhos o seu maior legado: “Eu, se terminasse hoje, a única coisa que eu queria na minha vida é ver os meus quatro, ver os meus quatro filhos” (Sol). “É! Com certeza! Independente de como ele veio. Não interessa como ele veio. Importante que ele veio, né? Que ele existe” (Graça). “Eu acho que, eu acho que, o principal foram meus filhos, né? Não os criei. Mas, crescemos de uma certa forma juntos, né? Assim, eles sempre vinham me visitar e tal. E hoje eles são dois homens. São formados, têm seus lares, né?” (Plácido). *Lázaro* também cita filhos e acrescenta composições musicais. “Meus três filhos [...] Tenho uns testes com música que eu armazenei em um programa [...] Sim! Eu faço composições e também executo, é alguns instrumentos” (Lázaro).

Aldo comenta sobre seu trabalho na Comunidade Terapêutica, referenciando que (E7Q11D1) a dedicação aos cuidados dos sofrimentos de mulheres em situação de risco, proporcionou pela fé, sentimento paterno. “Quando eu, é quando, enfim que eu cuidei. Me dediquei a cuidar das meninas lá que, que sofrem, né? Então, eu acho que eu fui um pai né? Pra essas meninas. Eu acho não. Eu acredito que, que eu seja” (Aldo).

Simão se posiciona sobre seu comportamento. “o que deixei de legado é que eu sempre cumpri o que eu prometi. Eu dava esperança as pessoas, né?” O entrevistado cita um provérbio bíblico “que diz assim: Melhor a boa fama do que o melhor unguento precioso.” *Simão* continua, dizendo que “a sua imagem é muito importante. Credibilidade é tudo [...] É a sua obrigação, você ser fiel, ser honroso, ser né? Ter honra. É obrigação sua. É pro seu bem-estar, pro futuro.” Para *Simão*, (E4Q11D1-4) o patrimônio deixado está na execução dos compromissos prometidos. Isso gera credibilidade pessoal e possibilita um futuro melhor.

Inocência entende que (E6Q11D2) o corpo ainda necessita de algo, mas a essência busca o encontro com o divino. “Quero dizer para ele que a minha carne não, mas o espírito estava pronto” (Inocência).

Magno parece se ausentar nesta questão. (E9Q11D1) Parece que as lembranças lhe deixam sem palavras. “Hum hum! Não tenho, não tenho palavra. Não tenho palavra. Muitas

coisas [...] Porque passado, passado é... não gosto nem de tá assim, comentando. Mas, é assim mesmo, né?” (Magno).

Magno presenciou o assassinato de seu irmão mais velho. Tinha 6 anos na época. Segundo ele, ficou “com aquilo na mente.” Aos 10 anos saiu de casa, se colocando na rua, com o objetivo de vingar a morte do irmão. Realizado o intento, foi recolhido a uma instituição para menores infratores, aonde passou 45 dias. Nessa instituição, Magno (E9Q6D9) descobriu que o ciclo da vingança mantém sua continuidade. Sofreu uma tentativa de homicídio, por parte do irmão da pessoa que ele assassinou. Diante desse impasse, Magno foi liberado, voltando para as ruas aos 11 anos. Desde então, vive em situação de rua, permanecendo no Centro de João Pessoa.

Não entender a pergunta sobre o que deixar para a posteridade, possivelmente indique que (E9Q11D3-4) falar sobre morte incomoda, visto que a convivência com ela é negativa e algo tão dilacerante. Manter o foco nas experiências ruins do passado bloqueia as possibilidades de relatos bons no presente.

O que foi realizado e vivenciado, está salvo para a realidade presente e para a posteridade. Tentar negar o passado, é fugir das oportunidades, “pois o passado também é uma dimensão do ser, quem sabe, a mais segura” (Frankl, 2018, p. 108). Revisitar o passado, possibilita refletir sobre erros, viabilizando tomadas de decisões mais acertadas.

Num caminho parecido está *Clara*. (E2Q11D1) A vivência acumulada de experiências ruins, evidencia uma vida vazia de si, indicando uma impressão funcional de serventia insignificante e letal. Ao ser questionada sobre suas principais realizações, caso faltasse hoje, Clara parece tomar um choque. Para pensativa, ao mesmo tempo sorridente e depois responde: “Caramba! Eu acho que eles me mataram [...] Toda experiência de vida que eu vivi. Eles me mataram. Parece que eu não tenho mais eu. Tem uma funcionalidade. Sei nem para que sirvo. Mas, o que eu quero não me importa, porque me tiraram tudo, né?” (Clara). O discurso da entrevistada, indica que (E2Q11D2) a vida fundamentada no utilitarismo favorece a despersonificação, gerando sensação de não existência.

Quanto **a ter algum projeto para o futuro**, *Amália* (E10Q12D1) percebe que o olhar adiante carrega a esperança de uma oportunidade profissional. “Penso! Em um trabalho pra mim. Com certeza! Se aparecesse eu não media distância. Eu abraçava a oportunidade” (Amália).

Sol, motivada pela autotranscendência, tenciona ajudar a outras pessoas mais necessitadas. “É! Eu to pretendendo abrir um pequeno negócio, né? Pra depois eu expandir, né? Dá emprego a quem merece, né? Pra quem precisa, né?” (*Sol*). Da mesma forma, *Simão* comenta com um sorriso. *Simão* sonha em tornar o mundo, um lugar melhor. Ele carrega seu discurso com entusiasmo. “Então eu pretendo através de futebol. Eu tô estudando pra montar um time profissional [...] É, pra tirar o pessoal da rua, do presídio. Montar um time pra ganhar dinheiro. E, pra ter, né? As suas futuras famílias bem resolvidas” (*Simão*).

Em seu projeto para o futuro, *Inocência* mantém uma esperança missionária. “Evangelizar. Sair ao mundo afora, dizer que Jesus é bom, o Diabo não presta [...] Falar do amor de Cristo [...] Fazer o que vocês fazem, né? Ajudar pessoas de rua, né?” (*Inocência*).

Da mesma forma, *Aldo* expressa sua esperança.

Sim! É esse. É esse, melhorar. Primeiramente aqui no coração, porque tá difícil [...] Então, minha esperança é essa. De eu melhorar, me cicatrizar dessa ferida que eu tenho com relação a minha ex-mulher, voltar pro projeto e cuidar daquelas meninas, que eu não me vejo fazendo outra coisa [...] Como eu me senti acolhido, como as pessoas me acolheu, elas sentem também comigo, entendeu? Sente assim uma proteção, que elas podiam contar comigo pro que der e vier (*Aldo*).

(E7Q12D1-2) A esperança motiva a visualização da cura emocional e restauração do trabalho de ajuda a pessoas em situação de risco. A vontade de ajudar as pessoas, se dá em decorrência de ser bem acolhido e cuidado.

Clara, que não consegue pensar num legado a ser deixado, encontra na (E2Q12D1) criatividade musical, presenteada pelo supra-Ser, possibilidade sincera num novo olhar em direção a uma ação missionária. “Tenho! Tenho sim. Meu projeto é minha música, que Deus me deu. Eu tenho recebido canções. Eu tenho feito elas em letras. Eu acredito que seja minha missão. Cantar” (*Clara*).

Visualizando os projetos, descortinam-se cenários de autotranscendência.

Somente na medida em que consegue viver esta autotranscendência da existência humana, alguém é autenticamente homem e autenticamente si próprio. Assim o homem se realiza, não se preocupando com o realizar-se, mas esquecendo a si mesmo e dando-se, descuidando de si e concentrando seus pensamentos para além de si (Frankl, 2005, p. 36).

6.8.3 A vivência religiosa, incluindo a relação com o supra-Ser.

Três perguntas foram realizadas aqui:

- Como você se percebe na sua relação com Deus?
- Você tem uma religião?

- Se a resposta for positiva, como você pratica sua religiosidade/espiritualidade?

Objetiva-se ouvir sobre a percepção relacional com o supra-Ser, assim como, sobre a vivência da fé na atividade religiosa.

As respostas de cada participante, nas duas últimas questões, foram vinculadas, visto que, como já relatado, é comum a fusão da espiritualidade com religiosidade. Aqui não foi diferente. A prática religiosa/espiritual acontece em consequência da religião. Neste caso, a citação da denominação religiosa, foi categorizada na “Unidade/aspecto da confiança”, por ter sido considerado que se confia nos dogmas e/ou símbolos religiosos.

6.8.3.1 Confiança

Em sua *percepção na relação com Deus*, Amália expressa (E10Q13D1) a certeza do vínculo com o supra-Ser e de sua presença diária. “Minha relação com Deus é que ele tá comigo todos os dias. Isso daí eu nunca perco a fé que ele tá do meu lado. Sinto que ele tá do meu lado” (Amália).

Magno declara que (E9Q13D1) Deus é paz, amor e a universalidade do que existe. “Rapaz, ele é tudo pra mim. Ele, pra mim é tudo. Ele é paz, amor. Ele é tudo. Ele que... a pessoa tem que tá do lado dele, né? Sempre, né? Falando no nome dele” (Magno). No entanto, (E9Q13D3) há uma percepção de associação entre o exercício da religião e a sua distância da presença Divina: “E apesar, né? Que também já fui evangélico, né? Sou afastado da presença de Deus. Mas, eu tenho fé em Deus, que vou voltar pra presença dele, né?” (Magno). O entrevistado (E9Q13D4) entende que a fé é o caminho para o retorno à presença de Deus.

Para *Inocência*, (E6Q1D1-3) a conversa com o supra-Ser, no silêncio da madrugada, deposita fidelidade e conscientização da necessidade de disciplina, para resguardar a vida. A consciência da fragilidade e do extravio, aumenta a percepção do trabalho zeloso de Deus pela vida preciosa. A fidelidade de Deus pode até provocar disciplina rigorosa, mas resguarda a pessoa e a protege da morte.

Só nas madrugadas. Que eu gosto de orar nas madrugadas. As vezes eu converso com Deus e digo que assim, que de mil ovelhas, 999, a perdida sou eu, a que dá mais trabalho. E ele tem zelado da minha vida. Tem uma palavra com que eu carrego sempre “o Senhor pode me castigar severamente. Mas, até aqui não me permitiu a morte, porque ele é fiel” (Inocência).

Lázaro (E5Q13D1) percebe a certeza de sua cura, mas não entende o motivo de Deus não conceder uma constatação oficial em laudo médico. “Muito próximo! A minha questão com Deus é sim... é a seguinte. É que... se ele foi quem me curou... né? Porque se até então. Se até então, eu ainda não consegui meu laudo médico?” (*Lázaro*). Logo em seguida ele declara que (E5Q13D2) na relação com o supra-Ser o que importa é prosseguir na segurança da companhia protetora. “Então tudo que eu quero é [...] na minha vida com Deus é que ele continue, entendeu? [...] continue segurando na minha mão” (*Lázaro*).

Sol entende que (E8Q13D1) apesar da certeza do bom vínculo com Deus, a ausência congregacional emite a percepção de distanciamento. “A minha relação com Deus é ótima! Eu só tô afastada, né?” Ela explica que (E8Q13D2) a recorrente desconfiança de adultério, por parte do cônjuge atual, motiva o afastamento. “Porque tipo assim, eu não vou na igreja por causa de meu esposo. Porque o horário que eu tenho que ir pra igreja, ele pensa que eu não vou pra igreja. Era igual o pai dos meus filhos. Pensava que eu não ia pra igreja” (*Sol*).

No entanto, *Sol* vivencia a relação com o supra-Ser, de forma que (E8Q6D2) a fé imprime a convicção da companhia Divina e do livramento da morte. Escapou das tentativas de assassinato, pelo seu ex-marido. “Mas, era verdade mesmo, realmente ele tava possuído mesmo, que eu olhava nos olhos dele, eu via que o Diabo tava dentro dele. Mas, como eu tenho Deus, ele, ele não pode comigo. Ele tentou me matar umas 5 vezes” (*Sol*).

Plácido revela que (E3Q13D1) o tom de indignação torna complexa a comunicação com Deus. “É uma relação as vezes que eu mesmo tento complicar (sorriso). Não! É, porque assim, tipo: ‘Pô, mas, é... isso aqui não poderia ter sido dessa forma? Por que você o deixou?’ Num tom de revolta. É! Eu chego a conversar” (*Plácido*).

A confiança no Supra-Ser revela intimidade no relacionamento, mesmo nas Discordâncias. O diálogo sincero flui livremente, mesmo em meio as possíveis diferenças. “Poderia ter sido de outra forma, entende?” Aí ele. Ele não fala nada, né? Mas, ele diz assim: ‘Se acalme! Calma! Tenha calma que tudo se resolve!’ Aí, quando é no outro dia eu acordo. Aí, eu digo: ‘E aí, vou pra onde hoje?’ Ele leva você! Ah, eu me sinto muito tranquilo” (*Plácido*). (E3Q13D3) a voz da consciência, no diálogo interno, convence sobre a melhor forma de ação e indica as instruções de Deus tranquilizando o ser.

Plácido dá continuidade ao seu discurso, indicando que (E3Q13D5) assumir as consequências dos acontecimentos pessoais, mediante as suas escolhas, revela a liberdade de ação, independente das circunstâncias e resultados, conforme sua responsabilidade diante do

outro e da situação. “As vezes eu vejo, as vezes eu vejo. Não sei se é por conta da situação, a que eu me encontro entendeu? De... Mas, eu digo pra mim as vezes.” ‘Pô, mas a situação foi eu mesmo que me meti.’ As pessoas lá, que tão numa situação melhor, não têm nada a ver” (Plácido).

A reflexão exercitada por Plácido, relembra que “a liberdade e a responsabilidade são constitutivas da espiritualidade do ser humano” (Frankl, 2016c, p. 170).

O sentimento que Plácido carrega indica que (E3Q13D6) a segurança em Deus é elemento imprescindível na certeza da necessidade atendida. Do contrário, a história se descortina de forma confusa.

É confiança! Porque se você não confiar. É, mesmo que seja aquele mínimo lá de trás... Nem aquilo ali acontece. Nem aquilo ali acontece. E, eu... se a pessoa diz assim: “Eu fui feito por ele!” Mas, você não tem um nível de confiança de que ele é capaz... Entendeu? Então tá... A coisa tá meio complicada, entendeu? É! Confiança total (Plácido).

Na percepção de *Graça*, (E1Q13D1) Deus é o criador e construtor de todas as coisas. Por isso, o ser humano, gerado por ele, pertence a ele. “Cara... ele me formou, né? Eu tô aqui falando com você, num ar que eu não consigo nem ge... Aliás, eu não consigo gerar nada. Tudo quem gera é ele, né? Então, minha vida é dele, né? Minha vida quem gera é ele” (Graça).

Essa compreensão faz com que Graça entenda que (E1Q13D2) Deus sabe que o ser humano não dá o prestígio que ele é digno de receber. Mas, mesmo assim, compreende o ser humano e cuida dele para que ele o perceba.

Por mais que muitas das vezes, eu não dê essa importância toda. Mas, ele me dá! Hum! Que bom, que ele me dá! Posso aí, eu não dá. Eu sei que muitos dá... A maioria das vezes, eu não dou a devida importância que ele merece. Mas, ele olha mesmo assim: “Ela não me dá, mas eu dou”. E faz com que eu perceba, sabe? O melhor de tudo. Ele faz, ainda faz com que eu perceba. A fidelidade dele em cada detalhe (Graça).

Graça ilustra seu pensamento com um testemunho, indicando que (E1Q13D3-4) a fidelidade divina é qualidade manifestada minuciosamente. Aonde há certeza da provisão, não há aborrecimento. A lealdade divina precede o descanso.

Que eu gosto de fazer amizade. Engraxo sapato. As vezes eu tô lá, chega cabra pra engraxar. “Engraxa aí!” Ele tá costurando alguma coisa. Eu vou lá e engraxo geral. E aí, ele disse: “tu almoçou?” Disse: “Rapaz, eu não almocei, não”. Eu disse: “Não se aperrei não! Não se aperrei não, que Deus vai, Deus vai já mandar! Ele não vai me deixar com fome.” [...] Espécie de roupa, semi nova. Ela disse: “Tu já comeu?” Eu disse: “Não irmã. Por que?” Ela disse: “Menina, meu marido comprou uma lasanha, só que ele comprou demais. Eu comi um pedaço, o outro eu não comi não. Tu quer?” “Mande pra cá!” Está vendendo? Porque, porque ele é fiel! (Graça).

Você tem uma religião? Essa questão potencializou a demonstração de intimidade com Deus, por parte de *Inocência*. Sua resposta foi categórica: “Tenho! Eu tenho uma palavra de Deus. Sou serva do Senhor, só isso!” Inocência aponta **em sua prática de espiritualidade**, que (E6Q15D1) a fala Divina revela que a relação estreita com Deus se dá no íntimo do ser, independente do lugar que esteja. Lá há joelho dobrado e oração, porque há intimidade. “Tenho intimidade com Deus. Eu acho que a intimidade é aquilo que a palavra do Senhor diz, entrai na tua, no teu quarto e fecha a porta e fala. Eu falarei contigo! Aí, como eu não tenho, né? (sorrindo) Procuro um pé de árvore e lá eu me ajoelho e oro. Vou falar com Papai do Céu” (Inocência).

Amália indica que não tem uma religião. Para ela, (E10Q14D1) a religião está na crença da existência de um ser Supremo, criador de todo o universo. “Não! Minha religião é Deus.” Ao ser questionada sobre como **pratica essa crença**, Amália respondeu com uma palavra: “Inexplicável!” Para Amália, (E10Q14D1) não tem como explicar a vivência com o supra-Ser.

A resposta de *Lázaro* indica que houve zelo pelo valor religioso em sua educação familiar. “Eu, É... Eu só posso dizer que no momento eu sou católico. Porque a minha mãe, né? Sempre me criou como católico.”

Em sua resposta sobre **sua prática religiosa**, Lázaro expressa que (E5Q15D1) as necessidades não atendidas ou alcançadas em outras instituições religiosas, causaram um sentimento de tristeza e permitiram a aproximação a uma instituição espírita, por conta própria.

Bem, após... depois de todos os meus, as minhas decepções, né? Por não ter conseguido nada. Por não ter conseguido alguém que olhasse pra mim e dissesse: “Cara, vou ter que te ajudar!” Nem, ainda não aconteceu isso. Então eu comecei a, eu comecei a frequentar uma I..., uma ins..., não sei se posso dizer isso, igreja, uma instituição espiritismo, entende? Sozinho, sem ninguém me chamar, sem nada (Lázaro).

(E5Q15D3-4) O sentimento de aceitação pessoal despertou a vontade de um melhor aprofundamento na educação espírita. Pois, há respeito pelo ser humano. Agem sem forçar ou conduzir a pessoa a pensar diferente, ou como eles.

[...] Sou recebido... Sem nenhuma, assim, é como se... da mesma forma que eu entro, que eu entrei aqui nessa sala. Da mesma forma que eu entro em qualquer lugar, numa loja. É a mesma coisa, não existe nenhuma, nenhuma força, entendeu? Sobre você. Não existe nenhum, é, tipo assim, de querer conduzir você a pensar de uma, da forma diferente. Apenas, sintá-se à vontade, né? (Lázaro).

Ao ser questionado se **tem uma religião**, Aldo respondeu prontamente, informando: “Não! Eu vivo, eu vivo a igreja, né? Não tenho uma denominação, entendeu? Sou cristão, entendeu? [...] É... eu fui, estudei teologia em Sapé, para viver a igreja. Então, se vive todas as igrejas, né? Não vivo uma denominação.” Sua **prática de espiritualidade**, se dá no (E7Q15D1) exercício da bondade e da piedade. “Eu não sou, eu não sou uma pessoa maldosa, não sou uma pessoa vingativa, entendeu?” (Aldo).

Evita comparações. Oposições e desrespeitos são confrontados pela orientação da verdade, evitando o autoritarismo.

[...] e não levo em comparação, entendeu? As afrontas, entendeu? A falta de respeito, entendeu? Eu não levo. Escuto, se der pra mim, eu às vezes eu, fala, fala, de verdade, mas com modo assim de, de orientar, disse: “Olha, cuidado!” Não numa forma de eu ser autoritário, eu querer ser melhor, eu que sei [...] mesmo se as pessoas me atingindo, eu tento não fazer maldade. Não fazer o mal, né? Não atingir ou outra coisa assim (Aldo).

A resposta de Graça, **sobre ter uma religião**, indica que ela (E1Q14D1) possui a crença num Deus pessoal, que toma conta de todos.

Tenho!... Cara, não é nem questão de religião... Mas, isso não quer dizer... pra mim não existe religião. Existe um Deus. Um Deus que toma conta de todos nós. Ele é a minha religião. Como já falei aqui, muitas pessoas nem são evangélicas, mas creem em Deus. Mas por meio da ajuda dele. Porque só dele pode vir isso. De mais ninguém (Graça).

(E1Q14D2) O sentido da fé em Deus diminui as transgressões e gera alcance a crença de erradicação da dependência química. “A gente é tudo pecador. Eu sou pecadora. Mas, ainda assim... Eu posso nele. Só nele! Conseguir errar menos, sabe? Beber menos. Até ao ponto de chegar a não beber mais. Usar menos crack. Até o ponto de chegar a não usar mais” (Graça).

Quanto a **prática dessa espiritualidade**, Graça diz que não frequenta, mas (E1Q15D1) quando participa, a sua frequência está na Igreja Evangélica Assembleia de Deus. Mas, é explícita. (E1Q15D2) Deus não resgata placa denominacional. “Mas eu frequento. Quando eu vou assim, procuro mais a Assembleia... Na Assembleia, sabe? Mas, não é A, ou B, ou C. Ah! É a Assembleia que vai subir pros céus. Não, é a Universal. Não! Ele não vem buscar placa” (Graça),

Plácido responde **que tem uma religião**. (E3Q14D1) Originário de família habitualmente católica, se identifica como católico, mesmo sem praticar. “Eu, eu cresci na religião católica, né? É, minha família praticamente é católica. [...] Não! Não, não praticante... É, eu me vejo católico.” Apesar de dizer ser católico não praticante, quando foi

questionado sobre como *praticava sua religiosidade/espiritualidade*, respondeu: “No catolicismo” (Plácido).

Magno se define como *participante da religião* Evangélica. Responde que *na prática de sua religiosidade*, (E9Q15D1) o temor a Deus, principia em sua autoridade e rígida disciplina. “Rapaz, sou muito tremendo aí, né? Muito tremendo a Deus, eu sou, né? Porque a mão dele pesa, né?” (E9Q15D2) O convite realizado pelo irmão da fé, permite a presença na igreja evangélica. “De vez em quando, tem, tem uma lá em baixo. De vez em quando assim, é que o irmãozinho que tem lá, evangélico. Ele me chama” (Magno).

(E9Q15D3) A voz de quem está semelhantemente em situação de rua, soa como um alívio, auxiliando diante das dificuldades. “Ele se encontra também na situação de rua, né? Ele tem me ajudado muito desses dias pra cá. Ele sentava do meu lado assim, me dava uma palavra de conforto” (Magno).

(E9Q15D4) Mesmo diante das forças negativas, em situações extremas, onde se quer finalizar a vida, o exercício da fé no supra-Ser impede o ato suicida. “Eu cheguei, eu cheguei até assim, querer tirar minha própria vida, né? Sema... semana passada agora, né? Mas, me peguei com Deus e... isso é o inimigo. Isso é o... Mas, Deus não deixou não!” (Magno).

No tocante a ideiação suicida, Pontes destaca que um dos

aspectos a ser observado é que em se tratando do desejo de suicídio, é preciso considerar o que se chama de “ambivalência”: desejar a morte ao mesmo tempo em que se deseja ser salvo. Portanto podemos supor que, na maioria das vezes, o grande desejo das pessoas é se livrar da dor e sofrimento, e não necessariamente da vida (Pontes, 2019, p. 37).

Sol, falando *sobre ter uma religião*, (E8Q14D1) percebe-se participante da Igreja Católica Apostólica Romana. No entanto, frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus, aonde pretende ser batizada. “Sou católica! E eu quero me batizar nas águas. E já, o pastor já fez esse convite pra mim.” Sobre *sua prática religiosa*, comenta que (E8Q15D1) a frequência presencial é intercalada com a participação remota, através da televisão. (E8Q15D2) O sentido da fé indica a certeza da presença, mesmo que não seja num templo religioso.

Isso! A Universal. Mas, por enquanto eu tô frequentando em casa mesmo. Assistindo a televisão, fazendo as orações seis horas, né? Aí quando dá, assim de madrugada também, eu vejo pela televisão. Por enquanto, eu tô na televisão. Quando tem um culto, né? Uma, uma reunião eu vou. Eu não falto. Sempre eu vou (Sol).

6.8.3.2 Conhecimento

Na *percepção na relação com Deus*, Aldo entende que (E7Q13D1) a indisciplina denuncia uma relação rebelde e difícil. A desobediência, mesmo diante das oportunidades e dos livramentos de vida, geram vergonha.

Complicado, meu Deus! Deus é tudo, entendeu? As vezes eu tenho até vergonha de pedir as coisas a Deus, sabe? Porque eu sou um filho rebelde. Sou um filho rebelde, cara. Porque Deus me deu tanta oportunidade, até de vida. Que você tá no meio de situações e... e não morrer. Ser livrado certas situações, entendeu? [...] Então, vivo muitos livramentos que Deus já me deu, entendeu? Muitos mesmo (Aldo).

Aldo pensa que (E7Q13D2) na relação com o supra-Ser, o pedido de fé e força, indica o caminho do conhecimento, a ser trilhado. Mesmo que seja guiado através dos sofrimentos. “Eu peço que, assim eu peço que Deus me dê força, entendeu? Deus me dê força, me mostre o caminho, pra eu ir. E eu vou meter os peitos. Mas, abre o caminho, assim, mostra. Vá por aqui. Pode ser espinho, mas eu vou. Mas, se Deus tá, tá mandando, eu ir, eu vou” (Aldo).

Simão (E4Q13D1) se coloca destacando que sua perspectiva Divina sobre o assunto é diferenciada. “[...] Eu tenho uma visão de Deus diferente da maioria, né? Segundo a Bíblia, ela nos dá a entender que nós somos imagem em semelhança de Deus. O problema é que o pessoal não se aceita como um deus. Existe o criador. Você é o deus de você mesmo.” Para ele (E4Q13D4) as disputas humanas visando a defesa de seus pontos de vista e a vitória, denunciam que todo ser humano é deus, pois não abdica de seu soberano trono. Ele declara: “É só você ver um debate. Quem não quer vencer um debate? Então, todo mundo é deus. Porque ninguém quer perder um debate. Deus não quer perder seu trono. Deus não dá seu trono pra ninguém” (Simão).

Ao ser questionado *se tinha uma religião*, Simão respondeu:

Todas as religiões são minha religião. Jesus diz assim: “Quem é meu pai? Aquele que pratica a minha palavra.” Então, toda religião tem a sua, tem um modo de cultuar seus deuses. Então, se tem que ir pra sua religião. Ele tem que respeitar a casa dele. Ele tem que aceitar cultuar o Deus. Você não vai lá (inaudível). Você vai pra conhecer [...] Ali é a crença dele, da maneira dele de ver Deus. Se você for em várias religiões, elas falam de Jesus. Jesus é o nome que excede todos os nomes. Então, portanto, é respeitado em todo lugar (Simão).

Simão entende que (E4Q14D1-2) todas as religiões, com suas características e crenças próprias de veneração e fé aos seus deuses, são válidas e devem ser conhecidas e reverenciadas. A fala de Jesus sobre uma vida de realidade e prática obediente, é o elo entre as religiões, pois seu nome supera todos os nomes e é respeitado em todos os lugares.

No quesito sobre a *prática da religião*, Simão entende (E4Q15D1) que não há uma específica, pois segue o ensinamento de pesquisar, procurar conhecimento sobre o sistema de valores e guardar na memória o que for bom. “É, eu não sou muito. Eu vou lá só para

conhecer os membros, conhecer a filosofia deles. Porque sempre de tudo a gente se aproveita de alguma coisa. A Bíblia diz: ‘Tu... é, leia tudo, mas só retenha o que é bom’” (Simão).

(E4Q15D2-3) Dessa forma, visita terreiros. Usa o conceito de um espaço plano de terra. Por isso, percebe o Terreiros de Candomblé, assim como Igrejas Católicas e Evangélicas, espaços para visitas.

Eu vou nos terreiros. Eu vou! Porque, o que é um terreiro? Um terreiro é um lugar plano. Existe um terreiro no Candomblé, existe um terreiro comercial, existe um terreiro Católico, existe um terreiro Evangélico. Então, o pessoal não tem a noção do que é um terreiro. Leia no dicionário! O que é um terreiro? Um lugar plano que tem terra (Simão).

Sobre **ter uma religião**, Clara entende que (E2Q14D1) a crença está no proprietário do ser. O todo poderoso Deus. Cristo Rei, que era homem e pouco a pouco se tornou o Cristo.

Eu creio no Senhor Jesus Cristo, o Todo Poderoso Deus, e em todos os sentidos, paulatinamente da sua palavra. Jesus, o Cristo... diferenciado. O Cristo, um homem que durante um período viveu como homem, quando recebeu de João Batista o batismo do Espírito Santo, então, ele se tornou o Cristo. Nesse sentido eu creio no Senhor Todo Poderoso Deus, Cristo Rei. Jesus Cristo (Clara).

Na **prática da sua religião/espiritualidade**, Clara tem (E2Q15D21) consciência de que seus ensinamentos vêm da filosofia e que a Bíblia é um livro que precisa ser lido. Do contrário, instala-se um vazio. “Não! Isso me faz mais consciente (sorriso) porque, como meu professor ensinou, a Bíblia, ela é só um livro. E se você não lê, vai ser um vazio, entendeu? Que o que está, a questão todinha da religiosidade é miticismo [...] Não, não! É filosofia” (Clara).

Conforme a crença de Clara, (E2Q15D3-4) Jesus Cristo, com sua mensagem e valores é o elo do entendimento sobre suas regras, entre as pessoas. As regras institucionais não influenciam nessa relação de aprendizagem. “O Senhor Jesus Cristo e os ensinamentos dele. E quando um espírita conversa comigo, ele fala dos ensinamentos, eu consigo compreender e encaixar muito bem, as regras do Senhor Jesus Cristo, sem os rótulos da casa em si” (Clara).

6.8.3.3 Esperança

Clara apresenta uma aversão pessoal no relacionamento com o mundo. Isso denuncia uma *percepção trágica na relação com Deus*. “Ai... terrível! Eu diria que eu odeio o mundo. Só que o mundo foi tudo que Deus criou, né?” O discurso de Clara, deixa escapar que (E2Q13D2) as experiências ruins com a sociedade, resultam em desesperança, revelando obstáculos idealizadores de realização, esclarecendo o motivo da diferença na relação com o

mundo. “Eu não consigo ver o mundo como era antes. Antes, parece que não sei. Eu só sou agora. Eu não tenho mais aquela, aquela esperança de antes. Não dá pra imaginar o que é esperança. Esperar o que? Não dá! Eu não consigo imaginar” (Clara).

6.8.4 Como acontece a percepção sobre a família.

Uma pergunta foi realizada aqui:

- E família, você se sente parte de uma?

Objetiva-se ouvir um pouco sobre o que pensa cada entrevistado, sobre a família, mesmo estando em situação de rua. Classificar esta questão foi a parte mais difícil do trabalho, visto que os laços familiares da maioria, estão quebrados.

6.8.4.1 Confiança

A resposta de *Plácido* em relação a **fazer parte de uma família**, é dedicada ao “Centro Pop. [...] As pessoas são acolhedoras, né? Você precisa das coisas, eles tentam resolver da melhor maneira possível.” A percepção de Plácido sobre (E3!Q16D2) família está no bom acolhimento, no refúgio e nas possibilidades das necessidades pessoais serem atendidas.

Para *Inocência* (E6Q16D1) o sentimento de desagregação filial, impede o reconhecimento da própria família. Sua segurança está na relação com o supra-Ser. (E6Q16D2) Deus é o companheiro de todas as horas. “Não. Meus filhos são casados. Cada um tem seu canto. É Deus e eu e eu e Deus!” (Inocência).

(E6Q16D4-5) O medo do fantasma da vontade de autodestruição incutida na mente, mantém o ser humano longe da família. Apesar do perigo, mesmo que seja desproporcional, a situação de rua supre as necessidades e permite companhia pessoal e distração. Isso já é o suficiente. “Medo de tá dentro de casa. Tentar suicídio de novo e eu, os meus filhos não verem. Só isso. E na rua eu tô conversando, tô me distraindo. Apesar que não é muito proporcional, né? Mas, pra mim é o bastante” (Inocência).

(E6Q16D6-7) A dificuldade é indicada, a partir da família, visto que não há suporte nem cuidado. Faltou afeição amorosa por parte dos pais. Por isso sobrevive em situação

difícil. No deserto, atingida pela falta no amor, no apoio e no cuidado familiar. Segue seu caminho pedindo forças a Deus, visualizando a vitória.

Ah! É difícil. Eu acho que família é aquela que apoia. Entendeu? Aquela que cuida. E, e eu não tenho no caso, entende? Nunca tive amor de pai e mãe, vice? Sobrevivendo, como diz assim, no deserto, no meio dos leões. E pedindo força ao Senhor. E assim um dia até vencer, né? (Inocência).

Sol inicia sua fala explicitando *fazer parte de uma família*. (E8Q16D1-2) Apesar de estar longe, sente-se muito próxima da mãe e da prima. A carência é identificada pela impossibilidade de uma ligação celular pré-pago, que precisa de recarga.

Eu tô sentindo falta da minha mãe, que tá longe [...] Eu queria até ligar pra ela, mas eu tô sem crédito. Então eu preciso botar crédito, ligar pra ela. A minha prima também que é muito próxima de mim, que a irmã dela até morreu, né? Quer falar comigo, mas eu tô sem crédito, não tem como falar com a minha prima (Sol).

Sol mantém contato com os filhos. (E8Q16D3) A interação remota, via internet, permite esse acesso. “Eu vi eles pelo videoconferência. Meu menino: ‘Você tá bem?’ Aí eu falei: ‘Tô bem!’ Aí, aí eu não tava no vídeo não, tava falando assim: ‘Vamo botá no videoconferência.’ Aí me perguntou se eu tô bem. Eu falei: ‘eu tô mesmo doente’.”

Sol falou sobre sua saúde com os filhos. (E8Q16D4) A preocupação dos filhos com os cuidados da saúde materna, emite um tom familiar de preocupação pelo outro. “Tô com problema no útero, né? ‘Vai se cuidar mãe. Tá se cuidando? Como é que a senhora tá?’ Eu falei: ‘Ah! Vô levando!’ ‘Mas, tá comendo, tá bebendo?’ Perguntou, né?” (Sol).

6.8.4.2 Conhecimento

Questionado sobre *fazer parte de uma família*, inicialmente, Simão emite um cunho universal a resposta. “Família, é, nós somos parte da família de Deus.” Estimulado a continuar, revela sobre sua família, que (E4Q16D2) apesar de ter comunicação com os familiares, o conflito é resultado da disputa pelo poder através do conhecimento. A batalha direta é com o pai, senhor de si mesmo, se negando a abdicar de seu trono.

Tenho contato. Só que meu contato é um contato difícil. Porque, é, o meu pai, ele é senhor de si mesmo [...] Como ele tem pouco conhecimento, ele começa a achar que ele sabe mais que você. E até sabe em certo ponto. Mas noutros pontos, por ele não ter entendimento que eu tenho no geral. Então é um conflito. Porque ele diz que ele tá certo. E o que tá certo? Então, qual é a lógica? Evitar o conflito! (Simão).

Simão percebe que (E4Q16D4-6) desempenhar o papel de educador na família é dificultado pela disputa do conhecimento. Juntar a família para instruir é difícil, por todos

objetivarem saber mais que o mestre, formado em Teologia. Diante das disputas, o professor opta pelo encerramento da tentativa.

Porque é difícil trabalhar com família. É difícil reunir. Porque cada um quer saber mais que o outro. É que nem o cabra que nunca leu a Bíblia, quer saber mais do que quem leu. O cabra nunca leu a Bíblia, mas quer saber mais que o cabra que é formado, que é teólogo, que é mestrado. Então é melhor a gente acabar o assunto (Simão).

(E4Q16D7) Há uma decisão pela situação de rua, visto que o pai exige o cumprimento das tarefas do lar. Na rua não existe tais cobranças. A opção pela rua emite uma sensação de liberdade.

Por exemplo, o pai quando tá em casa, ele vai cobrar que chegue junto. E na rua já tem tudo pronto. Ele vai querer ser dono do carro, vai querer né? Humilhar por causa da comida. Aquelas coisas chatinhas, né? Que é normal, porque o pai dele fazia rotineiramente com ele. Então, não é errado. Mas, pra ter um pouco de independência na rua (inaudível) na rua, né? (Simão).

Como visto anteriormente, o ser humano exerce uma liberdade limitada. Não está livre dos condicionamentos da vida. Mas está livre para se posicionar diante deles. A Logoterapia indica que liberdade não é a limitação determinista, muito menos, a expansão humanista. “liberdade é parte da história e metade da verdade. Ser livre é apenas o aspecto negativo do fenômeno completo, no qual o aspecto positivo é ser responsável. A liberdade pode degenerar em mera arbitrariedade, a menos que seja vivida em termos de responsabilidade” (Frankl, 2005, p. 64).

Graça não se sente **parte de uma família**. (E1Q16D-2) As diferenças comportamentais nas experiências vividas, causaram a ruptura familiar, resultando no distanciamento da família. Não há função anterior excludente para mãe, irmã e filho. Mas, as diferenças não podem ser negadas.

Olha! É como eu te falei... família ficou no passado. Minha família é, que ainda tá afastado de mim, é o meu filho... Cara, família pra mim, hoje em dia, eu não tenho mais. Eu não tenho. Não vou dizer. Não existe ex-filho e nem ex... E nem... Pode existir ex-irmão. Sei lá, não sei. Mas, ex-mãe não e... Eu tenho mãe, lógico! Não sou filha de chocadeira... Mas, ela tem as diferenças dela, eu também tenho as minhas, sabe? (Graça).

Graça, em sua experiência familiar, percebeu que (E1Q16D3-4) para ter uma vida sem embates, é necessário abdicar das regalias. A vida boa não confere com os direitos pessoais. “Então, se for pra você viver dentro de casa com conflito. Eu abri mão do luxo. Eu abri mão de viver uma vida boa, porque a maioria desses moradores de rua, a família vive bem... Uma grande maioria vive bem. Como a minha também vive. E eu abri mão de tudo isso” (Graça).

A entrevistada percebe que se decidir por não aceitar os confrontos e sofrimentos que a vida lhe possibilita, diante da família, reserva-lhe a responsabilidade e consequentes resultados.

As experiências familiares de Aldo resultam em percepção de *não ter família*. O entrevistado apresenta (E7Q16D1) destino desconhecido para a família, considerada inexistente. “Não! Meu pai morreu, minha mãe tá com... Mal de Parkinson. Ela tem uma úlcera venosa nas pernas, já não anda [...] Irmãs! Sou o único homem da família. São 4 [...] Ninguém sabe que eu tô aqui” (Aldo).

(E7Q15D2) A sentença patriarcal, em decorrência dos maltratos masculinos sobre ela, quebrou o laço afetivo filial, criando um cenário difícil. “Na realidade a minha história familiar não é muito, assim, muito apego familiar, entendeu? Não teve, não tive muito apego familiar, porque minha mãe sempre condenou os homens da família” (Aldo).

Aldo traz em sua memória (E7Q16D3) a imagem de um pai de mau-caráter, com muitos bens, que fragmentou a família a partir de vários relacionamentos poligâmicos, fora do casamento. “Meu pai foi um cafajeste! Meu pai era, vivia com cinco mulheres. Um homem de posse, né? [...] Era um homem que gostava de mulher, né? Quando minha mãe foi descobrir, ela era a quarta... no relacionamento. Se separou” (Aldo).

(E7Q16D4-6) Parte das consequências da rejeição matrimonial decaiu sobre o único homem da família, sequestrando o direito de ser filho. Isolado do restante da família, composta de mulheres, ficava em seu quarto brincando, enquanto as irmãs estavam com a mãe. O isolamento causado pela rejeição, perpetuou afastamento como um comportamento social comum na vida diária do entrevistado.

E desse relacionamento, desse né? Desses filhos que nasceu, 4 mulheres e eu de homem. Então minha mãe me rejeitou. Então, pra você vê, viver num ambiente feminino. Eu ficava sozinho isolado num quarto com, brincando de carrinho. E minhas irmãs, tudinho junto, brincando de boneca. Então, sempre fui isolado ali. Então, tive sempre essa criação de isolamento, na minha família, entendeu? (Aldo).

6.8.4.3 Esperança

Magno se sente parte de uma família, apesar de sua história. (E9Q16D1-2) A família se faz presente, sustentando percepção de pertencimento, mesmo na ausência. O filho que saiu de casa muito cedo, da situação de risco, passou a ser o único auxiliar confortante nos últimos dias da internação do pai, que já faleceu.

Mãe eu tenho, né? [...] Tenho... tenho oito (irmãos) comigo [...] Pai, eu não tenho não. Pai, ele chegou a falecer. Eu que tava com ele no tempo que ele adoeceu [...] No tempo que ele adoeceu, passei um tempo com ele internado lá no Trauma. Passou 6 meses lá. Eu tava do lado dele. O Único filho, né? Que... foi eu que tava do lado dele lá no... ajudando ele lá, dando banho nele, cortando unha, né? Dando comida a ele lá (Magno).

(E9Q16D4) O celular quebrado é o interruptor que desliga a comunicação entre Magno e a família. “Sim, sim. Eu tenho contato com a minha família, com a minha mãe, com as minhas irmã, com a minha tia. Só que assim, eu não tô tendo agora porque o celular foi quebrado, né? Pronto, aí eu tô sem contato agora. Faz um tempinho, já” (Magno).

(E9Q16D5) Na lembrança dos filhos, roga-se o exercício da bênção paterna, em Deus. “Rapaz, o meu menino, ele tem 4 anos. A minha menina já vai fazer 5, esse, esse mês agora. Vai fazer 5. Assim, rapaz, aqui... hum! Eu peço a Deus que abençoe ele e a menina” (Magno).

Refletir sobre *fazer parte de uma família*, faz com que Lázaro nutra uma esperança. (E5Q16D1) Uma família imaginária foi criada e nela estão inclusos os filhos. Pensa em chegar perto para prestar auxílio.

Minha família hoje... imaginariamente são meus filhos, porque estão muito longe de mim e não têm, eles não têm forças pra, pra me dar nenhum apoio. E eu não, não cobro isso, claro. Porque, por mais que eu esteja procurando me ajudar e ser ajudado, eu quero sempre chegar perto deles. Não para ser ajudado, mas sim pra ajudar eles (Lázaro).

A família prática (E5Q16D2) é composta por pessoas que estejam perto, ajudando e sendo ajudadas, com frequência. “Então, minha família hoje é aqueles que se aparecem pra mim, como pessoas que são (inaudível) da minha convivência, na rua mesmo. Ou até mesmo, dono de loja, que quando eu passo, ele me conhece. Então, minha família são essas pessoas” (Lázaro).

Para Amália é importante *fazer parte de uma família*. (E10Q16D1-2) Os laços sanguíneos nutrem uma saudade que se preocupa, mesmo sendo excluída e não correspondida. Independente dos ataques sentimentais, como o desprezo, a mágoa, a ignorância, imposição e negação, a consciência da ligação sanguínea da mesma estirpe, pode criar um coração generoso.

Eu ligo pra lá, pra ver, como... saber como eles tão. Mas, eles não liga pra mim. Mas, mesmo assim, eles tem raiva de mim. Mas, eu não tenho raiva deles, entendeu? Eu ligo, pergunto como é que tá lá as coisas. Eles dizem que tão bem, mas é naquela ignorância, de, tipo querer desligar o celular, mas tá numa ligação a pulso. Mas, mesmo assim tem hora que bate uma saudade, aí... eu ligo. Porque independente de tudo é sangue, né? (Amália).

Na ausência de seus pais, (E10Q16D3) a companhia conjugal permite cuidado e proteção mútuos. “[...] Eu não tenho família nenhuma aqui, né? Só minha filha e, e meu

marido [...] Eu conheci ele aqui. Quando eu vou dormir, ele fica me olhando. Quando ele do... cochila, eu fico olhando ele” (Amália).

Clara, questionada sobre *fazer parte de uma família*, percebe que (E2Q16D1) o sentimento de perda total, rouba até a possibilidade de pertencer a uma família, perenizando a orfandade, num sentimento de desesperança. “Caramba, não! Me tiraram tudo. Por isso que eu não tenho nada pra família [...] Não me sinto parte de nenhuma família, porque eu não tenho família, né?”

(E2Q16D2-3) Já que o pai não quis aprofundar o relacionamento, evitando conhecimento, ser parte de uma família, seria ter uma mãe. O futuro do pretérito denuncia os sentimentos ocultos de, apesar de ter sua mãe, não a vê como mãe. Algo que gostaria que existisse, mas não foi concretizado. “[...] Então eu sou parte de uma família. E a única família que eu tenho seria minha mãe. Meu pai eu não conheci. Ou ele não, ele não se aprofundou em querer me conhecer” (Clara).

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa desta dissertação surgiu a partir da inquietação do autor, visando melhorias e ampliação ao serviço de cunho sociorreligioso à população em situação de rua. Diante do atendimento e das necessidades dos usuários, notou-se a verbalização comum do uso da fé entre os atendidos. Alguns questionamentos apareceram perante a realidade dos atendimentos. Como logoterapeuta, uma dessas questões continuou acompanhando a curiosidade do pesquisador, que resolveu investigar o fenômeno. É possível a crença na percepção do sentido na vida para a pessoa em situação de rua?

A Logoterapia com seu lastro teórico, foi grande aliada nesta investigação que chega ao fim aqui, possibilitando continuidade de um serviço mais profícuo a uma população que literalmente vive à margem da sociedade. Investigar o comportamento de pessoas em situação de rua, à luz da Logoterapia é algo fascinante. Sentido na vida, liberdade, responsabilidade, valores, ação noética, são auxiliares poderosos na aplicação da abordagem diante de um atendimento que exige conhecimento especializado sobre o tema.

7.1 Objetivos

A questão norteadora acompanhou toda formação do trabalho, desde a curiosidade na montagem do projeto, até este momento. Para viabilizar a resposta, idealizou-se como objetivo geral, a verificação da crença na percepção do sentido na vida, como força desafiadora para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das dificuldades vividas em seu ambiente. Para responder o objetivo geral, foram desenvolvidos alguns outros específicos.

Resgatando o conceito de crença trazido por Krüger (2017, p. 59), expondo que “crença é toda e qualquer afirmativa feita por uma pessoa, originada de sua experiência, que pode ser a da percepção ou da cognição”, apoiado por Durkheim (2008, p. 67), informando que crenças “são sempre comuns a determinada coletividade”, objetivou-se verificar se a fé expressada nos discursos das pessoas atendidas no decorrer das madrugadas nas ruas de João Pessoa, durante todos esses anos, confere com o resultado final da pesquisa.

Bechara (2011, p. 1283) descreve verificar como “investigar, constatar, conferir.” Carvalho (2016), apresentando o programa TIM faz ciência, explica “o que é verificar”, informando que na ciência, “a verificação é uma forma de eu contrapor aquilo que eu creio.

Aquilo que eu penso. O que eu acredito ser verdadeiro, com o real.” Para confrontar a percepção do pesquisador, diante do real, foi criado um instrumento de coleta. Entrevistas foram realizadas pessoalmente, com o auxílio de gravador de voz e um questionário semiestruturado, com perguntas abertas, ouvindo os relatos de vida dos participantes, com liberdade de tempo e expressão, como abordado na análise dos dados.

5 Questões sobre os dados sociodemográficos do entrevistado. 3 perguntas sobre a narrativa de vida dessa pessoa (p. 94), procurando entender a percepção dela, quanto ao enfrentamento das possibilidades postas pela vida, diante de sua situação. 3 perguntas para verificar percepção sobre fé, esperança de um futuro melhor e caso falte, que legado deixar (p. 102-103), possibilitando aguçar a reflexão do entrevistado quanto percepção de sentido, inclusive quanto a visualização de suas realizações. 3 perguntas buscando a percepção relacional com o supra-Ser, assim como, sobre a vivência da fé na atividade religiosa (p. 110). Por fim, 1 pergunta possibilitando a percepção sobre família (p. 118).

Diante dos fatos, serão expostos abaixo, através dos objetivos específicos, os passos idealizados para a obtenção da resposta à questão norteadora e consequente averiguação, Junto ao objetivo geral.

O primeiro objetivo específico foi **verificar percepção do sentido na vida**. Ao falar em sentido na Logoterapia, falamos sobre o sentido do momento. Ou seja, o “sentido concreto, latente na situação com que se confronta uma pessoa concreta. É um sentido em potencial, o que vem a significar que sempre se encontra na expectativa de ser atualizado” (Frankl, 1990c, p. 22).

Isso quer dizer que o sentido pode ser mudado a qualquer momento, conforme os questionamentos que a vida nos coloca. Pode-se encontrar sentido por algo que criamos, através do relacionamento com a natureza em geral, ou com os seres vivos, incluindo o relacionamento interpessoal. Ou no caso da vivência de uma situação inevitável e inalterável, “na qual apenas nos é facultado nosso próprio posicionamento frente a ela e a nós mesmos, de modo tal que, sob o aspecto humano, possamos amadurecer, crescer, ultrapassar-nos” (Frankl, 1990c, p. 23), de forma que a tragédia possa ser transformada em possibilidade de triunfo.

A exposição dos discursos em vários momentos das entrevistas, indicam que este objetivo foi atingido. Pode-se citar aqui as respostas sobre o legado a ser deixado. Filhos, composições musicais e trabalhos missionários de ação social, foram citados. Uma releitura

das entrevistas identifica ação autotranscendente, visto que objetiva olhar para o outro, esquecendo-se de si.

Quanto ao legado, a Logoterapia destaca o que foi constituído pelo ser humano, no decorrer de sua vida. “Sem dúvida, as pessoas tendem a ver somente os campos desnudos da transitoriedade, mas ignoram e esquecem os celeiros repletos do passado, em que mantêm guardada a colheita das suas vidas” (Frankl, 2018, p. 172). Oportunidades de realização de sentido, são armazenadas no passado. Única dimensão que não pode ser alterada. “No passado nada fica irremediavelmente perdido, mas, ao contrário, tudo é irreversivelmente estocado e entesourado” (Frankl, 2018, p. 172).

Mesmo diante de um momento difícil, como a situação de rua, 80% dos entrevistados, conseguiram interagir com a possibilidade de final de vida, deixando algo de bom para a humanidade. “Em outras palavras, o homem é responsável pelo que fizer, por quem amar e por como sofrer. Uma vez que tenha realizado um valor, uma vez que tenha preenchido um sentido, ele o terá feito de uma vez por todas” (Frankl 2011a, p. 96).

Frankl (2011a), citando os sofredores que no final da vida perceberam seus celeiros vazios, relaciona filhos obras artísticas e científicas, como parte dessas potencialidades a serem depositadas para o legado humano. Para esses sofredores “a fé incondicional num sentido incondicional pode transformar esse completo fracasso num triunfo heroico” (Frankl 2011a, p. 193).

Portanto, verifica-se sentido na vida daqueles que citaram filhos, composições musicais e trabalhos missionários de ação social, sempre denotando autotranscendência.

Um outro momento que possibilita essa percepção, está no questionamento sobre projetos futuros. Novamente presentes composições musicais e trabalhos missionários de cunho social. Foram citados também: continuidade da vida acadêmica, evangelizar ou falar do amor de Deus, aquisição de emprego e abertura de firma. Essas manifestações indicam atitudes de olhar futuro, de alvos a serem atingidos.

Frankl (2010, p. 115) relata que os mais inclinados à sobrevivência nos campos de concentração foram os “orientados para o futuro, para um sentido, cuja realização os aguardava no porvir.” Ao contrário, Frankl (2018) explica que os que não conseguiram manter um ponto de apoio num alvo futuro, lançaram-se numa forma de vida retrospectiva vivenciando as memórias do passado. “Quem não consegue mais acreditar no futuro – seu

futuro – está perdido no campo de concentração. No futuro, tal pessoa perde o apoio espiritual, sucumbe interiormente e decai física e psiquicamente” (Frankl, 2018, p. 98).

Vimos que algumas situações vividas nos campos de concentração da Segunda Guerra Mundial, são comuns a vivência nas ruas. Visualizar futuro, diante da situação de rua num presente tão difícil e até doloroso, configura percepção de sentido. Principalmente porque grande parte dos motivos indicam novamente autotranscendência.

Destaca-se aqui o relato de Clara, que ao ser questionada sobre algum projeto para o futuro, mesmo depois de não conseguir visualizar seu legado, com seu jeito peculiar, respondeu sem pensar: “Tenho! Tenho sim. Meu projeto é minha música que Deus me deu. Eu tenho recebido canções musicais. Eu tenho feito elas em letras. Eu acredito que seja a minha missão. Cantar.” O presente Divino possibilitando um novo olhar futuro em direção a uma ação missionária.

Sendo para o presente ou para o futuro, percebe-se que legado ou continuidade de vida estão muito próximos da autotranscendência, num visível exercício de autodistanciamento, por alguns deles, como o exemplo de Graça, gesticulando e quase vivenciando, numa espécie de transporte para o cenário futuro, quando visualiza o momento em que seu filho conceberá um interesse de descoberta de sua verdadeira mãe.

As atitudes registradas corroboram com o que é percebido nos atendimentos do trabalho sociorreligioso exercido pelo pesquisador, principalmente à noite. É comum testemunhar a preocupação com o outro, procurando pegar comida, café ou suco para a pessoa que se encontra dormindo, ou impossibilitada de caminhar até o veículo com o alimento.

Verifica-se que autotranscendência e autodistanciamento, seja no presente, ou visualizando futuro, são atitudes que indicam sentido na vida. Frankl (2018, p. 135) declara: “Chamei esta característica constitutiva de a autotranscendência da existência humana. Ela denota o fato de que ser humano sempre aponta e se dirige para algo ou alguém diferente de si mesmo – seja um sentido a realizar ou outro ser humano a encontrar.” Ao preferenciar o outro, o ser humano distancia-se de si, se compreendendo no outro. Sobre isso, Frankl (2018) conclui que a autorrealização acontece como “efeito colateral” da autotranscendência.

O segundo objetivo específico foi **pesquisar probabilidades de ação da fé**, frente aos problemas, como facilitadora de enfrentamento dos mesmos. Também percebe-se esse objetivo alcançado, visto que em vários momentos das entrevistas aparece a confiança no sentido ou no supra-Sentido, nesse caso, Deus. Em resposta a pergunta sobre como enfrentar

os problemas colocados pela vida, conhecimento, trabalho e esperança apareceram como crença no sentido. Deus na frente, Deus providencia, Deus protege e vivência no sobrenatural, são citados como crença no supra-Sentido.

Certa vez, questionaram Frankl (2016b) sobre suicídio e falta de sentido. Dentre os questionamentos sobre o assunto, perguntaram se havia “relação entre a falta de fé e a sensação ausência de sentido.” Recapitulando, Frankl respondeu que teria “de responder de forma extremamente sumária, infelizmente. Em primeiro lugar, é necessário reconhecer que são muito estreitas as relações entre fé e sentido” (Frankl, 2016b, p.79).

O sentido é indicado pelos valores que atraem o ser humano. Poderíamos dizer que as riquezas do ser estão aonde apontam seu coração. Conhecimento, trabalho e a esperança de conseguir algo, são valores que indicam o sentido. A fidelidade ao sentido indicado no momento, continua motivando àqueles que, para grande parte da população brasileira, vivem sem sentido.

Da mesma forma, esse coração pode indicar uma firme fé no supra-Sentido, relembrando as palavras de Frankl (2018), afirmando que o solo firme da fé religiosa baseia o efeito terapêutico da confiança espiritual. Não precisa ter uma fé confessional para ter a certeza que Deus, o supra-Ser, vai na frente, protegendo ou providenciando. A vivência sobrenatural é a prova prática dessa fé.

Outro indicativo está na questão se há crença que as coisas vão melhorar. Somente duas pessoas disseram não. Ou seja, 80% dos entrevistados visualizaram uma melhor perspectiva de vida para o futuro. Além disso, esperança e conhecimento aparecem novamente, como possibilidades de melhora. Duas pessoas indicaram que já melhorou. A fé em Deus aparece em quase todas as respostas positivas.

Comentando sobre fé em Deus e prática religiosa, Frankl se posiciona, dizendo que:

Afinal não posso querer crer – assim como também não posso querer amar, isto é, forçar-me a amar, da mesma maneira como também não me posso forçar a ter esperança, quando tudo evidencia o contrário. Afinal, existem certas coisas que não se podem querer que, portanto, também não se consegue querendo ou ordenando (Frankl, 2007, p. 78).

Da mesma forma que o amor e a fé, a esperança não é passível de manipulação. Acrescenta-se aqui, o conhecimento. Uma pessoa pode ser forçada e estar num banco de escola, ou a ler materiais em busca de aprendizagem. No entanto, ninguém pode forçá-la a aprender ou conhecer sobre o material explorado.

Esperança e conhecimento são indicativos de um futuro melhor para a maioria dos entrevistados. Verifica-se que houve percepção de sentido na vida para essas pessoas.

O **terceiro e último objetivo aponta para o futuro**. Os resultados da pesquisa indicam possibilidades de continuidade das ações, junto a população em situação de rua, fomentando o objetivo derradeiro, que é acrescentar às instituições públicas e/ou privadas, diante dos resultados, a viabilidade de facilitação da continuidade deste trabalho, através de assessoria ou parceria, no auxílio a ajuda humanitária a esta população.

Alguns contatos já foram realizados no decorrer dos trabalhos, recebendo probabilidades positivas. A questão número 10 do instrumento de pesquisa abre possibilidades de trabalho em parceria com o Centro Pop I, já contatado. Foi perguntado o que o usuário/entrevistado espera do atendimento do Centro Pop. Objetiva-se trabalho voluntário, contribuindo com a melhoria do atendimento. A posse dos registros das entrevistas motiva oportunidade de atendimento aos entrevistados, como um espaço de escuta, facilitando o progresso de suas possibilidades de sentido e auxiliando na abertura do campo perceptual, daqueles que aceitarem o serviço.

Desde o ano 2006 alimenta-se um sonho que será realizado a partir deste trabalho. Será criado um Núcleo de Estudo e Apoio a População em Situação de Rua, objetivando reforço ao trabalho sociorreligioso institucional, motivo de origem desta investigação.

Já como primeiro passo do Núcleo, objetiva-se transformar esta dissertação em artigo científico, propiciando a comunidade científica o acesso aos resultados, viabilizando alargamento do tema exposto.

Visto que 50% da amostra se concentra no ensino fundamental, completo ou incompleto, considera-se o Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na Educação de Jovens e Adultos. Política pública do Ministério da Educação – MEC (Brasil, 2024), cujas finalidades são: “superar o analfabetismo; elevar a escolaridade; ampliar a oferta de matrículas da educação de jovens e adultos (EJA) nos sistemas públicos de ensino, inclusive entre os estudantes privados de liberdade.”

As finalidades idealizam “aumentar a oferta da EJA integrada à educação profissional”, num trabalho em parceria com a Sociedade Civil Organizada e Órgãos Governamentais. Em decorrência dos resultados da pesquisa, propõe-se disponibilização das instalações da instituição religiosa, fundadora do Projeto Esperança na Rua, citado

anteriormente, inclusive, salas de aula, para instalação de turmas para ensino de jovens e adultos, para a população em situação de Rua.

7.2 Estratégias de enfrentamento

Retomando essa temática, os resultados da pesquisa revelaram as Unidades de Significado, Confiança, Conhecimento e Esperança, também chamadas aqui de 3 Aspectos da Fé, como força desafiadora do sentido na vida. Estratégias para enfrentamento das dificuldades para a população em situação de rua, decorrentes da redução fenomenológica. Elas têm uma grande importância no desvelamento dos resultados obtidos e acompanharão trabalhos futuros, auxiliando ampliação de percepções sobre o sujeito da pesquisa.

A Enciclopédia Barsa (2002, p. 99), define estratégia como uma arte militar, cujo termo etimologicamente deriva do “grego *stratégós*, ‘general’, ‘chefe’, composto de *stratós*, ‘exército’, e *ágein*, ‘conduzir’”, referindo-se “à ‘arte do general’ que com seus ‘estratagemas’ enganava o inimigo, deslocando e dispendo suas forças em novos pontos.” Anastasiou e Alves (2004, p. 75-76), definem estratégia, como “a arte de aplicar ou explorar os meios e condições favoráveis e disponíveis, com vista à consecução de objetivos específicos.”

Estes autores, falando sobre a função do professor, citam que este profissional deve ser “um verdadeiro estrategista, o que justifica a adoção do termo estratégia, no sentido de estudar, selecionar, organizar e propor melhores ferramentas facilitadoras” (Anastasiou; Alves, 2004, p. 76), para a condução do objetivo final.

Durante as entrevistas, percebeu-se em vários momentos, o uso dos 3 aspectos da fé, como formas de procedimentos para o enfrentamento de situações difíceis em situação de rua. Lembrando que para a Logoterapia, fé tanto pode ser no supra-Ser, quanto no sentido. Uma releitura da análise dos dados, indica essas atitudes. Relembraremos algumas delas, para exemplificar estratégias e aspectos.

Graça, referenciando o estupro e consequente gestação, diante da esperança da cura emocional, marca estrategicamente que (E1Q6D3) olhar a vida através das experiências violentas, impede a maturidade vital. Por isso verbaliza: “Se eu for encarar a vida tudo como um trauma, não vou viver, sabe?” Por isso, resolve diligentemente deixar as lembranças ruins para trás e internalizar as coisas boas. “Foi traumático? Foi! Mas, não posso deixar que esse trauma me consuma o restinho da minha vida” (Graça).

Simão, questionado sobre como enfrentava os problemas propostos pela vida, responde que busca conhecimento. Gerencia os pensamentos. Estrategicamente tira o máximo proveito do que aprendeu, tentando não copiar o passado e administrando o que fala. Na fala de Simão “a gente se adapta as coisas. Coisa boa ou ruim. Mas, se nós gostamos de nós, a gente vai se adaptar só as coisas boas.”

A revisão da entrevista de Inocência desvela sua confiança e intimidade com seu supra-Ser. Sua relação estreita com Deus se dá no íntimo do quarto fechado mesmo sem um teto para lhe proteger. Para estar sozinha com ele, usa a estratégia da oração durante a aurora. “Só nas madrugadas. Que eu gosto de orar nas madrugadas” (Inocência). Mesmo sem ter porta para fechar, busca o íntimo, achando “um pé de árvore” e ali se ajoelha para “falar com Papai do céu” (Inocência).

Lázaro demonstra que (E5Q7D5) o senso de utilidade daquele que sofre, desperta ação de auxílio para com os mais necessitados e em condição insuficiente. “Eu só gosto de ajudar a todos que estão nessa situação, entende? Isso me traria é, um sentimento de ser útil, né?” (Lázaro). Em seu discurso (E5Q8D1) a igualdade nivelada e o reconhecimento da experiência alheia são estratégias de enfrentamento das dificuldades diárias: “Eu enfrento assim, me igualando aos pessoais que estão na rua, sabe? Eu não procuro ser mais inteligente do que eles [...] É, eu procuro não fazer parte do problema, né? Eu procuro apenas amenizar” (Lázaro).

A arte do enfrentamento dos problemas propostos pela vida diariamente, conduzindo atitudes de condições favoráveis, selecionadas e organizadas para a resolução desses problemas, através da fé, aqui revelada pelos seus aspectos, Confiança, Conhecimento e Esperança, fazem de nossos entrevistados verdadeiros estrategistas, construindo percepção do sentido na vida.

7.3 Limitações e dificuldades

Algumas limitações foram encontradas, assim como em toda pesquisa acadêmica. Como citado no Estado da Arte, houve dificuldade na pesquisa bibliográfica, por ser escasso o material que aborda o tema fé não restringido ao âmbito religioso. A suspeita da generalização entre o religioso e o espiritual, afirma-se aqui também. Os entrevistados, em sua maioria, apresentaram um vínculo entre fé e religiosidade, exigindo maior esforço por parte do pesquisador sobre o tema em destaque.

Apesar da boa recepção de todos os colaboradores do Cento Pop I, a partir de sua coordenadora, que abriram as portas e deixaram o pesquisador com toda a liberdade necessária para o exercício da pesquisa, o equipamento dificultou o trabalho, visto que, a sala cedida possuía uma porta com defeito, sem possibilidade de fechamento. O que acarretou algumas rápidas interrupções nas entrevistas, prontamente resolvidas pelos funcionários, para que o trabalho fosse exercido com melhores possibilidades.

Como exposto, a pessoa em situação de rua é afetada por diversas variáveis. Diante de alguns problemas, é comum a presença de transtornos mentais, dificultando a comunicação. Dentre eles destacam-se a dependência química e o transtorno bipolar. Em relação aos entrevistados, uma pessoa se identificou portadora de Esquizofrenia. Outro participante apresentou discursos de grandeza. Portanto, alguns discursos são afetados, exigindo um maior empenho da parte do entrevistador. No entanto, sua experiência contribuiu para deixar o espaço de trabalho mais tranquilo, facilitando a boa participação de todos.

Destaca-se, como já foi dito no corpo do trabalho, que nesses momentos, seguindo diretrizes da Logoterapia, optou-se por priorizar a dimensão noética, por ser a dimensão sadia da pessoa. Mesmo percebendo o discurso afetado pelo transtorno, diante do caráter fenomenológico da pesquisa, procurou-se o que estava na mensagem essencial do discurso.

Registra-se que não houve alterações em decorrência de dependência química, visto que, para ter acesso as dependências do Centro Pop, é preciso abstinência comprovada visualmente.

Entrando num campo geralmente polêmico, que é a interferência do pesquisador como ser humano que realiza pesquisa científica, honestamente, houve um cuidado especial por parte deste, visto ser ministro religioso de instituição religiosa evangélica. O objetivo é oferecer um trabalho que não constranja o usuário, como se estivesse trocando benesses por Evangelho. Identificando o significado profundo de Evangelho, como Boas Novas, objetiva-se servir por amor, testemunhando este amor em ação, propiciando melhora de vida para o usuário.

Por isso, o pesquisador primou por um esforço maior no sentido de apresentar um rigor científico, principalmente por, além de ser representante de Ciências das Religiões, também agir no momento como um psicólogo no exercício da pesquisa científica. Por estes motivos, empenhou-se para não interferir no discurso dos participantes da pesquisa, atendendo, ouvindo, transcrevendo e analisando, exatamente como foi falado e expressado.

Novamente ressalta-se a importância da Logoterapia como facilitadora neste processo, respeitando o humano na inteireza do seu ser.

Apesar das limitações e dificuldades encontradas, não houve comprometimento na execução da pesquisa, mantendo a relevância do estudo e o valor acadêmico do mesmo. Diante de tudo isso, justifica-se a importância desta pesquisa para norteamento de trabalhos futuros, como citado anteriormente, nos âmbitos das ciências das religiões, da teologia, educação, psicologia, assistência social, saúde e políticas públicas, incluindo ajuda as instituições públicas e/ou privadas, que atendem a população em situação de rua, diariamente. São elas que se desgastam para o benefício de uma população que sofre estigmas diversos.

Os resultados sugerem novas possibilidades de trabalho, como desenvolver investigações sobre probabilidades de motivações dos conflitos familiares, visto que, quase todos os sujeitos da pesquisa, estão em situação de rua por este motivo. Além disso, os 3 Aspectos da Fé poderiam ser ponto de partida para o desenvolvimento de uma escala valorativa, diante das perspectivas da Logoterapia. Seria um instrumento útil não somente para pessoas em situação de risco, podendo ampliar para outros tipos de população, incluindo o ambiente religioso.

Possibilita-se ainda, para estudos futuros a concepção da desvinculação optativa de espiritualidade e religião, como ação facilitadora no desvelamento do ser humano. A Logoterapia, com seu olhar único e diferenciado sobre a personalidade humana, possui vasto material, favorecendo investigações que aprofundem o tema da dimensão noética, a essência humana. Esta atitude contribuirá com o aprofundamento sobre a motivação humana no exercício da religião, independente do viés religioso.

7.4 Resposta à questão norteadora e ao objetivo geral

Enfim, considerando os resultados expostos na pesquisa, é possível a crença na percepção do sentido na vida para a pessoa em situação de rua? Sim! É possível a pessoa estar em situação de rua e ainda assim, vislumbrar um sentido na vida. A presença de 3 aspectos da fé, usados para auxiliar a população em situação de rua, no enfrentamento as suas dificuldades diárias: Confiança, Conhecimento e Esperança, propiciam possibilidades de um olhar positivo para o futuro, visualizando sentido e consequente melhora de vida.

Com isso, diante da exposição dos objetivos específicos e da resposta a questão norteadora, pôde-se verificar o objetivo geral e afirmar, constatar que é possível a crença na percepção do sentido na vida, como força desafiadora para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das dificuldades vividas em seu ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLES BELO, Angela. **Edmund Husserl: pensar Deus, crer em Deus**. Tradução de Aparecida Turolo Garcia e Márcio Luiz Fernandes. São Paulo: Paulus, 2016.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate (Org.). **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 3. reimp. Joinville, SC: Univille, 2004.

ANTONIAZZI, Adriane Scomazzon; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco; BANDEIRA, Denise Ruschel. **O conceito de coping**: uma revisão teórica. Estudos de Psicologia. vol. 3, núm. 2, jul-dez, 1998, p. 273-294. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/XkCyNCL7HjHTHgtWMS8ndhL/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jun. 2024.

AQUINO, Thiago A. Avellar de. **Logoterapia e análise existencial**: uma introdução ao pensamento de Viktor Frankl. São Paulo: Paulus, 2013.

BATTYÁNY, Alexander; LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia e Análise existencial**: uma análise histórica e as perspectivas para o futuro. Tradução de Helga Hinkenickel Reinhold. São José dos Campos, SP: Editora Busca Sentido, 2022.

BECHARA, Evanildo C. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**: língua portuguesa. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Fenomenologia**: confrontos e avanços. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.). **Pesquisa Qualitativa**: segundo a visão fenomenológica. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

BOCAYUVA, Izabela. **Permênides e Heráclito**: diferença e sintonia. In *Kriterion: Revista de Filosofia*, Belo Horizonte, nº 122, Dez./2010, p. 399-412. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/kr/a/rWZNkL8X75xp6pFpQR8MWHN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 nov. 2022.

BRASIL. Congresso Nacional. Câmara dos Deputados. Comissão de Legislação Participativa. **Brasil é o país que mais mata população LGBTQIA+**. Reportagem 24 mai. 2022. Texto: Gilson Dobbin/CLP. Disponível em: [https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema#:~:text=Gilson%20Dobbin%2FCLP-,A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Legisla%C3%A7%C3%A3o%20Participativa%20aprovou%2C%20nesta%20ter%C3%A7a%20\(24\),n%C3%Bamero%20de%20assassinatos%20dessa%20popula%C3%A7%C3%A3o..](https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/clp/noticias/brasil-e-o-pais-que-mais-mata-populacao-lgbtqia-clp-aprova-seminario-sobre-o-tema#:~:text=Gilson%20Dobbin%2FCLP-,A%20Comiss%C3%A3o%20de%20Legisla%C3%A7%C3%A3o%20Participativa%20aprovou%2C%20nesta%20ter%C3%A7a%20(24),n%C3%Bamero%20de%20assassinatos%20dessa%20popula%C3%A7%C3%A3o..) Acesso em: 12 dez. 2023.

_____. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Disponível em:

<https://referenciabibliografica.net/a/pt-br/example/index/abnt/constitution>. Acesso em: 5 jan. 2024.

_____. **Decreto nº 528, de 28 de Junho de 1890**. Regularisa o serviço da introdução e localisação de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brazil. Câmara dos Deputados. Brasília, DF: Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html#:~:text=Regularisa%20o%20servi%C3%A7o%20da%20introduc%C3%A7%C3%A3o,dos%20Estados%20Unidos%20do%20Brazil>. Acesso em: 5 jan. 2024.

_____. **Decreto Nº 9.894, de 27 de junho de 2019**. Dispõe sobre o Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento da Política Nacional para a População em Situação de Rua. Presidência da República. Secretaria Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2019/Decreto/D9894.htm#art9. Acesso em: 6 jan. 2024.

_____. **Decreto Nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 7 dez. 2022.

_____. **Decreto Nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009**. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7053.htm. Acesso em: 7 dez. 2022.

_____. **Decreto Lei Nº 3688, de 3 de outubro de 1941**. Lei das Contravenções Penais. residência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del3688.htm. Acesso em: 5 jan. 2024.

_____. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea**: texto para discussão. Estimativa da população de rua no Brasil. Especialista responsável: Marco Antonio Carvalho Natalino. Rio de Janeiro: Ipea, 2016. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7289/1/td_2246.pdf. Acesso em: 7 jan. 2024.

_____. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea**: nota técnica nº 73. Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2002 a março de 2020). Especialista responsável: Marco Antonio Carvalho Natalino. Rio de Janeiro: Ipea, 2020. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/200612_nt_disoc_n_73.pdf. Acesso em: 7 jan. 2024.

_____. **Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea:** publicação expressa. A população em situação de rua nos números do Cadastro Único. Especialista responsável: Marco Antonio Carvalho Natalino. Brasília, DF: Ipea, 2023. https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/12642/4/Publicacao_expressa_TD_2944_A_p_opulacao_em_situacao_de_rua.pdf. Acesso em: 7 jan. 2024.

_____. **Lei de 16 de dezembro de 1930.** Manda executar o Código Criminal do Imperador. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 5 jan. 2024.

_____. **Lei Nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993.** Dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8742.htm. Acesso em: 8 nov. 2022.

_____. **Lei Nº 11983, de 16 de julho de 2009.** Revoga o art. 60 do Decreto-Lei nº 3.688, de 3 de outubro de 1941 - Lei de Contravenções Penais. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Brasília, DF: Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11983.htm. Acesso em: 5 jan. 2024.

_____. Ministério da Educação. **Pacto Nacional pela Superação do Analfabetismo e Qualificação na Educação de Jovens e Adultos.** Brasília, DF: 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/pacto-eja>. Acesso em: 21 jul. 2024.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Rua:** aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre a População em Situação de Rua. Brasília, DF: Secretaria de Avaliação e Gestão da Informação. Secretaria Nacional de Assistência Social, 2009. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/Livros/Rua_aprendendo_a_contar.pdf. Acesso em: 6 jan. 2024.

_____. Ministério do Desenvolvimento e Assistência Social, Família e Combate à Fome. **Senso SUAS 2011:** CRAS, CREAS, Gestão Municipal, Gestão Estadual, Conselhos Municipais, Conselhos Estaduais, Rede Privada e Centor Pop. Brasília, DF: 2011. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirmeps/ferramentas/nucleo/Desen/pop.html>. Acesso em: 22 jan. 2024.

_____. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **O Brasil sem miséria.** Organizadores: Tereza Campello, Tiago Falcão, Patricia Vieira da Costa. Coordenação intersectorial das ações do plano Brasil sem miséria. Brasília, DF: MDS, 2014. Disponível em: https://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/brasil_sem_miseria/livro_o_brasil_sem_miseria/artigo_4.pdf. Acesso em: 7 dez. 2022.

_____. Política nacional para inclusão social da população em situação de rua. Governo Federal. Brasília, DF: Disponível em: https://www.justica.pr.gov.br/sites/default/arquivos_restritos/files/documento/2019-08/pol.nacional-morad.rua_.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

_____. **Resolução Nº 466, de 12 de janeiro de 2012.** Aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Conselho Nacional de Saúde. Ministério da Saúde. Brasília, DF: Disponível em: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2024.

_____. Superior Tribunal Federal. **Medida cautelar na arguição de descumprimento de preceito fundamental, 976.** Brasília, DF: Superior Tribunal Federal, [2023]. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/noticiaNoticiaStf/anexo/ADPF976MC1.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza.** Revisão de Newton T. L. Sodré e Júlio D. Gaspar. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

BRITO, Giuliane Carolina Bossle de. **O sentido da vida em sujeitos dependentes químicos em situação de rua.** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia. Universidade Caxias do Sul. Caxias do Sul, RS. 53 f. 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/6422/TCC%20Giuliane%20Carolina%20Bossle%20de%20Brito.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 14 jan. 2024.

BVS - Biblioteca Virtual em Saúde. **Página Localizar descritor de assunto.** Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/decs-locator/?lang=pt>. Acesso em: 03 jul. 2024.

CAMPOS, Livia dos Santos; CUNHA, Luane Seixas Pereira. A busca pelo sentido da vida: um estudo logoterapêutico com pessoas em situação de rua. **Revista Logos & Existência.** V.5, n.2, p. 175-190, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/le/article/view/28841/16845>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CAPES – Periódicos. **Conteúdo gratuito do Portal de Periódicos da CAPES.** Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br>. Acesso em: 04 jul. 2024.

CASTRO, Luisa Zucheratto; ANDRADE, Maristela Costa de; CHERNICHARO, Rafael Loureiro. A população em situação de rua e a busca pelo sentido da vida: uma questão de sobrevivência. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 3, n. 6, jul./dez., p. 223-235, 2018 – ISSN2448-0738. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/16001/13619>. Acesso em 14 jan. 2024.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: as escolas helenísticas**, volume II. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

CHIANCA, Victória. **João Pessoa e suas pessoas: crônicas.** Editoração eletrônica de Gessé Sousa. João Pessoa: Rigrafic Editora, 2001.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução Nº 7, de 6 de abril de 2023.** Estabelece normas para o exercício profissional em relação ao caráter laico da prática psicológica. Disponível em: <https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio->

profissional-n-7-2023-estabelece-normas-para-o-exercicio-profissional-em-relacao-ao-carater-laico-da-pratica-psicologica?origin=instituicao<https://atosoficiais.com.br/cfp/resolucao-do-exercicio-profissional-n-7-2023-estabelece-normas-para-o-exercicio-profissional-em-relacao-ao-carater-laico-da-pratica-psicologica?origin=instituicao>. Acesso em: 19 out. 2023.

COPE, Landa. **Template do Antigo Testamento**: redescobrimos princípios de Deus para discipular nações. Tradução de Andréa Aparício Ribeiro. 5. ed. São Paulo: Editora Quatro Ventos, 2021.

COSTA JÚNIOR, João Batista da. **Histórias de vida de pessoas em situação de rua em Natal/RN**: fotografias do trabalho de construção identitária individual. Tese de Doutorado. Em Letras. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal. 210 f. 2016. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/21409/1/JoaoBatistaDaCostaJunior_TESE.pdf. Acesso em: 14 jan. 2024.

COUTINHO, André Felipe Jales; ARRAES, Ana Karenina de Melo; NOBRE, Maria Teresa. As ruas e provocações à transcendência: espiritualidade na produção imanente de comuns. **Revista Psicologia Política**, vol. 22. n. 54. p. 330-349, 2022 – Versão On-line ISSN 2175-1390. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpp/v22n54/v22n54a04.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2024.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre cinco abordagens. Tradução de Sandra Mallmann da Rosa; revisão técnica de Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CUNDA, Mateus F. **Me chamam rua, população, uma situação**: os nomes da rua e as políticas da cidade. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822020000100207. Acesso em: 5 jan. 2024.

DE SOUZA, João P.B; MARANHÃO, Thércia L.G.; DE CARVALHO, Maria G.; RODRIGUES, Katissa, G.F.C. **Espiritualidade Enquanto Estratégia Subjetiva em Busca de Sentido para a Vida**. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/1010/1449>. Acesso em: 15 out. 2022.

DOLTO, Françoise; SÉVÉRIN, Gérard. **A fé à luz da psicanálise**. Tradução de Marisa Rossetto. Campinas, SP: Verus, 2010.

DOUGLAS, J. D. O Novo dicionário da Bíblia. Tradução de João Bentes. 3. ed. São Paulo: Edições Vida Nova, 2006.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa**. o sistema totêmico na Austrália. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

EDUCAÇÃO MATEMÁTICA UNESP – Rio Claro. SMEM – 25/10/2022 – Profa. Dra. Maria Aparecida Viggini Bicudo e Prof. Dr. Roger Miarka. YouTube, 3 de novembro de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7xzSWGOWJbg>. Acesso em: 13 jul. 2024.

ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano: a essência das religiões. Tradução de Rogério Fernandes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ESCARIÃO, Glória das Neves Dutra; GALIZA, Cínthia Jaqueline R. Bezerra; PINHEIRO, Flawbert Farias Guedes; SILVA, Wendell (Org.). **Globalização, diversidade e religiosidade: II Volume**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2013.

FABRY, Joseph B. **A busca do significado**. Tradução da Equipe ECE. Revisão de Luiz Augusto Mesquita. São Paulo: ECE, 1984.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas “Estado da Arte”. **Educação & Sociedade**, V. 23, no. 79, Ago/2002. Versão on-line ISSN: 1678-4626. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/vPsyhSBW4xJT48FfrdCtqfp/?format=pdf&lang=pt..> Acesso em: 04 jul. 2024.

FIZZOTTI, Eugenio. **Psicologia e maturidade na vida consagrada**. Tradução de José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2014.

FORGHIERI, Yolanda C. **Psicologia Fenomenológica: fundamentos, método e pesquisa**. São Paulo: Cenage Learning, 2022.

FRANKL, Viktor E. **Psicoterapia para todos: uma psicoterapia coletiva para contrapor-se à neurose coletiva**. Tradução de Antônio Estevão Allgayer; revisão técnica de Helga Hinkenic Reinhold. Petrópolis: Vozes, 1990a.

_____. **A questão do sentido para a psicoterapia**. Tradução de Jorge Mitre. Campinas, SP: Papirus, 1990b.

_____. **Dar sentido à vida: a logoterapia de Viktor Frankl**. Prefácio de Irmgard Karwatzki; Tradução de Antônio Estevão Allgayer; Revisão técnica de Helga Hinkenickel Reinhold. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes; São Leopoldo, RS: Sinodal, 1990c.

_____. **La presencia ignorada de Dios: psicoterapia y religión**. Version Castellana de J. M. Lopez de Castro. 8. ed. Barcelona (España): Editorial Herder, 1991a.

_____. **A psicoterapia na prática**. Tradução de Cláudia M. Caon. Campinas, SP: Papirus, 1991b.

_____. **Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo**. Tradução de Victor Hugo Silveira Lapenta. 11. ed. 23. imp. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.

_____. **A presença ignorada de Deus**. Tradução de Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 10. ed. rev. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **O que não está escrito nos meus livros: memórias**. São Paulo: É Realização, 2010.

_____. **A vontade de sentido.** Fundamentos e aplicações da logoterapia. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus, 2011a.

_____. **La voluntad de sentido:** conferencias escogidas sobre logoterapia. Barcelona/Espanha: Herder Editorial, 2011b.

_____. **Logoterapia e análise existencial:** textos de seis décadas. Tradução de Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **O sofrimento de uma vida sem sentido:** caminhos para encontrar a razão de viver. Tradução de Karleno Bocarro. São Paulo: É Realização, 2015.

_____. **Psicoterapia e sentido da vida:** fundamentos da logoterapia e análise existencial. Tradução de Alípio Maia de Castro. 6. ed. São Paulo: Quadrante Editora, 2016a.

_____. **Sede de sentido.** Introdução, tradução e notas de Henrique Elfes. 5. ed. São Paulo: Quadrante Editora, 2016b.

_____. **Teoria e terapia das neuroses.** Introdução à logoterapia e análise existencial. Tradução de Claudia Abeling. São Paulo: É Realizações, 2016c.

_____. **Em busca de sentido:** um psicólogo no campo de concentração. Tradução de Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 43. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2018.

_____. **Sufrimento humano:** fundamentos antropológicos da psicoterapia. Tradução de Renato Bittencourt, Karleno Bocarro. São Paulo: É Realizações, 2019.

_____. **Psicoterapia e existencialismo:** textos selecionados em logoterapia. Tradução de Ivo Studart Pereira; Revisão técnica de Heloisa Reis Marino. São Paulo: É Realizações, 2020.

_____. **Chegará o dia em que serás livre:** cartas, textos e discursos inéditos. Tradução de Karleno Bocarro. São Paulo: Quadrante Editora, 2021a.

_____. **A falta de sentido:** um desafio para a psicoterapia e a filosofia. Tradução de Bruno Alexander; edição e introdução de Alexander Batthyány. Capinas, SP: Editora Auster, 2021b.

FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. **A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido:** um diálogo. Tradução de Márcia Neumann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FREITAS, Marina L.S. **Afrontamento e Superação de Crises:** contribuições da Logoterapia. 1. ed. Ribeirão Preto: IECVF, 2013.

_____. **Pedagogia do sentido:** contribuições de Viktor Frankl para a educação. Ribeirão Preto: IECVF, 2017.

FUNDAÇÃO OSVALDO CRUZ. **Ética em Pesquisa:** envolvendo seres humanos. Disponível Em: <https://portal.fiocruz.br/envolvendo-seres-humanos>. Acesso em: 5 mai. 2021.

G1 Portal de Notícias. **Morador de rua é aprovado em concurso público e assume cargo na prefeitura de Taubaté.** Reportagem 3 nov. 2022. Texto: g1 Vale do Paraíba e Região. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2022/11/03/morador-de-rua-e-aprovado-em-concurso-publico-e-assume-cargo-na-prefeitura-de-taubate.ghtml>. Acesso em: 2 nov. 2023.

GALVANI, D. **Circuitos e práticas religiosas nas trajetórias de vida de adultos em situação de rua na cidade de São Paulo.** Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo. São Paulo. 200 f. 2015. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-07072015-100223/publico/galvani_corrigida.pdf. Acesso em: 14 jan. 2024.

GARCIA PINTOS, Claudio. **O mar me contou:** a logoterapia aplicada ao dia a dia. Tradução de Mitsuo Mario Chigutti. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2017.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 6. ed. - [3. reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4. ed. [reimpr.]. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOOGLE SCHOLAR. **Página de pesquisa.** Disponível em: https://scholar.google.com/#d=gs_asd&t=1720145776291. Acesso em: 04 jul. 2024.

GOTO, Tommy Akira. Introdução à Fenomenologia: a nova psicologia de Edmund Russerl. São Paulo: Paulus, 2008.

GUBERMAN, Marta; SOTO, Eugenio Pérez. **Dicionário de Logoterapia.** Tradução de Augusto Marques. Lisboa, Portugal: Paulus Editora, 2006.

GUIMARÃES, Aluizio Geraldo de Carvalho. **A religiosidade de moradores de rua da cidade de Belo Horizonte:** uma via de subjetivação. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte. 184 f. 2010. Disponível em: http://www1.pucminas.br/documentos/dissertacao_aluizio_geraldo.pdf. Acesso em: 14 out. 2022.

GUIMARÃES, Aluizio Geraldo de Carvalho; MOREIRA, Jacqueline de Oliveira. A religiosidade do morador de rua e o sentido de vida: o caso Marcelo. **Revista Memorandum e História em Psicologia.** V. 20, p. 225-249, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6633/4207>. Acesso em: 14 jan. 2024.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo.** Tradução revisada e apresentação de Márcia Sá Cavalcante; Pós-fácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HESLIN, Kevin C.; ANDERSEN, Ronald M.; GELBERG, Lillian. **Use of faith-based social service providers in a representative sample of urban homeless women.** Journal of Urban

Health: Bulletin of the New York Academy of Medicine. 2003 Sep; V. 80(3), p. 371-382. doi: 10.1093/jurban/jtg051. PMID: 12930877; PMCID: PMC3455976. Disponível em: https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3455976/pdf/11524_2006_Article_229.pdf. Acesso em: 04 jul. 2024.

HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2014.

HUBERMAN, Leo. **História da riqueza do homem**. Tradução de Waltener Dutra. 17. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Inter-American Commission on Human Rights. **Situação dos direitos humanos no Brasil**: Aprovado pela Comissão Interamericana de Direitos Humanos em 12 de fevereiro de 2021 / Comissão Interamericana de Direitos Humanos. Disponível em: <http://www.oas.org/pt/cidh/relatorios/pdfs/Brasil2021-pt.pdf>. Acesso em: 2 nov. 2023.

JOÃO PESSOA, Prefeitura Municipal. **Assistência social**: Prefeitura atendeu mais de 1,6 mil pessoas em situação de rua e vulnerabilidade social no primeiro semestre. Reportagem 10 jul. 2023. Texto: Vitória Vieira. Edição: Andrea Alves. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/prefeitura-atendeu-mais-de-16-mil-pessoas-em-situacao-de-rua-e-vulnerabilidade-social-no-primeiro-semester/>. Acesso em: 12 jan. 2024.

_____. Prefeitura Municipal. **Censo 2023**: prefeitura inicia ação para traçar perfil da população em situação de rua na Capital. Reportagem 22 ago. 2023. Texto: Vitória Vieira. Edição: Andrea Alves. Disponível em: <https://www.joaopessoa.pb.gov.br/noticias/prefeitura-inicia-acao-para-tracar-perfil-da-populacao-em-situacao-de-rua-na-capital/>. Acesso em: 7 jan. 2024.

KASSER, Tim; RYAN, Richard M. A Dark Side of the American Dream: Correlates of Financial Success as a Central Life Aspiration. **Journal of Personality and Social Psychology**. 1993. Vol. 65, No. 2, 410-422. Disponível em: https://www.academia.edu/27454703/A_dark_side_of_the_American_dream_Correlates_of_financial_success_as_a_central_life_aspiration. Acesso em: 29 jan. 2024.

KIEFER, Sandra. **Abrigos para moradores de rua de BH estão lotados**. Estado de Minas, Belo Horizonte, 8 out. 2013. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/10/08/interna_gerais,457253/abrigos-para-moradores-de-rua-de-bh-estao-lotados.shtml. Acesso em: 8 nov. 2022.

KOENIG, Harold G. **Medicina, religião e saúde**: o encontro da ciência e da espiritualidade. Tradução de Iuri Abreu. Porto Alegre: L&PM, 2012.

KOVACS, Maria J. Espiritualidade e psicologia – cuidados compartilhados. **O mundo da saúde**. São Paulo, abr/jun, V. 31, n. 2, p. 246-255, 2007. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/900/837>. Acesso em: 13 jan. 2024.

KRÜGER, Helmuth. **Crenças e sentido de vida**. Curitiba: CRV, 2017.

LANCELOTTI, Julio Renato. **Tinha uma pedra no meio do caminho**: invisíveis em situação de rua. São Paulo: Matrioska Editora, 2021.

LEITE, Bruno Rodrigues. **A condição da população em situação de rua**. Curitiba: CRV, 2020.

LEVI, Primo. **É isto um homem?** Tradução de Luigi Del Re. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

LEWIS, C. S. **Cristianismo puro e simples**. Tradução de Gabriele Greggensen. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

LUKAS, Elisabeth. **Logoterapia - A força desafiadora do espírito**: métodos de Logoterapia. Revisão de Silvana Cobucci. São Paulo: Edições Loyola, 1989.

_____. **Prevenção psicológica**. Tradução de Carlos Almeida Pereira. Revisão Técnica de Helga Hinkenickel Reinhold. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1992.

_____. **Psicologia espiritual**: fontes de uma vida plena de sentido. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2002.

MAIOR, A. Souto. **História Geral**. 15. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975.

MARIA BICUDO, professora/pesquisadora. **Página de início**. Disponível em: <http://www.mariabicudo.com.br>. Acesso em: 13 jul. 2024.

MARINGONI, Gilberto. O destino dos negros após a Abolição. **Revista Desafios do Desenvolvimento**, São Paulo, v. 8, n. 70, p. 34-42, 2011. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/7026/1/Desafios_Desenvolvimento_v.8_n.70_2011.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

MARQUES, Amadeu. **Dicionário Inglês|Português. Português|Inglês**. São Paulo: Editora Ática, 2004.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em Psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 2. ed. São Paulo: Editora Moraes. 1994.

MARTINS, Yago. **A máfia dos mendigos**: como a caridade aumenta a miséria: o pastor que fingiu ser morador de rua explica por que nossas tentativas de vencer a pobreza continuam fracassando. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MERIJÉ, Wagner. **Conhece-te a ti mesmo**: pensamentos e práticas à procura de novas primaveras. São Paulo: Aquarelas Brasileiras Livros, 2021.

MINAS GERAIS, Ministério Público. **Direitos do morador de rua**: um guia na luta pela dignidade e cidadania. Cartilha elaborada pelo Ministério Público do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <https://www.mpam.mp.br/images/stories/CAOPDC/Cartilha-Direitosdomoradorderua.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2024.

MONDIN, Batista. **Os valores fundamentais**. Tradução de Ir. Jacinta Torolo Garcia. Bauru, SP: Edusc, 2005.

MOUNIER, Emmanuel. **O personalismo**. Tradução de Vinícius Eduardo Alves. São Paulo: Centauro, 2004.

NOVA ENCICLOPÉDIA BARSA. 6.ed. **Verbetes fé**. São Paulo: Balsa Planeta Internacional, 2002. v. 6.

_____. 6.ed. **Verbetes estratégia**. São Paulo: Balsa Planeta Internacional, 2002. v. 6.

PACCIOLLA, Aureliano. **Psicologia contemporânea e Viktor Frankl**: fundamentos para uma psicoterapia existencial. Prefácio de Thiago A. Avellar de Aquino. Tradução de Silvana Cambucci. Vargem Grande Paulista, SP: Editora Cidade Nova, 2015.

PANZINI, Raquel Gehrke. **Escala de coping religioso-espiritual (escala CRE)**: tradução, adaptação e validação da escala RCOPE, abordando relações com saúde e qualidade de vida. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 238 f. 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7100/000539280.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 jun. 2024.

PANZINI, Raquel Gehrke; BANDEIRA, Denise Ruschel. Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. **Revista Psiquiatria Clínica**, São Paulo, 34, supl 1; p. 126-135, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rpc/a/BxLcY5gJFkgTZRnL4kXxYFH/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2024.

PARAÍBA, Tribunal de Justiça. **Juiz reconsidera decisão e ordena que Município de JP ofereça 117 vagas para a população em situação de rua**. Reportagem 8 mai. 2020. Texto: Lenilson Guedes. Disponível em: <https://www.tjpb.jus.br/noticia/juiz-reconsidera-decisao-e-ordena-que-municipio-de-jp-ofereca-117-vagas-para-a-populacao-em>. Acesso em: 5 jan. 2024.

PAREJA HERRERA, Guillermo. **Viktor Frankl**: comunicação e resistência. Tradução de Mitsuo Mário Chigutti, Terezinha Oliveira Chigutti. São José dos Campos, SP: Editora Buysca Sentido, 2021.

PARGAMENT, Kenneth I. **The psychology of religion and coping**. theory, research, practice. New York, NY: The Guilford Press, 1997.

PASSOS, João Décio. **Como a religião se organiza**: tipos e processos. São Paulo: Paulinas, 2006.

PEREIRA, Ivo Studart. **A ética do sentido da vida**: fundamentos filosóficos da logoterapia. Aparecida: Ideias & Letras, 2013.

_____. **Tratado de Logoterapia e análise existencial**: filosofia e sentido da vida na obra de Viktor Emil Frankl. São Leopoldo: Sinodal, 2021.

PESSOA, Jimmy Barbosa. **Sem endereço para ir e sem um lar para voltar**: sobre o sentido na vida em Frankl, estratégias de coping e questões da existência com moradores de rua na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo. Instituto de Psicologia. 265 f. 2024. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-05062024-165818/publico/TeseJimmyPessoaVersaocorrigida.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2024.

PONTES, Alisson de Menezes. **O sentido na vida em pessoas vivendo com HIV/AIDS**. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco. 141 f. 2019. Disponível em: https://prceu.usp.br/wp-content/uploads/2021/05/Ok_alisson_meneses_pontes.pdf. Acesso em: 23 abr. 2024.

RICHARD, S. Lazarus; SUSAN, Folkman. **Stress, appraisal, and coping**. New York, NY: Springer Publishing Company, Inc., 1984.

RIO, João do. **A alma encantadora da rua**: crônicas. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1985. Edição disponível em: http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204210/4101365/alma_encant_ruas.pdf. Acesso em: 5 jan. 2024.

RODRIGUES, Igor; FERNANDES, Dmitri Cerboncini (Org.). **Cidadãos em situação de rua**: dossiê Brasil – grandes cidades. Curitiba: CRV, 2020.

ROGERS, Carl R. **Um jeito de ser**. Tradução de Maria Cristina Machado Kupfer, Heloisa Lebrão e Yone Souza Patto, Revisão da tradução de Maria Helena Souza Patto. São Paulo: EPU, 1983.

SARMENTO, Isabella Viegas Moraes. **A ineficácia das políticas públicas destinadas à população em situação de rua**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2020.

SCIELO - Scientific Electronic Library Online. **Lista de periódicos**. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 04 jul. 2024.

SILVA, Maria Lucia Lopes da. **Trabalho e população em situação de rua no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2009.

SILVA, Virgínia Macêdo S. **Pés excluídos**: o imaginário religioso da população em situação de rua em João Pessoa-PB. Dissertação de Mestrado em Ciências das Religiões. Centro de Educação. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa. 131 f. 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4228/1/arquivototal.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2024.

SOUZA, João Paulo Bezerra de; MARANHÃO, Thércia Lucena Grangeiro; CARVALHO, Maria das Graças de; RODRIGUES, Katissa Galgânia Feitosa Coutinho. Espiritualidade Enquanto Estratégia Subjetiva em Busca de Sentido para a Vida. **Id on Line Revista de Psicologia**. v.12, n. 39. p. 505-518. 2018 – ISSN 1981-1179. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1010/1449>. Acesso em: 14 jan. 2024.

SPINVISÍVEL. **Assistência social x assistencialismo**: qual a diferença? 6 jan. 202. Disponível em: https://www.spinvisivel.org/post/assist%C3%Aancia-social-x-assistencialismo-qual-a-diferen%C3%A7a?gclid=Cj0KCQjwk5ibBhDqARIsACzmgLQcs-IsiWkWv1WfxXR2dQj3bTDyJ3GzLePvGIj-X9U91v7HeoeuyHYaAn37EALw_wcB. Acesso em: 08 nov. 2022.

SZCZESNIAK, Malgorzata; SZMUC, Katarzyna; TYTONIK, Barbara; CZAPROWSKA, Anna; IVANYTSKA, Mariia; MALINOWSKA, Agnieszka. Moderating Effect of Help-Seeking in the Relationship between Religiosity and Dispositional Gratitude among Polish Homeless Adults: A Brief Report. **International Journal of Environmental Research and Public Health**. v. 19 n. 3, 1045. 2022. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8834600/pdf/ijerph-19-01045.pdf>. Acesso em: 05 jul. 2024.

TEIXEIRA, Paulo Marcelo Marini. Estados da Arte: aparando arestas na compreensão dessa modalidade de pesquisa. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 29, e23034, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/vZDnsY48PqFyr5Jc7N7htbp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jul. 2024.

TILLICH, Paul. **A coragem de ser**. Baseado nas Conferências Terry, pronunciadas na Yale University. Tradução Eglê Malheiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

_____. **Teologia sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Komdörfer. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2014.

_____. **A coragem de ser**: baseado nas conferências Terry, pronunciadas na Yale University. Tradução de Eglê Malheiros. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

TIM FAZ CIÊNCIA – O que é verificar? (Dr. José Sérgio Carvalho). YouTube, 17 de maio de 2016. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=hg8r9al_iZs. Acesso em: 17 jul. 2024.

VAILLANT, George E. **Fé: evidências científicas**. Tradução de Isabel Alves. Barueri, SP: Manole, 2010.

World Health Organization. Division of mental health and prevention of substance abuse. WHOQOL and spirituality, religiousness and personal beliefs (SRPB). Genève: 1998 (Report on WHO consultation). Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/70897/WHO_MSA_MHP_98.2_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 4 mai. 2021.

XAUSA, Izar A.M.. **Viktor E. Frankl entre nós**: história da logoterapia no Brasil. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

_____. **Psicologia do sentido**. 2.ed. Campinas: Vide Editorial, 2013.

_____. **O sentido dos sonhos na psicoterapia em Viktor Frankl**. Belo Horizonte: Editora Artesã, 2019.

APÊNDICES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado (a) Senhor (a)

Esta pesquisa é sobre a possibilidade da fé auxiliar na percepção do sentido na vida, para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das dificuldades vividas em seu ambiente e está sendo desenvolvida por **Emildson Cavalcanti Junior**, do Programa de pós-graduação de Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do **Prof. Dr. Thiago Antônio Avellar de Aquino**.

O objetivo do estudo é verificar a crença na percepção do sentido na vida, como força desafiadora para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das dificuldades vividas em seu ambiente.

A finalidade deste trabalho é contribuir com a possibilidade da compreensão do sentido na vida, através da fé, junto a população em situação de rua, como forma de facilitar o enfrentamento das dificuldades vividas no dia a dia. Assim como, apresentar às instituições públicas e/ou privadas, diante dos resultados, a viabilidade de facilitação de sua continuidade, possibilitando assessoria de trabalho, para melhorar as vidas de pessoas em situação de rua na cidade de João pessoa.

A presente pesquisa pode levar os participantes a descobrirem sentidos e valores frente a situação que estão vivendo. Contudo, **pode trazer alguns riscos**, como por exemplo, algum constrangimento/desconforto, por estar diante de uma pessoa desconhecida, procurando saber sobre sua vida. Ou pode provocar mal emocional, como ansiedade, na medida em que, durante a entrevista, algum participante relate suas vivências pessoais se emocionando com algumas destas lembranças da vida.

Nesse caso, para amenizar esses riscos, o pesquisador interromperá a pesquisa e a gravação e, por meios psicoterápicos – tendo em vista sua formação como Psicólogo, buscará acalmar o participante e, caso ele decida continuar, retomará a entrevista. Caso não queira dar continuidade, sua vontade será respeitada, e a entrevista encerrada.

Espera-se com esta pesquisa alguns **benefícios**, como a possibilidade de um maior conhecimento pessoal do participante, no tocante ao sentido na vida. Da mesma forma,

facilitar uma maior percepção sobre sua fé, no enfrentamento das dificuldades diárias em seu ambiente de vivência. Objetiva-se ainda, em posse dos resultados, facilitar órgãos públicos ou instituições privadas, em parceria ou não, a contribuírem para um maior progresso nas áreas da pedagogia, assistência social e psicologia, possibilitando melhorias para as pessoas em situação de rua, na cidade de João Pessoa e provocando novos estudos sobre o tema abordado.

Solicitamos a sua colaboração para responder a uma entrevista, **com duração média de trinta minutos**, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e/ou ciências da religião e publicar em revista científica nacional e/ou internacional. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo absoluto.

Esclarecemos que a pesquisa atende a todas as prescrições da **Res. CNS 466/2012 e Res. 510/2016** e que a sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador(a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Considerando, que fui informado(a) dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações). Estou ciente que receberei uma via desse documento.



João Pessoa, _____ de _____ de _____

Impressão Datiloscópica

Assinatura do(a) Participante

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador Emildson Cavalcanti Junior – E-mail: emildson@gmail.com

Endereço: Av. Juarez Távora, 522 – Torre – CEP: 58040-020 – João Pessoa – PB

Telefone: Cel (83) 99920-2028

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I

Endereço: Cidade Universitária – 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

Telefone: (83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 hs.

Atenciosamente,

Emildson Cavalcanti Junior
Assinatura do Pesquisador Responsável

obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

TERMO PARA AUTORIZAR A GRAVAÇÃO

Eu, _____, depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “A fé como força desafiadora do sentido na vida: estratégias de enfrentamento às dificuldade das ruas, para a população em situação de rua, em João Pessoa”, poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, **AUTORIZO**, por meio deste termo, os pesquisadores **Emildson Cavalcanti Junior e o prof. Dr. Thiago Antônio Avellar de Aquino** a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta **AUTORIZAÇÃO** foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea “a” da Constituição Federal de 1988.
5. Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do pesquisador Emildson Cavalcanti Junior, e após esse período serão destruídos.
6. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as diretrizes previstas na Resolução Nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.



João Pessoa, _____ de _____ de _____

Impressão Datiloscópica

Assinatura do(a) Participante

Contato do Pesquisador (a) Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador Emildson Cavalcanti Junior – E-mail: emildson@gmail.com

Endereço: Av. Juarez Távora, 522 – Torre – CEP: 58040-020 – João Pessoa – PB

Telefone: Cel (83) 99920-2028

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I

Endereço: Cidade Universitária – 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB

Telefone: (83) 3216-7791 – E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

Horário de Funcionamento: 08:00 às 12:00 e das 14:00 às 17:00 hs.

Atenciosamente,

Emildson Cavalcanti Junior
Assinatura do Pesquisador Responsável

obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TAG apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

Instrumento de Coleta de Dados – Entrevista Semiestruturada

Data: ____/____/____

- 1) Quantos anos você tem?
- 2) Você nasceu em João Pessoa?
- 3) “Caso não tenha nascido aqui”, há quanto tempo vive em João Pessoa?
- 4) O que você faz, tem uma profissão?
- 5) Há quanto tempo está vivendo nas ruas?
- 6) Você pode, de forma resumida, falar um pouco da sua história?
- 7) Como é para você viver nas ruas?
- 8) Como você enfrenta os problemas que a vida lhe coloca?
- 9) Você acredita que um dia as coisas poderão melhorar?
- 10) O que você espera do atendimento do Centro Pop, no momento?
- 11) Se sua vida fosse terminar hoje, quais as suas principais realizações?
- 12) Você tem algum projeto para o futuro?
- 13) Como você se percebe na sua relação com Deus?
- 14) Você tem uma religião?
- 15) Se a resposta for positiva, como você pratica sua religião/espiritualidade?
- 16) E família, você se sente parte de uma?

ANEXOS

Anexo A - Certificação de Projeto

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CERTIDÃO Nº 87/2022 - PPGCR (11.00.56.04)

157

Nº do Protocolo: 23074.107307/2022-68

João Pessoa-PB, 21 de Novembro de 2022

Certificamos que o projeto " A FÉ COMO FORÇA DESAFIADORA DO SENTIDO DA VIDA: ESTRATÉGIAS DE ENFRENTAMENTO ÀS DIFICULDADES DAS RUAS, PARA A POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA, EM JOÃO PESSOA, apresentado pelo discente EMILDSON CAVALCANTI JUNIOR, CPF: ***.678.657-**, matrícula 20211021490, nível Mestrado, recebeu aprovação ad-referendum do Colegiado do Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões para ser submetido à apreciação do CEP/CCS/UFPB, nesta data.

(Assinado digitalmente em 21/11/2022 14:03)

MARINILSON BARBOSA DA SILVA

COORDENADOR DE CURSO

Matrícula: 1732469

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufpb.br/documentos/> informando seu número: **87**, ano: **2022**, documento (espécie): **CERTIDÃO**, data de emissão: **21/11/2022** e o código de verificação: **8fa0c9ec12**

Anexo B - Parecer do Comitê de Ética

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A fé como força desafiadora do Sentido na vida: estratégias de enfrentamento às dificuldades das ruas, para a população em situação de rua, em João Pessoa.

Pesquisador: Emildson Cavalcanti Junior

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 65469722.5.0000.5188

Instituição Proponente: CENTRO DE EDUCAÇÃO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.810.266

Apresentação do Projeto:

Projeto do Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões/CE/UFPB.

O presente estudo será realizado através de uma pesquisa qualitativa, de método indutivo, com o propósito descritivo, identificando prováveis relações entre as variáveis fé e sentido na vida, visando descrever se é possível a fé auxiliar desafiadoramente a percepção do sentido na vida, para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das

dificuldades vividas em seu ambiente. Para coleta de dados, pretende-se usar entrevista semiestruturada, com perguntas já efetivadas, porém de forma aberta. A análise desses dados se dará através da fenomenologia, procurando na suspensão e redução fenomenológica, a melhor aproximação possível da realidade objetivada, para elaboração e divulgação dos resultados.

Trabalhar com a população em situação de rua, na cidade de João Pessoa, no eixo Jaguaribe-Centro-Torre, sendo 5 pessoas adultas, alfabetizadas do gênero masculino e 5 pessoas adultas, alfabetizadas do gênero feminino, todos usuários/frequentedores do Centro Pop I, situado na Rua Treze de Maio, 508 - Centro, João Pessoa, lugar de realização da pesquisa.

Hipótese:

Não se aplica.

Critério de Inclusão:

Moradores em situação de rua adultos, alfabetizados.

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.810.266

Critério de Exclusão:

Moradores em situação de rua adultos, alfabetizados, que se recusarem a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Objetivo da Pesquisa:

Verificar a crença na percepção do sentido na vida, como força desafiadora para a pessoa em situação de rua, no enfrentamento das dificuldades vividas em seu ambiente.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A presente pesquisa pode levar os participantes a descobrirem sentidos e valores frente a situação que estão vivendo. Contudo, pode trazer alguns riscos, como por exemplo algum constrangimento/desconforto por estar diante de uma pessoa desconhecida, procurando saber sobre sua vida. Ou pode provocar mal estar emocional, como ansiedade, na medida em que, durante a entrevista, algum participante relate suas vivências pessoais, se emocionando com algumas destas lembranças da vida. Nesse caso, para amenizar esses riscos, o pesquisador interromperá a pesquisa e a gravação e, por meios psicoterápicos – tendo em vista sua formação como Psicólogo, buscará acalmar o participante e, caso ele decida continuar, retomará a entrevista. Caso não queira dar continuidade, sua vontade será respeitada, e a entrevista encerrada.

Benefícios:

Espera-se com esta pesquisa alguns benefícios, como a possibilidade de um maior conhecimento pessoal do participante, no tocante ao sentido na vida. Da mesma forma, facilitar uma maior percepção sobre sua fé, no enfrentamento das dificuldades diárias em seu ambiente de vivência. Objetiva-se ainda, em posse dos resultados, facilitar órgãos públicos ou instituições privadas, em pareceria ou não, a contribuírem para um maior progresso nas áreas da pedagogia, assistência social e psicologia, possibilitando melhorias para as pessoas em situação de rua, na cidade de João Pessoa e provocando novos estudos sobre o tema abordado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Em consonância com os objetivos, referencial teórico, metodologia e referências.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Apresenta os documentos necessários.

Recomendações:

Divulgar resultados.

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOÃO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 5.810.266

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sem pendências.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasil, via Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2041011.pdf	24/11/2022 22:39:21		Aceito
Outros	instrumento_coleta_emildson.pdf	24/11/2022 22:25:52	Emildson Cavalcanti Junior	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_emildson.pdf	24/11/2022 22:23:54	Emildson Cavalcanti Junior	Aceito
Orçamento	orcamento_emildson.pdf	24/11/2022 22:22:00	Emildson Cavalcanti Junior	Aceito
Cronograma	cronograma_emildson.pdf	24/11/2022 22:20:09	Emildson Cavalcanti Junior	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_pesquisa_emildson.pdf	24/11/2022 22:18:44	Emildson Cavalcanti Junior	Aceito
Outros	certidao_de_aprovacao_projeto_emildson.pdf	24/11/2022 22:16:25	Emildson Cavalcanti Junior	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto_emildson.pdf	24/11/2022 22:11:49	Emildson Cavalcanti Junior	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br

CENTRO DE CIÊNCIAS DA
SAÚDE DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DA PARAÍBA -
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 5.810.266

JOAO PESSOA, 13 de Dezembro de 2022

Assinado por:
Eliane Marques Duarte de Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar

Bairro: Cidade Universitária

CEP: 58.051-900

UF: PB

Município: JOAO PESSOA

Telefone: (83)3216-7791

Fax: (83)3216-7791

E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br



PREFEITURA MUNICIPAL DE JOÃO PESSOA
SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS E CIDADANIA-SEDHUC

TERMO DE ANUÊNCIA

EU, **JOÃO CARVALHO DA COSTA SOBRINHO**, Gestor das ações socioassistenciais no Município de João Pessoa, **AUTORIZO** a coleta de dados para Pesquisa Intitulada: **“A fé como força desafiadora do sentido da vida: estratégias de enfrentamento às dificuldade das ruas, para a população em situação de rua, em João Pessoa”**, desenvolvida pelo pesquisador: **EMILDSO CAVALCANTI JUNIOR**, sob orientação do Pro^{fo} Dr^o Thiago Antonio Avellar de Aquino do Centro de Educação- CE, da Universidade Federal da Paraíba-UFPB. Sendo utilizado como instrumento para a coleta de dados a coleta de informações entrevista com pessoas em situação de rua – beneficiarias do serviço socioassistencial, Centro de Referência para População em Situação de Rua – **CENTRO-POP**, do município de João Pessoa.

Quaisquer despesas decorrentes da pesquisa, será arcada pela pesquisadora.

A pesquisa obedecerá a Resolução 466/2012 do CNS.

João Pessoa 24 de novembro de 2022.

JOÃO CARVALHO DA COSTA SOBRINHO
Secretário SEDHUC





VERIFICAÇÃO DAS ASSINATURAS



163

Código para verificação: 87E0-E01C-D265-BA2B

Este documento foi assinado digitalmente pelos seguintes signatários nas datas indicadas:



JOÃO CARVALHO DA COSTA SOBRINHO (CPF 436.XXX.XXX-53) em 25/11/2022 09:26:24
(GMT-03:00)
Papel: Parte
Emitido por: Sub-Autoridade Certificadora 1Doc (Assinatura 1Doc)

Para verificar a validade das assinaturas, acesse a Central de Verificação por meio do link:

<https://joaopessoa.1doc.com.br/verificacao/87E0-E01C-D265-BA2B>